

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

RAFAEL DE CASTRO MEHRET

**A COLÔNIA CECÍLIA ENQUANTO ELEMENTO DE ANÁLISE PARA A
COMPREENSÃO DA HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DO JORNAL GAZETA DE
PALMEIRA: UM RECORTE DOS ANOS 1990 – 1991 / 2003 / 2015 – 2016.**

PONTA GROSSA

2018

RAFAEL DE CASTRO MEHRET

**A COLÔNIA CECÍLIA ENQUANTO ELEMENTO DE ANÁLISE PARA A
COMPREENSÃO DA HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DO JORNAL GAZETA DE
PALMEIRA: UM RECORTE DOS ANOS 1990 – 1991 / 2003 / 2015 – 2016.**

Dissertação apresentada para obtenção
do título de mestre no Programa de
Mestrado Profissional em Ensino de
História.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista
Chaves.

PONTA GROSSA

2018

M498

Mehret, Rafael de Castro

A Colônia Cecília enquanto elemento de análise para a compreensão da história local a partir do Jornal Gazeta de Palmeira: um recorte dos anos 1990-1991/2003/2015-2016/ Rafael de Castro
Mehret. Ponta Grossa, 2018.

138f.;

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – Área de concentração – História, Cultura e Identidades),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves

1. História – Ensino. 2. História local. 3. Colônia Cecília.
4. Anarquismo. I. Chaves, Niltonci Batista. II. Universidade
Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História. III. T.

CDD : 981.62

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos– CRB9/986



TERMO DE APROVAÇÃO

RAFAEL DE CASTRO MEHRET

A COLÔNIA CECÍLIA ENQUANTO ELEMENTO DE ANÁLISE PARA A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DO JORNAL GAZETA DE PALMEIRA: UM RECORTE DOS ANOS 1990-1991/ 2003/ 2015-2016.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 28 de agosto de 2018, pela seguinte Banca Examinadora:


Profº Drº NILTONCI BATISTA CHAVES (UEPG)
(Orientador)


Profª Drª ANDRÉA MAZUROK SCHACTAE (IFPR)


Profº Drº Fábio Luciano Iachtech

Ponta Grossa, 28 de agosto de 2018.

Dedico este trabalho ao meu filho João Davi o qual, foi meu grande incentivo nesta reta final, e a todos os anarquistas do mundo, afinal, vocês transformam a história pensando e agindo, tornam a utopia real através da limpeza de seus caráteres.

AGRADECIMENTOS

Cursar o Mestrado era um desejo desde o final da Graduação, nos idos de 2008, realizar esse desejo hoje, praticamente dez anos depois é, sem dúvida um momento especial e muito gratificante.

Para que essa importante fase da minha vida acadêmica e profissional fosse concretizada várias pessoas se envolveram e dedicaram tempo, ouvidos, conhecimentos e muita paciência.

Reconhecer cada um é mais que um agradecimento, é uma forma mínima de expor o quanto presente vocês estão nessas linhas.

Começo agradecendo a Deus, um guia em todos os momentos, longe de dogmas religiosos, o caminho e a força em momentos de dúvidas e incertezas.

Ao Professor Dr. Niltonci Batista Chaves o qual, desde o final da minha graduação me incentivou a ingressar na pós-graduação, atendendo sempre, entre uma cerveja e outra, as minhas preocupações quanto a essa etapa. Além disso, me norteou enquanto orientador deste trabalho, compartilhando seus conhecimentos para a construção do mesmo.

À Professora Dra. Janaina de Paula do Espírito Santo, que sempre acreditou em minha capacidade mesmo quando eu duvidava, sendo sempre uma inspiração por sua notável inteligência e dedicação a todos, tratando cada pessoa que chega até ela de forma humana e totalmente horizontal.

À minha família, minha mãe, pai e irmãos, todos eles, Virgínia (mãe), Delmar (pai), Delmar Filho (irmão), Franscine (irmã), Maycoln (irmão), Amanda (irmã), cada qual de seu jeito contribuiu como pode, seja me tranquilizando ou simplesmente existindo.

À meus amigos, todos eles, afinal, a vida é mais intensa e muito mais divertida ao lado de vocês, mesmo em momentos de intensa leitura e escrita.

À meus colegas de turma que nos momentos onde mais nos víamos perdidos dividiam essas angústias, tornando-as mais leves, em especial meu amigo Allan e sua companheira Emanuelle, que várias vezes deixaram de lado suas próprias neurases, e não eram poucas, para me incentivar a seguir em frente.

Aos amigos do Jornal Gazeta de Palmeira, senhor Moacir e Anelise, pessoas que sempre estiveram a disposição para contribuir com esse trabalho, sabendo da importância em aprofundar as discussões sobre a Colônia Cecília e, por

consequência, da história de Palmeira, disponibilizando todo seu acervo para que minha pesquisa fosse concluída.

De forma mais enfática, agradeço à minha companheira Priscila, que não esteve comigo em apenas esse momento, mas que está comigo em cada passo nessa longa jornada da vida. A pessoa que sempre me ofereceu abrigo e que mais lutou ao meu lado, me ensinando a ser sempre forte para seguir e sempre humano para compreender. Sua participação é parte fundamental em cada letra desse trabalho, e termina-lo é, sem dúvida, uma prova de sua importância em mim.

DAS UTOPIAS

*Se as coisas são inatingíveis... ora
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não forá
A mágica presença das estrelas!*

(Mario Quintana)

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade a busca em perceber a relevância da história local e especificamente da Colônia Cecília e sua ideologia norteadora para a construção da memória histórica da cidade Palmeira-Pr. Desta maneira, a realização do trabalho se dá através da análise do jornal “Gazeta de Palmeira”, entre os anos de 1990 – 1991 (período que incorpora o centenário da Colônia), 2003 (ano da formação da rota rural “Caminhos da Cecília”) e também entre os anos de 2015 - 2016 (período da inauguração oficial do Memorial da Colônia Cecília e da retomada do projeto da rota da Colônia), os quais foram selecionados devido a ligação com momentos específicos da história da Colônia Cecília. Buscamos, enfim, através desta análise compreender como a sociedade de Palmeira vai ressignificar a experiência da Colônia Cecília. Para isso, associamos a visão do Jornal com as atitudes da comunidade e do Estado em seu esforço para resgate e preservação deste evento enquanto componente formativo fundamental para o entendimento da história local.

Palavras-chave: Ensino de História, História do tempo presente, Cultura visual, mídias e linguagens, História local, Colônia Cecília, Anarquismo.

ABSTRACT

The present paper aims to perceive the relevance of the local history, specifically, Colonia Cecília's and its guiding ideology for the construction of the historical memory of the city of Palmeira -PR. Thus, the work's accomplishment is done through the analysis of the newspaper "Gazeta de Palmeira" in the years between 1990-1991 (period which incorporates the Colony's centennial), 2003 (year of "Caminhos da Cecília" rural route's formation) and also between the years 2015-2016 (period of the official inauguration of Colonia Cecília's Memorial and the and the retake from the Colony's route project), such years were selected for its connection to specific moments of Colonia Cecilia. Finally, through this analysis we aim to comprehend how the society of Palmeira will reframe Cecilia Colony's experience. To achieve it, we associated de Newspaper's view with the attitudes of the community and the State in its effort to recall and preserve such event as a fundamental formative component to understand the local history.

Key words: History teaching, Present time History, Visual culture, media and languages, Local History, Colônia Cecília, Anarchism

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Memorial Anarquista visto de cima - Google Maps – 23/04/2018.....	78
IMAGEM 2: Memorial Anarquista - Casa Anarquista	92
IMAGEM 3: Memorial Anarquista – Busto de Giovanni Rossi.....	93
IMAGEM 4: Memorial Anarquista – Painel 1	93
IMAGEM 5: Memorial Anarquista – Painel 2	94
IMAGEM 6: Memorial Anarquista – Painel 3	94
IMAGEM 7: Memorial Anarquista – Painel 4	95
IMAGEM 8: Memorial Anarquista – Painel 5	95
IMAGEM 9: Memorial Anarquista – Painel 6	96
IMAGEM 10: Memorial Anarquista – Painel 7	96
IMAGEM 11: Memorial Anarquista – interior da Casa Anarquista - Banner 1 – 25/01/2018	97
IMAGEM 12: Memorial Anarquista – interior da Casa Anarquista - Banner 2 – 25/01/2018	98
IMAGEM 13: Memorial Anarquista – interior da Casa Anarquista - Banner 3 – 25/01/2018	98
IMAGEM 14: Memorial Anarquista – Placa de indicação da obra - 25/01/2018.....	99

LISTA DE FONTES

FONTE 1: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de julho de 1990. p. 4.....	46
FONTE 2: Jornal Gazeta de Palmeira 25 a 31 de agosto de 1990. p.9	49
FONTE 3: Jornal Gazeta de Palmeira 6 a 12 de outubro de 1990. Suplemento da Gazeta, p. 4.....	51
FONTE 4: Jornal Gazeta de Palmeira 10 a 19 de outubro de 1988	52
FONTE 5: Jornal Gazeta de Palmeira 03 a 09 de novembro de 1990 – capa	53
FONTE 6: Jornal Gazeta de Palmeira 03 a 09 de novembro de 1990. p. 3	54
FONTE 7: Jornal Gazeta de Palmeira 06 a 12 de abril de 1991 – p. 5	55
FONTE 8: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de junho de 1991 – capa.....	57
FONTE 9: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de junho de 1991 – p. 7	57
FONTE 10: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de junho de 1991 – p. 7	59
FONTE 11: Jornal Gazeta de Palmeira 22 a 28 de março de 2003 – p. 4	61
FONTE 12: Jornal Gazeta de Palmeira 26 de julho a 1º de agosto de 2003 – capa)62	
FONTE 13: Jornal Gazeta de Palmeira 26 de julho a 1º de agosto de 2003 – p. 9...63	
FONTE 14: Jornal Gazeta de Palmeira 02 a 08 de agosto de 2003 – p. 7	65
FONTE 15: Jornal Gazeta de Palmeira 09 a 15 de agosto de 2003 – p. 8	66
FONTE 16: Jornal Gazeta de Palmeira 04 a 10 de outubro de 2003 – p. 7	67
FONTE 17: Jornal Gazeta de Palmeira 01 a 07 de novembro de 2003 – p. 14	68
FONTE 18: Jornal Gazeta de Palmeira 13 a 19 de dezembro de 2003 – p. 9	70
FONTE 19: Jornal Gazeta de Palmeira 20 a 26 de dezembro de 2003 – p. 9	71
FONTE 20: Jornal Gazeta de Palmeira 27 de dezembro de 2003 a 16 de janeiro de 2004 – p. 9	73
FONTE 21: Jornal Gazeta de Palmeira 16 a 22 de janeiro de 2015 – p. 2	76
FONTE 22: Jornal Gazeta de Palmeira 30/01 a 05/02 de 2015 – p. 7	77
FONTE 23: Jornal Gazeta de Palmeira 05 a 11 de junho de 2015 – p. 14	80
FONTE 24: Jornal Gazeta de Palmeira 17 a 23 de julho de 2015 – p. 13.....	81
FONTE 25: Jornal Gazeta de Palmeira 31/07 a 06/08 de 2015 – p. 7	82
FONTE 26: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 27 de agosto de 2015 – p. 12	83
FONTE 27: Jornal Gazeta de Palmeira 11 a 17 de setembro de 2015 – p. 12	84
FONTE 28: Jornal Gazeta de Palmeira Edição especial Palmeira 196 anos – p. 9 - primeira parte	86
FONTE 29: Jornal Gazeta de Palmeira Edição especial Palmeira 196 anos – p. 9 - segunda parte.....	86

FONTE 30: Jornal Gazeta de Palmeira 5 a 11 de fevereiro de 2016 – p. 12	87
FONTE 31: Jornal Gazeta de Palmeira 25 a 31 de março de 2016 – p. 16	89
FONTE 32: Jornal Gazeta de Palmeira 1 a 7 de abril de 2016 – capa.....	90
FONTE 33: Jornal Gazeta de Palmeira 1 a 7 de abril de 2016 – p. 7	90
FONTE 34: Jornal Gazeta de Palmeira Edição Especial Aniversário abril 2016, p. 16-17 – primeira parte	91
FONTE 35: Jornal Gazeta de Palmeira Edição Especial Aniversário abril 2016, p. 16-17 – segunda parte.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 COLÔNIA CECÍLIA: AS DIRENTES ABORDAGEM DA PRÁXIS ANARQUISTA	22
2 O JORNAL ENQUANTO FONTE E COMO ABORDÁ-LA	31
3 A RESSIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ANARQUISTA NO JORNAL: UMA ANÁLISE DAS FONTES.....	43
4 A COLÔNIA CECÍLIA ADAPTADA PARA OS PARADIDÁTICOS	100
4.1 ENCARTE COMENTADO PARA OS PROFESSORES.....	103
4.1.2 MATERIAL PARADIDÁTICO	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS.....	133

INTRODUÇÃO

O final do período Imperial Brasileiro e a entrada da República trouxe consigo uma série de situações que envolviam uma discussão sobre a noção do que era o Brasil enquanto nação e quem eram os brasileiros.

Segundo Guimarães

Existia no Brasil dessa época um amplo debate sobre o caráter nacional brasileiro. Iniciado com a emancipação política, e retomado com ardor nos projetos abolicionistas e republicanos, esse debate esteve cercado pela fusão peculiar das idéias liberais e evolucionistas. (GUIMARÃES, 2007, p.11).

A mudança na forma de governo e a alteração da ordem social, com o fim da escravidão e com a grande imigração, provocaram uma grande alteração na ordem vigente. Os imigrantes europeus que chegaram ao Brasil trouxeram consigo muito mais que força de trabalho para as lavouras cafeeiras e para a industrialização nascente. Com eles vieram também as ideias de organização, militância e união dos trabalhadores pelo viés socialista e, principalmente com a imigração italiana, o anarquismo.

Essa interferência estrangeira é bem marcante na sociedade nesse momento, vê-se isso quando

A despeito, porém, da crença de um branqueamento possível a partir da introdução do "elemento estrangeiro", branco e europeu, logo a ação disciplinadora também se volta contra os novos imigrantes, àqueles que consigo trouxeram a "lepra da luta de classes". (GUIMARÃES, 2007, p.11).

Este cenário começa a se formar e trazer para o Brasil alguns conflitos para o momento, causando alguns abalos quando

Numa fazenda fluminense do litoral, denominada Martin de Sá e situada perto da divisa de São Paulo, os trabalhadores alemães, chegados havia pouco tempo de Hamburgo, rebelaram-se contra os maus tratos. O fazendeiro protestou, alegando que os imigrantes, "luxuosamente vorazes, começaram a exigir maior soma de alimentos (...) pretendendo igualmente que o proprietário os tratasse com iguarias delicadas e bebidas alcoólicas". Num universo rural cujas formas de revolta consistiam na fuga de escravos, ou no incêndio do canavial provocado pelo morador que o senhor de engenho expulsara, surge, de maneira organizada na Fazenda Martin de Sá, um fenômeno tão extravagante que nem tinha nome, o pacto rebelde dos colonos alemães tachado pelo fazendeiro de "pacto de ociosidade": a greve dos trabalhadores rurais. (ALENCASTRO e RENAUD, 1997, p. 300-301).

Alencastro e Renaux ensejam que a situação do trabalho no campo não era adequada para lidar com as questões trabalhistas trazidas com os imigrantes

europeus, uma vez que a escravidão se fez realidade por um período de mais de trezentos anos de nossa história, embora diminuindo gradativamente dentro do segundo império, até o início da república brasileira praticamente ainda figurava como forma de mão de obra.

Esta situação envolvia imigrantes europeus no geral, como portugueses, alemães e italianos, os quais questionavam as condições de trabalho que foram colocados, análogas à escravidão negra que se pretendia combater.

A partir do ano de 1886 famílias italianas já desembarcavam em São Paulo onde

Essas famílias dirigiam-se para o Brasil em virtude do quadro de atração de mão-de-obra para o país, atitude tomada pelo governo imperial após a abolição dos escravos com o intuito de não deixar faltar trabalhadores, sobretudo em São Paulo, onde a multiplicação de cafezais, a partir de 1870, os exigia. (ALVIM, 1998, p. 218).

Essa visão de Brasil, em que o imigrante colono teria finalmente uma oportunidade de construir patrimônio e uma vida digna, situação que não se daria facilmente na Europa industrial da época, foi alimentada em larga escala, gerando inclusive a chamada “febre brasileira” na Polônia (ALVIM, 1998, p. 217), aumentando as expectativas daqueles que tentavam imigrar.

Várias políticas públicas foram feitas pelo estado brasileiro incentivando a imigração e facilitando a vinda desta mão de obra, como no caso de 1884, quando o governo provincial paulista passou a custear integralmente o translado dos colonos para os núcleos. (ALVIM, 1998, p. 234).

Essas políticas compuseram um importante aspecto para o sucesso do fluxo migratório, afinal

As políticas de incentivo à imigração e à colonização provincial estiveram acompanhadas de um conjunto de expectativas, presentes tanto entre os recém chegados europeus como entre as elites locais. Quanto aos viajantes e seu destino, os agentes de propaganda na Europa haviam divulgado as riquezas deste “Novo Mundo”, sobretudo a fertilidade do solo e seu clima favorável ao desenvolvimento de uma agricultura semelhante à européia. Quanto à cena política provincial, evidenciava-se uma identificação das elites com os ideais de progresso e civilização, conduzindo-se também uma associação da figura do imigrante europeu às qualidades do labor. (LAMB, 1994, p.2).

É neste cenário de grande fluxo migratório que o Paraná do final do século XIX começa a receber imigrantes, tratando como

O "problema imigratório" foi definido com base na necessidade de criação de uma agricultura de abastecimento, em resposta à escassez e à carestia dos produtos agrícolas. Como resultado desta política, o cenário provincial foi continuamente transformado, com a chegada e instalação de contingentes imigratórios de procedência bastante variável. (LAMB, 1994, p.1).

Cabe ainda ressaltar que:

A formação do mercado de trabalho constitui peça fundamental para o desenvolvimento das atividades econômicas; no Paraná, o contingente de mão-de-obra escrava, que já não era muito numeroso, reduzia-se ainda mais devido a expansão da economia aurífera nas Minas Gerais e à cafeicultura do vale do Paraíba – que absorveram, por meio do comércio inter-provincial, aqueles trabalhadores. (MAGALHÃES, 2001, p. 30).

Sendo assim

(...) o Paraná se transforma no principal promotor da colonização com europeus no Sul do Brasil. É para este Estado que se dirigem imigrantes do Leste europeu, poloneses e italianos, e, em época mais recente, japoneses. (SEYFERTH apud MAGALHÃES, 2001, p. 31).

Este cenário descrito representa, à primeira vista, um campo fértil para o estabelecimento de uma colônia de imigrantes italianos, ansiosos pelas oportunidades que estas terras poderiam proporcioná-los.

Aqui reside, contudo, um importante aspecto de nossa pesquisa, já debatido por outros pesquisadores: teria Giovanni Rossi, idealizador da referida colônia, projetado intencionalmente, por causa de todos os fatores já apontados, uma colônia em terras paranaenses?

Tal pergunta foi respondida por Cândido de Mello Neto em seu livro "O anarquismo experimental de Giovanni Rossi. De Poggio al Mare à Colônia Cecília", quando em sua pesquisa descobre que a intenção primeira de Rossi era que tal criação se desse nas terras uruguaias. (MELLO NETO, 1998, p. 108).

Alimentou-se ainda este debate com um suposto encontro de Giovanni Rossi com o Imperador Pedro II, o qual teria se entusiasmado com as ideias propostas por Rossi, e lhe concedera as terras no Paraná, "essa afirmação, retomada inúmeras vezes, é baseada no relato que abre o romance de Afonso Schmidt, *Colônia Cecília*, já citado, publicado em 1942 e reeditado em 1980." (FELICI, 1998, p. 49).

No entanto, a própria Felici, assim como Mello Neto, denunciam esta falsa informação em suas obras, ressaltando inúmeras contradições temporais e espaciais.

Cabe ressaltar ainda, que Mello Neto afirma que as terras foram compradas pelos anarquistas “ao preço de L 15 (quinze liras) por hectare” (1998, p. 106), acrescentando um elemento importante para essa discussão.

Debate posto, fato é que “devido a problemas de saúde de alguns companheiros, o pequeno grupo de seis pessoas (incluindo uma mulher) resolveram parar e instalar a colônia socialista no Paraná.” (ROSCOCHE, 2011, p.28).

A colônia teve início no ano de 1890, quando um grupo de imigrantes italianos, motivado por ideais de liberdade e a busca por um modo alternativo de vida, desligado do capitalismo proveniente da revolução industrial da Europa da virada do século, chegam ao Brasil.

Para isso, organizou-se uma colônia sob os princípios do anarquismo libertário na cidade de Palmeira, no interior do Paraná.

Os princípios anarquistas podem ser melhor entendidos, quando Kropotkin na Enciclopédia Britânica em 1910 os define como:

É o nome dado ao princípio ou teoria de vida e conduta em que a sociedade é concebida sem governo -- a harmonia em tal sociedade é obtida, não pela submissão a leis, ou pela obediência a alguma autoridade, mas pela livre concordância estabelecida entre vários grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos em favor da produção e do consumo, e também para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado. Em uma sociedade desenvolvida nessas linhas, as associações voluntárias que estarão presentes em todos os campos da atividade humana, se estenderão de tal forma que substituirão o estado em todas suas funções. Elas constituirão uma rede composta por uma variedade infinita de grupos e federações de todos os tamanhos e graus, locais, regionais, nacionais e internacionais temporárias ou mais ou menos permanentes -- para todos os possíveis propósitos: produção, consumo e troca, comunicações, arranjos sanitários, educação, proteção mútua, defesa do território, e assim por diante; e, por outro lado, para a satisfação de um número crescente de necessidades científicas, artísticas, literárias e sociais. (KROPOTKIN, 1910)

Com base no exposto, é possível afirmar que a escolha pela teoria como guia, fez seu principal idealizador, Giovanni Rossi, entrar em uma vasta área de conhecimento que envolve ideais bem complexos.

Os ideais aqui estudados são mais claramente definidos pelo próprio Rossi quando ele afirma

Anarquia e desordem, hierarquia e ordem são escritos de vossos dicionários de sinônimos. Nós porém distinguimos a ordem natural da ordem superficial. As vossas ordens de cadeias, nas quais uma infinidade de hierarquias pressiona com terrível peso a coletividade, modelando seu espaço, com os meios gigantescos que possui, o pensamento, o sentimento, os costumes, o caráter, opondo-se com a força da autoridade religiosa, política, econômica, judiciária, militar, científica, artística ao desenvolvimento livre e integral da

individualidade; (...) a vossa ordem parece-nos um monte de grilhões que envolve um cadáver em plena decomposição; parece-nos, e realmente é, uma tremenda desordem na ordem natural. (ROSSI, 1891, p. 6-7).

Para Rossi a anarquia é “ [...] a verdadeira liberdade, a liberdade plena, completa, [...]” (ROSSI, 1891), o que tem como ponto de partida a definição de liberdade e como esta se estende aos demais envolvidos em uma experiência social deste porte.

Segundo Mueller

São essas as bases do pensamento de Rossi. A questão do experimentalismo é o epicentro do qual deriva toda sua ação: o anarquismo está sempre presente como expressão natural da relação de uma sociedade. Por natural ele entende a relação desenvolvida pelos seres humanos antes de se tornarem "civilizados" quando, segundo ele, se distanciam de sua essência. E através da formação de núcleos experimentais de vida anarquista que se poderia provar, para o mundo todo, a excelência do socialismo. (MUELLER, 1999, p.216).

Percebe-se então em Rossi uma análise diferente dos tradicionais anarquistas em sua visão internacionalista do movimento, para ele a experiência prática seria a forma possível de provar cientificamente que a vida no viés socialista era sim viável. (VASCONCELOS, 1996, p.14).

O Estado do Paraná, até o ano de 1853 integrava a província de São Paulo, quando se desmembrou desta, contava com duas cidades e sete vilas, entre as quais, Palmeira, a cidade que abrigou a experiência anarquista. Em 1858 já se configura como província do Império, com uma população de quase 70 mil pessoas, quando na época da chegada dos anarquistas italianos, o Paraná contava com uma população total de cerca de 249.491 habitantes, desses, uma parte de imigrantes significativa de imigrantes já habitavam a região desde 1829.

A cidade de Palmeira é localizada na Região Sul do Estado do Paraná, a 75 km a oeste de Curitiba, era apenas uma freguesia até o ano de 1870, quando é proclamada Vila, passando a obter foros de cidade em 1877, tornando-se oficialmente comarca em 1889 e ganhando sua autonomia apenas no ano de 1899. Com uma população na época em torno de 10.110 brasileiros e 819 estrangeiros, a produção agrícola movia a economia através, entre outras, da força produtiva dos variados grupos de imigrantes que habitaram o local, entre os quais os alemães, russos, poloneses, suíços, portugueses e italianos. (MELLO NETO, 1998, p. 92-93).

A influência desta teoria na sociedade da freguesia de Palmeira, recém-proclamada Vila, e na também recente província do Paraná, foi conflitante: por um

lado o momento de entrada de pessoas e ideias movimentava a economia e a vida das pessoas, por outro, estas mudanças mexem com uma estrutura social enraizada no imaginário social, e aqui o caráter instigador e questionador da teoria anarquista encontra resistência.

O jornal “O Diário do Paraná”, da capital Curitiba, em 1917, embora um breve salto temporal seja visto neste momento, nos mostra resistências a estas ideias que a colônia tentou difundir

Infelizmente, de um certo tempo pra cá, elementos anarquistas andam trabalhando o nosso meio social, virando, assim a cabeça de nosso operário sempre cordato e calmo e obtendo as suas pretensões, quando justas, pelos meios pacíficos.

É bom de ver o mal que produz em cérebros pequenos e faltos de qualquer ilustração, essas idéias subversivas, pregadas por um rebotalho de anarquistas, gente vagabunda, que para aqui veio expulsa de outros centros, onde sua presença foi considerada nociva. (...) A polícia deve agir, pois, com toda energia contra esses indivíduos, expulsando-os, mesmo, do nosso convívio social, para que os seus conselhos perniciosos não trabalhem a infeliz e sempre explorada classe operária. (*O Diário do Paraná*, 21.07.1917, *apud* RIBEIRO, 1985, p. 170 *apud* MAGALHÃES, 2001, p. 41).

A linha de interesses envolvidos nas relações do jornal com a comunidade aprofunda o pensamento de que, se faz conflitante a posição assumida de um membro da comunidade, que anseia falar pelos demais e a reconstrução histórica do impacto do fato em questão na sociedade.

Nesse caso

A construção de objetos como o “homem *real*” e os “grupos sociais *verdadeiros*”, isto é, despojados do seu imaginário, conjugava-se perfeitamente com o sonho coletivo de uma sociedade e de uma história finalmente transparentes para os homens que as constituem. (BACZKO, 1985, p. 2).

O imaginário é um campo de disputas, não neutro, e constantemente alvo de grupos em disputas pelo poder, o que causa a formação, muitas vezes distorcida de determinada realidade na tentativa de justificar e legitimar discursos e interesses.

Chartier completa ainda que as “percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados” (1990, p. 17), tais percepções constroem o imaginário, alteram-no e manipulam o mesmo, e são presentes, entre outros, nos jornais.

Essa construção, convenientemente, é cercada de interesses por aqueles que a criam, nesse caso em específico, o jornal em toda sua equipe, desde o dono do mesmo até aqueles que assinam as matérias, moldando uma história que vai ao encontro dos anseios sociais, ainda que apenas em seu imaginário.

Isso nos ajuda a compreender as motivações que levam determinados assuntos a serem tratados nas linhas dos jornais com uma ou outra visão ideológica, haja vista, o projeto de sociedade pretendido.

Dessa maneira, falar da Colônia Cecília era um empecilho e uma afronta, uma vez que

O desabrochar das utopias de tendência socialista (o saint-simonismo, o fourierismo, o prudhonismo) levanta o problema das relações entre a aparição de uma nova classe e a produção de imaginários coletivos. Os novos sonhos sociais são considerados, por uns, como outras tantas antecipações do futuro, inscritas numa evolução histórica inexorável, em por outros, em contrapartida, como quimeras particularmente perigosas para a ordem social devido a sua incontestável força de sedução. (BACZKO, 985, p.7).

Perceber toda esta situação que envolve o jornal como meio de comunicação e fonte para a história local, aponta para o esclarecimento de algumas questões levantadas ao longo do tempo sobre a Colônia Cecília e sua relação com a cidade de Palmeira.

Com tanta resistência por parte da sociedade e alguns outros fatores como “A miséria era uma constante na colônia, levando muitos de seus membros a trabalharem na construção de estradas para o Estado e até mesmo Rossi em determinado momento teria ido a Castro lecionar e trabalhar em uma farmácia.” (ROSCOCHE, 2011, p.31), ou mesmo “o apoio dado pelos anarquistas aos Revolucionários Maragatos na Revolução Federalista. Giovanni Rossi teria atuado como enfermeiro nessa luta armada no Paraná.” (ROSCOCHE, 2011, p.32), a Colônia Cecília não teve uma longa duração, já em 1894 não resiste e chega ao fim.

Rossi, no entanto, afirma que “ninguém deixou a Colônia por oposição aos princípios econômicos e políticos fundamentais sobre os quais a colônia se assenta” (ROSSI, 2000, p. 78), embora ele mesmo afirme que o “egoísmo familiar poderia desenvolver-se a tal ponto que conseguiria destruir o que se tem feito até agora, despedaçando a coletividade ou reduzindo-a à forma de uma vulgar cooperativa” (ROSSI, 2000, p.88), o que aponta para uma ideia de que nem todos aplicavam

fielmente os princípios por ele propostos, compondo assim uma contradição, como aponta Felici em seu estudo.

Sendo assim, pensar a sociedade paranaense neste momento recebendo tais teorias de forma passiva seria inocência de nossa parte, e levantar novamente a discussão e o estudo se faz necessário para ajudar nesta reconstrução da visão que a sociedade de Palmeira traz do anarquismo, da colônia e de como ela foi sendo construída ao longo do tempo.

Neste sentido, o ensino da História, a partir da realidade social do local (bairro, comunidade, município, estado ou região), permitiria atingir algumas metas que consideramos fundamentais para a construção da identidade e formação da cidadania de nossos alunos. (FERNANDES, 1995).

Para tanto, propomos uma vez mais o debate e realizar uma problematização sobre a teoria anarquista como experiência de luta e resistência, principalmente dos dogmas e paradigmas socialmente aceitos, usando como foco a experiência da Colônia Cecília.

Afinal,

Hoje, todos sabemos que a finalidade básica do ensino da História na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante na sua vida e não só na escola. (FERNANDES, 1995).

Como esta experiência não se restringe a uma história local, mas tem efeitos nacionais, uma vez que há uma vasta bibliografia a respeito em vários campos, como na literatura, na história, sociologia, na televisão enquanto novela, filmes e peças teatrais, vemos aqui a possibilidade de atingir os pontos elencados por Fernandes como objetivos do trabalho da história local, quais sejam partir do concreto para o abstrato incorporando a vivência dos mesmos em conceitos mais abrangentes, aproximando o aluno de uma história que ele está inserido e que tem consequências que o afetam de modo direto.

Essa metodologia ajuda na construção e percepção do aluno acerca daquilo que o envolve enquanto cidadão, as instituições que afetam sua vida e sua localidade, além de promover uma aproximação do mesmo com as fontes históricas, facilitando a incorporação de sua história através da identificação entre ambos, possibilitando uma mais eficaz construção do conhecimento histórico. (FERNANDES, 1995).

O campo proposto aqui abrange uma forma complementar de envolver a história local com a perspectiva de análise social ideológica de um movimento amplamente conhecido mundo afora, o movimento anarquista.

O fato do movimento anarquista compor-se de uma quantidade grande de campos de análise e debate, não sendo restrito a um único dogma, mas de envolver uma análise de mundo ampliada e variada, faz com que o debate proposto neste projeto seja complementar em todos os sentidos à prática docente.

1 COLÔNIA CECÍLIA: AS DIRENTES ABORDAGEM DA PRÁXIS ANARQUISTA

O conceito de práxis envolve a conciliação entre a teoria e a prática, criando assim visibilidade para aquilo que se pretende enquanto projeto, nesse caso social.

O conceito de práxis abre caminho para que seja repensada a relação teoria/prática. A prática "pede" teoria, precisa de teoria, porém nada assegura que ela vai receber sempre uma teoria que corresponda plenamente à sua demanda. E a teoria só pode corresponder plenamente a essa demanda se se integrar à prática que a solicitou, participando dela. (KONDER, 2003).

Desta maneira, "A práxis é a atividade por meio da qual a teoria se integra à prática, "mordendo-a", e a prática "educa" e "reeduca" a teoria." (KONDER, 2003).

A práxis é o comprovante da viabilidade de um determinado projeto, sua relação entre a teoria e a prática é intrínseca, uma vez que se entendem indissociáveis.

A Colônia ser entendido como a *práxis* das ideias Giovanni Rossi é, talvez sua melhor definição, uma vez que

Idealizada por um militante anarquista italiano de nome Giovanni Rossi, ela constituiu-se na vivência prática de um ideal de liberdade. Como projeto, sua proposta era a de oferecer ao mundo uma prova da possibilidade de uma organização social onde a autoridade fosse inexistente. Desta forma, segundo Rossi, o discurso do movimento anarquista europeu se fortaleceria, pois o operariado seria seduzido pelo exemplo da Colônia Cecília. (VASCONCELOS, 1996, p.1).

Nesse sentido, a Colônia Cecília, foi a práxis de um projeto proposto por Giovanni Rossi, o qual envolveu a busca por um modelo alternativo de vida, horizontal, igualitário.

Apontamos aqui destaque para obras publicadas sobre a Colônia Cecília que aumentam nosso referencial teórico sobre o tema. Estas foram divididas em áreas, uma vez que o tema englobou não apenas pesquisas acadêmicas, mas vários romances literários e textos memorialísticos que por muitos anos foram usados como fonte para pesquisas sobre a mesma.

Além deste fator apresentado, os textos romancistas e memorialísticos da Colônia Cecília foram os primeiros a circularem não somente entre os acadêmicos, mas também entre a população, o que nos ajuda a entender um pouco do processo de construção histórica que foi feita da imagem da Colônia e suas consequências para a visão contemporânea da mesma.

Entre os textos não acadêmicos que fizeram parte do resgate histórico e mítico da Colônia Cecília, iniciamos com Afonso Schmidt (Colônia Cecília, 1942), extremamente controverso e muito criticado pelos estudiosos que o seguiram, este texto, ainda que sem pretensão acadêmica, é “considerado como fundante do que é a tradição ficcional sobre a Colônia Cecília, ocupa essa posição não somente por uma questão cronológica – pois trata-se do primeiro do gênero a ser publicado – mas também por servir de base para outras obras do gênero que foram publicadas posteriormente.” (MASSINI, 2011, p. 24).

Em sua obra ele faz um levantamento de documentos escritos por Rossi que o leva em um caminho onde “... pintando paisagens, acentuando caracteres, comentando situações, acabei por me encontrar diante da obra minha, escrita sobre a narração do ilustre agrônomo, há mais de cinqüenta anos.” (SCHMIDT, 1942, p.129).

Desta maneira, sua narrativa acrescentou fatos, moldou resultados e assim como abriu o campo da Colônia Cecília para a literatura, também gerou a maior parte dos mitos que se seguiram sobre esta, levando muito tempo e pesquisas para que fossem desfeitos do imaginário social, entre eles, principalmente os denunciados por Isabelle Felici em sua obra “A verdadeira história da Colônia Cecília” de 1998.

Segue-se a este, Newton Stadler de Souza (O anarquismo da Colônia Cecília. Rio de Janeiro, 1970), o qual também foi alvo das críticas de Felici, mesmo com formação acadêmica de jornalista e criticando Schmidt por sua pretensa falta de “veracidade”, este não conseguiu, segundo Felici, isentar-se da construção de mitos sobre a colônia, entre outros, o da relação entre Rossi e o Imperador D. Pedro II, quando ainda é acusado pela autora de “embelezamentos, arranjos, desvios e até mesmo erros às vezes grosseiros, em sua pesquisa.” (FELICI, 1998, p. 52).

Até este momento, percebemos que a carência de fontes e talvez a falta de interesse por parte de historiadores de ofício para com o tema, durou tempo suficiente para permitir que estes percalços fossem construídos, e a literatura, embora trazendo problemas em suas narrativas, pretensamente verídicas, acabou por se constituir em uma importante fonte de estudos e guardou, até final da década de 90, a memória do tema.

Ainda no campo da popularização do tema, destacamos Zélia Gattai (Anarquistas graças a Deus. Record, 1979.), esta obra, embora totalmente distante da pesquisa científica, traz à luz do conhecimento popular a existência da experiência

anarquista, ainda mais pelo apelo obtido ao tornar-se minissérie da Rede Globo em 1984.

No entanto,

O relato de Gattai nos coloca diante de um gênero diferente, dado que trata-se um escrito de memórias familiares, a partir das quais a autora reconstrói com uma visão particular o que foram os primórdios do início do anarquismo no Brasil. (MASSINI, 2011, p. 28).

Essas memórias serem associadas diretamente ao fato do próprio pai da escritora ter sido um dos “revolucionários” participantes da colônia, e fonte oral para sua obra, aproxima ainda mais a autora de uma visão afetiva da Colônia, levando a reforçar aquilo que Felici nos denuncia em sua obra ao falar de Schmidt, uma das fontes usadas por Gattai para sua reconstrução memorial “tudo é refundido para formar outra história e dar curso ao seu lirismo [...]. Como resistir à tentação de adaptar certos fatos, inventar elos, calar aspectos que não quadram com o resto?” (FELICI, 1998, p. 50).

Esta crítica de Felici nos mostra a principal preocupação retomada por parte dos escritos acadêmicos, o fato de que as obras primeiramente produzidas, de caráter literário, careciam não apenas de uma motivação acadêmica, mas também de fontes, ficando restritas muitas vezes à história oral, como já citado no caso de Gattai, ou mesmo de pequenos fragmentos de documentos de jornal que não são mais que isso mesmo, fragmentos, dificultando ainda mais para estes reconstruírem ainda que parte deste evento.

Na contramão do que vinha sendo publicado temos Cândido de Mello Neto (O anarquismo experimental de Giovanni Rossi. De Poggio al Mare à Colônia Cecília. 1998), onde o autor em sua obra faz um apanhado memorialista e sentimental da colônia destacando ele próprio que

Nosso trabalho não é uma produção histórica. Nada foi descoberto. (...) Não é também um estudo sociológico: descrevemos uma experiência sociológica, muitas vezes com as palavras do próprio experimentalista; não é uma análise política: abordamos o anarquismo dentro dos limites oferecidos pelo experimentalismo do Rossi. (MELLO NETO, 1998, p.21).

Neste momento poderíamos classificar sua obra como um texto literário, descartando de imediato a científicidade de qualquer ponto apresentado, porém, a diferença entre este autor dos outros desta categoria, foi não só “(...) pela exaustão de suas análises, mas também pela riqueza de documentos com os quais trabalha

(alguns deles reproduzidos na obra), e que foram fruto tanto da exploração minuciosa de múltiplos arquivos como pelo contato próximo e afetuoso com descendentes diretos da comuna.” (MASSINO, 2011, p. 39).

Assim sendo, esta obra trata-se de um compêndio documental anexado de altíssimo valor, entre eles a reprodução direta de vários documentos que formaram o Arquivo Cândido de Mello Neto que está no Museu Campos Gerais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG.¹

Em 2000, o governo do Estado do Paraná, lança “Colônia Cecília e outras utopias”, um livro que reúne escritos de Giovanni Rossi especificamente sobre a experiência vivida por ele.

Tal obra releva toda a construção da Colônia e seus desdobramentos na visão pessoal de seu idealizador, desta forma, ao publicá-la com tamanha acessibilidade, uma vez que pode ser encontrado nas escolas do Paraná, sua função também se dá como um meio para o resgate e preservação da história da Colônia enquanto integrante de uma esfera não apenas local, municipal, mas estadual.

Por fim, Miguel Sanches Neto (Um amor anarquista. RECORD, 2005) literato ligado à academia, publica seu livro, também deixando claro a sua ausência historiográfica, revelando a intenção clara de recuperar parte importante da Colônia Cecília, o amor livre, e embora encontre sua obra determinada por ele mesmo como ficção, ao se inspirar no arquivo de Cândido de Mello Neto e nos escritos do próprio Rossi, levanta algumas possibilidades que caberão neste trabalho.

O ponto principal de sua obra é também um dos pontos essenciais para tentarmos atingir o proposto, uma vez que o debate dele envolve os temas do fim da família tradicional, o relacionamento aberto e sua importância enquanto componente constituinte destes dilemas, sendo ainda hoje um ponto muito forte de críticas daqueles que possuem conhecimento limitado sobre a Colônia, uma vez que ataca um dos pilares da sociedade atual.

Deste ponto de vista, a função destes textos de caráter romântico ou mesmo memorialista, fica claro quando a partir deles acabou “mantendo-se, assim, ativa a sua função utópica (da colônia)” (MUELLER, 1999, p. 221), sendo assim, o tema

¹ Este acervo foi doado pela família do Dr. Cândido de Mello Neto ao Museu Campos Gerais após sua morte, nele constam arquivos pessoais da família, cartões postais e inúmeros documentos captados por ele em suas pesquisas sobre a Colônia Cecília. O acervo conta também com uma vasta bibliografia tratando de assuntos como Anarquismo, Integralismo e Medicina.

ganhava visibilidade e não cai no esquecimento, mesmo agora quando se esmiúça suas particularidades na busca de um aprofundamento histórico sobre o evento.

Entre as pesquisas acadêmicas, destacamos aqui duas que compõem subtemas da Colônia Cecília, Xênia Karoline Mello (O protagonismo da mulher e a comunidade anarquista na obra “Um amor anarquista: uma mulher para três homens. Uma terra para todos. Um amor para sempre” de Miguel Sanches Neto. Curitiba. UTFPR, 2012) busca entender o processo de protagonismo da mulher na colônia Cecília, no entanto, a autora parte da visão de Miguel Sanches Neto em seu romance já discutido acima, “Um amor anarquista”, neste sentido, a visão literária se mantém como cerne da investigação.

Para o trabalho aqui proposto, buscamos fazer uma análise mais ampla, dialogando com fontes literárias, sociológicas e históricas para construir o protagonismo das ações dos anarquistas, buscando assim a pluralidade das ações cotidianas que formavam sua ideologia, desde pontos que negassem a essência da liberdade proposta, até aqueles que a reafirmavam.

Também temos Gabriel Peruzzo (A família nuclear sob as lentes libertárias de Giovanni Rossi. Revista: Tempos Acadêmicos. UNESC. 2007, n.5), o qual faz uma importante análise do pensamento de Rossi especificamente sobre a família, uma vez que o tema central do debate é

Caracterizados por críticas austeras à família nuclear, seus escritos constituem uma suinta documentação para o estudo das relações de poder envolvidas na configuração dos arranjos familiares, assim como para compreender como era lida e interpretada pelo pensamento libertário. (PERUZZO, 2007, p.1).

Assim sendo, seu objeto de análise, a família segundo Rossi, traz grande contribuição, pois, para analisarmos a figura dos anarquistas e sua importância na comunidade, discutimos também as relações familiares construídas na Colônia, e, ainda, buscamos entender como o fundador da colônia se propunha a atuar sobre este ponto para dar mais sustentabilidade aos ideais que se aliara quando do início da comuna.

Além dos textos já citados, ajudarão na composição desta pesquisa uma variada bibliografia que deu forma aos estudos sobre a Colônia Cecília e, embora este tema específico seja abordado por diversas áreas do conhecimento, daremos ênfase a textos acadêmicos, sendo estes uma via mais segura para a formação do conteúdo.

que se pretende, desta maneira, não abordaremos os textos com finalidade puramente literária ou memorialísticos.

Destacamos aqui Elaine Alves Barbosa (Anarquistas no Brasil: a colônia Cecília de Giovanni Rossi e o Socialismo Experimental. 2014), Isabelle Felici (A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. 1998), Beatriz Pellizzetti Lolla (Reflexões sobre uma utopia do século XIX. 1999), Mario Guillermo Massini (Subjetividades anarquistas: o caso da Colônia Cecília. 2011), Helena Isabel Mueller (Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista. 1999), Luiz Fernando Roscoche (O anarquismo da Colônia Cecília: uma jornada do sonho a desilusão. 2011), Silza Maria Pazello Valente (A Presença Rebelde na Cidade Sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920. 1992), José Antonio Vasconcelos (Anarquismo e utopia: As ideias políticas de Giovanni Rossi. 1996).

Dentre os textos selecionados, ressaltamos suas proximidades com a proposta de pesquisa, uma vez que para entendermos a importância da Colônia Cecília enquanto componente da história local, precisamos entender a mesma em sua essência, para isso a abordagem destes trabalhos nos conduzirá por este caminho.

Isso se dá em primeiro caso no trabalho de Barbosa, este que visa uma retomada das ideias de Rossi e levanta alguns pontos como a família, o trabalho e o dia a dia dos colonos. Fatos que remontam um todo da Colônia, analisados de forma a tentar fugir dos equívocos e passionalidades sobre o tema.

Juntam-se a ele nesta perspectiva os textos de Valente e Lolla, que dão enfoque mais amplo ao tema, buscando contextualizar a realidade brasileira à época da construção da Colônia e o impacto desta no pensamento social imperante naquele momento. Sendo assim, torna-se relevante como apoio para aproximarmos a análise do impacto destas ideias na sociedade de Palmeira.

Lolla faz uma análise da herança política e ideológica da Colônia através dos próprios escritos de Giovanni Rossi, classificando como “meio romance, meio estudo social, correspondendo à índole semipoética dos primeiros socialistas em formação”, usando da literatura como suporte da ação social. (LOLLA, 1999, p. 73 *apud* CARVALHO, 2011).

Valente por sua vez, nos carrega para uma visão mais concentrada destas heranças, uma vez que o enfoque dado é a cidade de Curitiba e os abalos que as ideias trouxeram para a capital paranaense.

Uma das obras mais citadas entre os estudos recentes da Colônia foi a de Felici. Nesta obra a autora buscou fazer o que ela definiu como “verdadeira” história da Colônia Cecília, utilizando de fontes até então não usadas entre os estudiosos do tema.

Daí que seja possível interpretarmos a referência à “verdade” da Colônia, com o que a autora nomeia seu escrito, a partir de duas diferentes finalidades. Por uma parte, parecia que Felici buscava esgotar a exposição de dados existentes da comuna, já que podendo acessar os arquivos anteriormente apontados na Itália e na Holanda, disponibilizava em seu texto informações que nenhum dos outros pesquisadores colocou em circulação. Ao mesmo tempo, incorporou outra série de fontes, como arquivos policiais italianos, que não tinham sido levados em conta anteriormente. (MASSINI, 2011, p. 44)

Tornando assim o trabalho de Felici um marco do rompimento da tradição de análise da Colônia, onde o imaginário tomava conta, e em sua busca ela visava denunciar que “existem muitas impressões falsas sobre essa experiência, uma vez que a imagem da Cecília, que transparece nas obras sobre o anarquismo e nas obras de ficção que lhe foram consagradas, deve-se mais à lenda do que à realidade.” (FELICI, 1998, p. 8).

Junta-se a Felici a historiadora Helena Isabel Mueller que retoma as discussões sobre a Colônia Cecília, dando mais um enfoque historiográfico, porém, ainda corroborando com algumas ideias da história oficial da Colônia. Utilizando-se de uma documentação que “em algumas oportunidades, trata-se dos mesmos documentos aos quais tiveram acesso os anteriormente apontados pesquisadores; porém, sua leitura é notavelmente diferente em relação às análises dos outros autores. Essas diferentes leituras são fruto de enfoques e objetivos teóricos diversos, assim como das variadas mediações que atingiram cada um dos processos particulares dos autores” (MASSINI, 2011, p. 42), e a análise voltada à reconstrução do passado e das motivações de Giovanni Rossi ela aponta o caminho onde “(...) propõe um posicionamento que, diferentemente das pesquisas que estão sendo revisadas, desde o início traça uma distância – sentimental, afetiva, partidária – com seu objeto de análise.” (MASSINI, 2011, p. 42).

Em sua obra, Mueller debate o que é a utopia e qual sua função, argumentado por ela como a melhor definição da experiência. Segundo a autora a utopia é a “ruptura intelectual com um presente indesejado, através da descrição de um espaço onde se tornaria possível um imaginário desejado” (MUELLER, 1999, p. 122) e teria sido a busca por um presente desejado a motivação de Rossi e seus companheiros para a

elaboração desta. A autora ainda destaca os dilemas vividos para a manutenção da colônia em todos os seus aspectos, fossem estruturais ou ideológicos.

Roscoche, formado em Geografia e Mestre em Turismo, acrescenta no debate apresentando como preocupação central em sua obra, a busca pelo patrimônio cultural da Colônia Cecília, levantando o questionamento sobre o que de fato sobrou desta experiência para a cidade de Palmeira.

Seu artigo traça todos os caminhos que levaram a construção da colônia, focando na vida pessoal de Rossi, buscando aspectos do dia a dia da experiência e, assim como outros já citados aqui, desmitificando “alguns pontos obscuros e errôneos dessa experiência que tem sido propagados no decorrer da história.” (2011, p. 25), porém, a principal importância de sua obra reside em sua busca por um patrimônio cultural que a Cidade de Palmeira e o Estado do Paraná devem à Colônia Cecília, e com isto resgatando e resguardando a sua importância para a história local.

Vasconcelos, por fim, retoma o pensamento propriamente dito de Rossi, fazendo a mesma linha de análise de Mueller, busca traçar um perfil político/social/cultural da figura de Rossi, contrapondo seus escritos a diversas situações envolvendo os ideais anarquistas no dia a dia, de alguma forma buscando a aplicação da teoria no evento em questão, o que nos é muito relevante, uma vez que confronta os relatos sobre a Colônia da experiência propriamente dita, formando um perfil para a mesma.

Massini ficou por último nesta análise das referências do meio acadêmico, porque sua formação em sociologia e seu consequente trabalho, retomam uma análise importante, diferente das literárias e historiográficas apresentadas até o momento. O autor propõe se “(...) concentrar na análise da evolução dos aspectos simbólicos e imaginários, entendidos como elementos fundamentais no momento de pensar sobre a criação de um projeto libertário do tipo que foi impulsionado.” (MASSINI, 2011).

Desta forma, a parte simbólica, que também busca este trabalho, ganha forma quando destaca “que a pesquisa se propõe a trabalhar a partir dos fatos ocorridos na Colônia Cecília, as formas de relacionamento entre os diferentes membros da comuna, e, assim, dar conta dos conflitos e articulações que se produziram entre as subjetividades lá presentes.” (MASSINI, 2011), sendo então estas subjetividades um dos focos do trabalho, para resgatar particularidades destas questões que afetaram a sociedade de Palmeira.

Vale ressaltar aqui, que a educação brasileira na virada do século XIX para o XX fora denunciada pelos anarquistas como tradicional, na qual imperava a reprodução dos interesses da Igreja e do Estado (KASSICK, 2008, p. 3), sendo assim, é compreensível o distanciamento que a experiência da Colônia Cecília teve das salas de aula neste momento.

Os conceitos que se pretendiam disseminar nas escolas da virada do século XIX, o início da república, estavam distantes daqueles pregados pelos anarquistas, o sentimento patriótico e a disciplina como norteadores de uma criação moral eram introduzidos cotidianamente na vida escolar do aluno.

Símbolos patrióticos, festividades cívicas, um rígido controle e divisão dos tempos das aulas, além do “enlaçamento do tempo escolar ao calendário cívico”, tornavam a escola um cenário de proliferação de um padrão educacional inverso ao pensado pelos anarquistas, até porque, nos debates educacionais propostos nesse momento, atuavam grupos denominados “educadores católicos”, mesmo com a laicidade prevista na constituição de 1891, mantendo uma forte visão tradicionalista. (SCHUELER; MAGALDI; 2008).

Vemos esta realidade também quando Manuel Moscoso no jornal “A Voz do Trabalhador” criticou a lei de expulsão que havia vitimado um professor da escola do bairro da Água Branca, na capital paulista

(...) eram graves, muito graves. Rossoni cometeu um crime horrendo, um delito imperdoável: dedicava-se à instrução racional (*o grifo é meu*) da infância, ministrava aos filhos dos operários um ensino livre de preconceitos patriótico e religioso. E o governo não podia tolerar semelhante coisa. Ele quer preparar para o porvir escravos submissos, que obedeçam humildemente às prepotentes ordens dos Prados e não homens conscientes dos seus direitos como os que o companheiro Rossoni preparava (MOSCOSO, 1909 *apud* MORAES, 2017, p. 5)

Dessa forma, talvez encontremos aqui um ponto de investigação que justifique também o porquê da postura de distanciamento dos professores sobre tais temas para serem abordados em sala de aula, no entanto, a inquietação deste trabalho vem levantar as consequências que esta realidade gerou para a preservação da história local, quando esta não agradava aos interesses estatais.

2 O JORNAL ENQUANTO FONTE E COMO ABORDÁ-LA

O jornal, periódico de circulação pública, entra na vida social por uma série de motivos, mas em especial porque é um meio pelo qual alguns indivíduos tentam fazer do espaço público uma área privada de domínio e poder, sendo assim, é reconhecido seu potencial social quando se percebeu que, “O espaço público gerou uma demanda pela troca de informações, intensificada cada vez mais pelo acesso da população à leitura e à escrita.” (BANDEIRA DE MELO, 2005, p.2).

No Brasil, “sob proteção oficial, a imprensa se iniciou de forma definitiva, somente a partir de 1808. A iniciativa da corte portuguesa se deveu à vinda de D. João ao Brasil, começando aí a chamada Impressão Régia” (BANDEIRA DE MELO, 2005, p.8) e tinha por objetivo fazer essa circulação de informações passar a ser uma realidade, ainda que muito restrita em seu começo, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Circular informação, no entanto, não foi sua única função, o jornal acabou por guardar uma parte da história das comunidades, o que alavancou ainda mais sua relevância para a vida social brasileira.

Esta percepção, do jornal enquanto fonte para a história local, não era uma realidade no Brasil até meados de 1970 como aponta Luca

Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. A introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contava com bibliografia significativa, além de amiudarem-se as edições fac-similes e os catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional. Reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa. (LUCA, 2005, p. 111).

Guarnieri e Alves fazem uma retomada geral das mudanças de análise da escrita da história até a chegada do momento de inserção da fonte jornalística pela Nova História na *Escola de Annales*, compreendendo inclusive a teoria marxista, anterior à *Escola de Annales*, como fundamental para o processo, uma vez que inverteu a lógica da análise social de “cima para baixo”, do macro para o micro, abrindo caminhos para que se compreendesse a história do micro para o macro.

Para Calonga

Somente a partir da chamada terceira geração dos *Annales*, os caminhos abriram-se efetivamente aos impressos. Os historiadores pertencentes a

esse grupo, incluindo-se Jacques Le Goff, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros, propuseram novas aberturas, problemas e abordagens. Sem negar definitivamente a análise estrutural da segunda geração, com seu expoente máximo Fernand Braudel, os *Annales* promoveram um relacionamento íntimo da História com a Linguística, Psicologia e Antropologia, nesse sentido, incorporaram um modelo essencialmente interdisciplinar, sobretudo, em relação à metodologia. Portanto, neste contexto, a história multiplica suas curiosidades. Desloca-se a análise histórica para a descontinuidade, a ruptura, o novo, fragmenta-se numa especialização extrema. (CALONGA, 2012, p. 81)

Souza e Cabral Filho retomam essa discussão em seu estudo quando afirmam que “Em sua terceira fase os historiadores vinculados à Escola dos *Annales* irão empregar com maior intensidade o que chamamos hoje de interdisciplinaridade.” (SOUZA E CABRAL FILHO, 2013, p. 2).

Além disso, destacam a importância com que a Escola de *Annales* trabalhou o tema quando afirmam

Ora, todo autor está ligado a sua classe social e seu momento histórico, portanto aí reside a impossibilidade de sua imparcialidade, pressuposto básico que conduziu uma vez a pesquisa positivista. E exatamente neste ponto-chave que os *Annales* se diferenciam ao compor uma interpretação e análise, alterando desse modo o conceito de documento. (SOUZA E CABRAL FILHO, 2013, p. 4)

Afirmam assim, a importância de se fazer a alteração do conceito de documento, inserindo fontes outrora não aceitas pelos positivistas, permitindo uma melhor análise dos documentos e da reconstrução histórica.

Retornando esta discussão para o cenário brasileiro, Luca afirma que “O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica.” (2005, p. 118).

Com isso, a percepção da utilização do jornal enquanto fonte, passa a se aprofundar no Brasil com significância a partir da década de setenta, porém, Zicman, em 1985, ainda ressalta que até aquela data

“A pesquisa histórica sobre a imprensa no Brasil é ainda um campo relativamente virgem e o próprio problema enfrentado são os próprios limites impostos pela quantidade limitada de dados e pela falta de fontes estatísticas” (ZICMAN, 1985, p. 89)

Fazendo coro à manifestação, Calonga aponta que até a década de 2010 “apesar do relativo aumento das pesquisas, o campo ainda se mostra inexplorado, sobretudo, em relação aos impressos fora do eixo das grandes cidades.” (CALONGA,

2012, p. 83), revelando que a preocupação em ampliar e constantemente repensar esta metodologia é uma realidade até os dias atuais.

Apesar de apenas recentemente os pesquisadores brasileiros se inserirem no contexto da utilização do jornal como fonte histórica, significativos trabalhos já dão conta de justificar seu uso, uma vez que

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO, 1980)

Arana de Aguiar revela pontos importantes sobre a utilização do jornal enquanto fonte histórica, alertando que através deste

podemos de forma clara fazer a reconstrução dos acontecimentos através do mais eficaz meio de comunicação na difusão das informações, uma vez que durante todo o século XIX este veículo de comunicação foi o mais utilizado como disseminador dos costumes, atitudes e desejos da sociedade. (ARANA DE AGUIAR, 2010, p. 6)

A utilização do jornal para este trabalho encontra aqui um forte apoio, uma vez que a busca pelo jornal se deu por entendê-lo como elo de ligação com o passado, mais propriamente dito com as regras morais, políticas e econômicas de uma época.

Baseando-se nesta ideia acerca do jornal e sua influência, percebemos que estudos sobre eventos retratados nos jornais são precisos e podem “transmitir uma melhor impressão da individualidade da vila do que livros mais pesados, baseados em documentos do bairro.” (SAMUEL, 1990, p.229).

Para Samuel “As pessoas estão colocando continuamente para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e sobre como viveram seus antepassados (SAMUEL, 1990, p. 221), desta maneira, recorrer aos jornais de uma cidade, ainda mais em comunidades pequenas, como forma de resgatar algum determinado evento, é um método bastante seguro a ser utilizado pelos historiadores.

Samuel aponta ainda que “Os jornais municipais do século XIX dedicavam até meia página semanalmente para as notas de antiquários (a forma em série na qual muitas histórias locais daquele tempo apareceram)” (SAMUEL, 1990, p. 221), sendo assim, estudar o jornal é uma forma de buscar elementos constituintes do pensamento de uma comunidade em um determinado momento em questão.

Para isso, discussões acerca da metodologia utilizada são variadas, entre elas destacam-se aspectos importantes para um trabalho produtivo e efetivo com esse objeto.

Zicman alerta que trabalhar com o jornal

(...) consiste num conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados informacionais ou “discursos”, fazendo aparecer no conteúdo das diversas categorias de documentos escritos – artigos de imprensa, entrevistas, questionários, documentos históricos, textos literários, etc – alguns elementos particulares que possibilitam a elaboração de um certo tipo de caracterização. (ZICMAN, 1985, p. 94)

O que ainda, segundo o autor, o método acaba “permitindo-nos avançar para além das significações primeiras dos discursos e escapar dos perigos da compreensão espontânea” (1985, p.94).

Guimarães, alerta para um conceito metodológico importante, ela aponta o fato do historiador buscar ter consciência da condição de sua fonte, uma vez que

O que ele nos traz não é o reflexo de uma realidade mas possibilidades que, articuladas, podem nos legar algumas representações de situações da época por vezes absolutamente possíveis tais como as privações financeiras, o desespero ou as situações-limite que estão no âmago de ações criminosas. (GUIMARÃES, 2007, p. 2)

Contudo, esse alerta cabe para todo trabalho com imprensa, pensar a fonte como reflexo fechado de uma sociedade é ingenuidade, por menor que seja a comunidade onde o jornal atue, porém, isso não impede de usar essa fonte, basta que se compreenda seus alcances e suas limitações.

É necessário também que seja feita a crítica interna e externa da fonte sempre,

procurando observar o ambiente em que foram produzidos, a que tipo de sociedade está vinculado, quais os valores e circunstâncias da época, em síntese, entendê-lo no seu contexto para evitar um dos piores pecados do historiador: o anacronismo. Tal crítica ajuda a evitar o imperdoável erro de julgar sociedades do passado tomando como referência o contexto e os valores de hoje. (GUARNIERI E ALVES, 2010, p. 5)

Ressalta ainda que

Em relação à crítica interna, as observações acerca da coerência no trato dado ao assunto por parte do periódico. Questionar-se sobre como o jornal abordou o assunto, por quanto tempo foi veiculado, se houve mudança de posição ou alteração de posturas sobre o tema, quando o assunto em estudo deixou de ser abordado pelo veículo de comunicação, e de que modo fez-se a interrupção das matérias. Estes, entre outros cuidados, são necessários aos que pretendem lidar com periódicos como fonte para a história. (GUARNIERI E ALVES, 2010, p. 5)

Essa contextualização e organização das fontes, é a principal preocupação até agora percebida, uma vez que o jornal tem variáveis múltiplas a serem consideradas na hora de analisa-lo. *Quem escreve, porque escreve, quando escreve* são apenas algumas, daí então essa preocupação em ter bem definido seu objeto e suas intenções ao recorrer ao jornal.

Carvalho levanta, por sua vez, o “lugar de fala” como cuidado específico na hora de tratar com as fontes jornalísticas. Para ele, este “lugar de fala” representa o cerne da questão, levantando como fundamental na análise da fonte a propriedade do jornal, afinal, os interesses de quem escreve no jornal refletem aos interesses daqueles que o possuem. (2011)

Essa preocupação apontada retoma a discussão que envolve o Jornal não apenas como uma fonte passiva perante a história, reconstrutora de fatos, mas lembra que o jornal está a serviço de alguém ou de algum grupo, e estes possuem interesses que deverão estar presentes no periódico.

Percebemos isso quando o estudo da história local busca no periódico um elo com o passado, e o encontra, constantemente, reforçando discursos legitimadores do poder em questão.

É neste ponto que entendemos o jornal não apenas relatando fatos de forma imparcial, mas como instrumento ideológico e de poder, no qual estes grupos, detentores dos meios de comunicação, frequentemente ligados à grupos políticos, visam ampliar seu domínio na sociedade e para isso se associam a diversos meios de controle, entre eles o próprio periódico.

Assim, o poder deve apoderar-se do controlo dos meios que formam e guiam a imaginação colectiva. A fim de impregnar as mentalidades com novos valores e fortalecer a sua legitimidade de institucionalizar um simbolismo e um ritual novos. (MIRABEAU, 1971 In: BACZKO, 1985, p.7)

Via de regra, o jornal, assim como as igrejas e governos, usa de símbolos, neste caso a linguagem, para criar a imaginação social coletiva, qual seja, um conjunto de representações coletivas associadas ao poder, e caracterizá-la de acordo com o que se pretende, estando essa imaginação social sempre como alvo de disputas, pois, compõe um importante caminho de perpetuação do poder, em especial, do poder político. (MAGALHÃES, 2016)

Uma vez que “O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e

do poder" (BACZKO, 1985, p. 15), percebe-se a importância do jornal, não apenas como mero objeto de circulação de informação, mas um desses espaços de poder altamente disputado pelos grupos dominantes, tanto para perpetuação dos mesmos no poder, como principalmente para a elaboração de padrões sociais de comportamento, pensamentos e ideologias as quais servem seus interesses.

Seguindo nessa linha, Arana de Aguiar chama a atenção para o jornal enquanto meio difusor dessas regras

Uma vez que na imprensa são ditadas as modas, as regras de conduta dentro da sociedade e conselhos para as moças que pretendem arranjar um bom casamento, ou até mesmo conhecemos o momento político claro levando em consideração a tendência política seguida pelo jornais. (ARANA DE AGUIAR, 2010, p. 7)

Como nosso objetivo com o trabalho é compreender a ressignificação atribuída à Colônia Cecília pela sociedade de Palmeira, buscar o jornal nos parece, a partir do posto, um meio bastante eficaz.

Para Giard e Mayol "o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido" (GIARD e MAYOL, 1996, p. 40), sendo assim possível uma análise mais ampla, pois aqueles que falam nesses periódicos e aqueles que os leem se reconhecem naquilo que é dito, se, contudo, expressar os termos da prática cultural definida na comunidade.

Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo a ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. (BACZKO, 1985, p. 16)

Esta prática cultural estará intimamente ligada ao imaginário que se construiu como base da sociedade em questão. É por isso que aqueles que detém o poder são os que determinam essas práticas, pois seus poderes econômicos e políticos se transformam em poder social a partir do momento que dominam o meio difusor destas práticas.

Para ter a aceitação completa dos padrões que o grupo no poder pretende manter não basta apenas um mecanismo. Neste sentido, seria pretensão acreditar que o jornal por si só teria um poder tão grande de influência, e que esta, se houvesse,

se daria inquestionável. Dessa forma se produz os “guardiões do sistema” (BACZKO, 1985, p. 4), pois entendemos que o espaço em que o imaginário se manifesta é plural. Como afirma Baczko “(...) não esqueçamos que estes imaginários empregam facilmente as linguagens mais diversas: religiosa e filosófica, política e arquitectónica, etc” (1985, p. 17).

Sendo assim, aproximar esses diferentes espaços, constitui força e sentido ao projeto pretendido, a voz sozinha de um desses espaços não se faz ouvida tão plenamente, já em conjunto com outras vozes, principalmente as que carregam algum tipo de apelo moral, o alcance aumenta e se legitima.

Entendemos então, que para além do jogo de poder que envolve o jornal, em sua disputa social por legitimação de uma ou outra corrente de pensamento, sua função pode aqui ser reduzida de forma que se perca outra importante característica de sua utilização, o fato de guardar parte da história local.

Para Samuel “As pessoas estão colocando continuamente para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e sobre como viveram seus antepassados (SAMUEL, 1990, p. 221), desta maneira, recorrer aos jornais de uma cidade, ainda mais em comunidades pequenas, como forma de resgatar algum determinado evento, é um método bastante plausível a ser utilizado pelos historiadores.

Cabe ressaltar aqui que “As modalidades de emissão e controlo eficazes alteram-se, entre outros motivos, segundo a evolução do suporte tecnológico e cultural que assegura a circulação das informações e imagens.” (BACZKO, 1985, p. 18).

Entende-se que fica cada vez mais difícil o discurso produzido pelo jornal ser o portador de uma aceitação ampla e homogênea na sociedade, mas vale lembrar que os meios de comunicação tecnológicos são difundidos na segunda metade do século XX, e nas cidades do interior podemos afirmar que sua popularização se dá efetivamente na virada do século XX para o XXI, o que aponta ainda mais para o jornal impresso como parte relevante na divulgação de ideias de intelectuais locais como formadores e opinião, uma vez que o mesmo era uma realidade mais presente nessas localidades.

Para Samuel “A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado” (SAMUEL, 1990, p. 220), percebemos a

relevância da história local, uma vez que a ligação entre ela e a comunidade está na compreensão direta de suas estruturas.

Desta forma, afirma Samuel que

Documentos são também decisivos como uma fonte não reconhecida de abordagem, especialmente, quando o historiador depende de uma fonte única e principal: você consegue um retrato da vida, nos jornais locais, diferente do relato obtido nos arquivos do bairro; e, do tribunal de pequenas causas, diferentes do retrato dos relatos policiais. (SAMUEL, 1990, p.19-20)

Um periódico faz a ligação do passado com a comunidade de forma muito mais direta, uma vez que organizar os dados de uma comunidade não diz muita coisa além do oficial. Por outro lado, nas páginas dos jornais, as abordagens de uma outra maneira, voltando-se para uma variedade mais pulsante de acontecimentos da cidade, como na própria criação de uma colônia, a qual, nos documentos oficiais seria apontada apenas como mais um dado estatístico, no periódico acaba caracterizada.

“A memória tem sua própria seletividade e seus silêncios, assim como o relato escrito tem seus vieses burocráticos e vazios irrecuperáveis”. (SAMUEL, 1990, p. 239). Aqui, o jornal encaixa-se de forma relevante no estudo da história local, ainda mais em comunidades menores, no entanto, vemos que, se o fator do tamanho da comunidade influencia em seu alcance, também influencia na variedade de interesses envolvidos em sua criação e circulação, sendo passível também de interesses centralizadores dos grupos mais poderosos.

Frequentemente, o historiador local estará utilizando a reflexão acumulada sobre sua experiência de vida e não é acidental que tantas Histórias de vilas e paróquias tenham sido escritas por homens e mulheres ativamente engajados em eventos locais, desde clérigos e advogados no passado até ativistas de movimentos comunitários de hoje. (SAMUEL, 1990, p. 3)

Portanto, podemos pensar estes periódicos como um meio de ambientar a voz das pessoas da comunidade para com sua relação com a história local, mas também cabe entender que nem todos escrevem nestes jornais, e que esta voz que se busca, na tentativa de dar vida ao estudo documental, pode estar emaranhado em um viés único e centralizador do discurso.

Para Giard e Mayol devemos então, dividir a análise em duas: primeiramente a sociologia urbana do bairro, onde destaca o privilégio a dados quantitativos, relativos ao espaço e à arquitetura; realiza medições (superfície, topografia, fluxo dos deslocamentos e etc) e analisa as imposições materiais e administrativas que entram na definição do bairro. Por segundo a análise sócio-etnográfica da vida cotidiana,

voltado para questões mais próximas dos historiadores da “cultura popular” (GIARD e MAYOL, 1996, p. 37).

Na presente pesquisa, buscamos a união entre as diferentes vertentes de análise, porém, usando a da sociologia urbana como complemento da sócioetnográfica, uma vez que o foco da identificação da comunidade com a experiência é a linha principal a ser abordada e, neste caso, o jornal acaba nos aproximando desta análise sócioetnográfica proposta.

Ao usar um tipo diferente de relatório (...) ou com a ajuda da memória (ou ambos), o historiador pode desenhar novos mapas, nos quais as pessoas estão tão proeminentes quanto os lugares e os dois estão mais intimamente entrelaçados. Ele pode, então, explorar a topografia moral da vila ou cidade com a mesma precisão que os predecessores têm feito (...), seguindo os regos e sulcos do ambiente social tão bem quanto os limites paroquiais, viajando pelos corredores escuros e pelas passagens meio escondidas, assim como pela rua das posturas municipais. (SAMUEL, 1990, p. 12)

Sendo assim, a relação estabelecida entre a comunidade e seus indivíduos fica comprometida sem a ampliação das fontes, como no caso da experiência anarquista da Colônia Cecília na cidade de Palmeira, interior do Paraná, a qual é mais bem abordada quando buscamos sair do contexto dos documentos oficiais da cidade, que apontam a existência de colônias de imigrantes, mas não aborda suas particularidades.

Desta maneira, o jornal, ao abordar uma particularidade tão relevante para a comunidade, como por exemplo sua ideologia anarquista, pode dizer muito mais sobre a vida e o pensamento social imperante neste meio e neste período, do que buscar na forma dos documentos oficiais informações que por diversos motivos podem não estar presentes, ou mesmo ser tratados de forma superficial ou ainda, meramente formal.

Outro fator que deve ser levado em consideração é a conveniência presente na vida do bairro, definida como “o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua” (GIARD e MAYOL, 1996, p. 49)

O discurso produzido no jornal está relacionado diretamente com este conceito de conveniência, uma vez que, em uma cidade do interior, como já ressaltado, não maior que alguns bairros de capitais e grandes centros, a articulação social está atrelada a fatores comportamentais, e que são repassados nos discursos dos formadores de opinião. Estes fatores envolvem uma relação de troca, onde se faz, ou nesse caso, se escreve, repassando aquilo que se espera do interlocutor pelos leitores

e com isso recebe de volta os benefícios simbólicos desta ação (GIARD e MAYOL, 1996, p. 51).

Cabe ressaltar então que, ao elaborar um discurso em determinado jornal, aquele que o escreve está inserido na coletividade do bairro, logo, espera-se dele um determinado posicionamento, afinal, ele é parte de um todo, e para que haja reconhecimento de sua pessoa, fugir destes caminhos é perigoso.

a coletividade é um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro. (GIARD E MAYOL, 1996, p. 47)

Entendemos aqui o ser social envolvido pela conveniência em busca de uma neutralidade social, mantendo-se o menos transgressor possível dos ritos do bairro a que pertence.

Por fim, o fator do tempo deve ser considerado, aquele que o detém, acaba sendo também uma parte do poder hierárquico dentro da comunidade, tem autorização para “exigências que apenas os costumes lhe permitem” (GIARD e MAYOL, 1996, p. 53).

Essa hierarquia é, com certeza, o mais almejado dos benefícios simbólicos, e nas pequenas comunidades, ao atrelar esta situação ao prestígio social, forma-se então uma, quase inquestionável, autoridade.

Bezerrill, destaca um fator importante para o estudo com jornais quando busca o conceito de notícia, o qual, via de regra está diretamente atrelado ao trabalho.

A autora parte da

teoria que a defende como uma reconstrução da realidade, não como um espelho do espaço público. Isso porque a notícia não implica no fato em si, mas em uma abordagem, em um relato daquilo que ocorreu. Existe, portanto, uma limitação simbólica, mas isso não quer dizer que o que estaria sendo relatado não seja verdade, pois isso vai depender da concepção subjetiva de cada um. (BEZERRILL, 2011, p. 5)

Essa abordagem carrega uma série de significados, principalmente ao compreender que notícia provém, como já discutido anteriormente neste trabalho, de instituições com interesses político/econômico, o próprio jornal e a quem ele serve, logo, vem refletindo em suas linhas tais posicionamentos.

Dante disso, podemos afirmar que ao jornalismo competem várias funções e ao seu estudo diversas abordagens, pois o jornal enquanto suporte de comunicação de massa pode ser entendido como espaço de representação social. Já o jornalismo, enquanto atividade ideológica, pode adquirir

dimensões diferenciadas, dependendo do interesse políticoeconômico que se faz presente, podendo atuar como legitimador ou contestador de uma dada conjuntura. Desse modo, a notícia é, acima de tudo, um bem simbólico, e, como tal, repleto de significados. (BEZERRILL, 2011, p. 6)

Lapuente, contribui de forma significativa ao abordar o aspecto do alcance atingido pelo jornal, ressaltando que

Conhecer o alcance do periódico pesquisado é uma tarefa muito complexa, mas fundamental para ter noção do tamanho do público que ele alcança. Afinal, nem sempre o periódico fornece informações sobre suas publicações, como tiragens, assinaturas distribuídas, venda avulsa, fato que dificulta conhecer mais detalhes de seu funcionamento interno. Ainda assim, deve ser levado em conta que nem sempre as informações são confiáveis, afinal o interesse em atingir um *status* para atrair anunciantes é uma tática praticada por muitos jornais, não sendo raros os números fornecidos pelos mesmos serem inverídicos, o que dificulta ainda mais conhecer seu alcance. De qualquer forma, a importância de conhecer essa abrangência se dá, sobretudo, por buscar conhecer o impacto do jornal na formação da *opinião pública*. (LAPUENTE, 2015, p. 7)

O fato da proposta do presente trabalho se pautar na análise de como a sociedade de Palmeira, a partir do Jornal, ressignificou a experiência anarquista, o fator apresentado por Lapuente é de suma importância.

Sabe-se que não é possível traçar com precisão exata o alcance do jornal, mas levantar os dados de sua tiragem pode nos acrescentar uma noção de alcance, mesmo ressaltando que, ainda que toda cidade comprasse o dito jornal, isso não significaria a aceitação das opiniões ali contidas.

Weber acrescenta a esse debate a comunicação de “massa”, aplicado ao periódico e seu alcance junto à sociedade, definindo assim a

(...) comunicação de massa significa acesso de informação a uma grande quantidade de pessoas, sem necessariamente haver relação entre o que foi produzido e o que foi absorvido por esta população, concepção importante quando se considera a Imprensa como meio de estudo. (WEBER, 2012, p. 12)

Sendo assim, o trabalho do historiador recai uma vez mais na importância de se relevar a origem da fonte e os interesses por detrás da mesma, que a levaram a ser escrita, até porque, ao fazer isso, comprehende-se que o trabalho desenvolvido pode melhor transparecer a real intenção de determinada matéria publicada, e o porquê de seu alcance em relação à massa.

A autora chama atenção ainda para a complementação das fontes com a utilização da história oral entre outras, justificando que essa junção de variadas fontes

contribui no entendimento acerca daquilo que realmente se queria passar sobre determinado assunto abordado. (WEBER, 2012)

Pensando nessa linha, a contribuição da história nova, proporcionou de forma eficaz e efetiva que o uso do jornal, atrelado à uma metodologia cada vez mais específica e extensa, seja ampliada e recorrida.

Para de Ferreira Leite destaca-se sua constatação da proliferação de arquivos jornalísticos a serem pesquisados, o autor destaca que

Atualmente, as catalogações e constituições de acervos físicos e digitais de vários periódicos têm colaborado para um número cada vez mais elevado e variado de pesquisas e produções. Além dos acervos constituídos em museus, bibliotecas, centros de pesquisa e documentação, que disponibilizam os jornais para acesso também por meio de microfilmes ou digitalizados. (FERREIRA LEITE, 2014, p. 287)

Com isso, percebe-se ainda uma ampliação nas publicações, não apenas na linha acadêmica, mas também na área pedagógica, inserindo o jornal como fonte para análise em sala de aula, uma vez que aumentou-se o acesso aos arquivos e despertou-se o interesse dos pesquisadores em utilizar o jornal como fonte para seus estudos históricos, consequentemente, o reflexo em sala de aula será sentido.

3 A RESSIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ANARQUISTA NO JORNAL: UMA ANÁLISE DAS FONTES

Ao iniciar o trabalho, o objetivo era buscar entender como a sociedade de Palmeira, que hoje conta com aproximadamente 34 mil habitantes segundo o último censo, mantendo aproximadamente quarenta por cento de sua população ainda na zona rural, tem na atividade agrícola um importante fator econômico, contando com um traço religioso bem definido, também devendo isso em boa parte aos imigrantes que habitaram a região, utilizou a experiência da Colônia Cecília para a reconstrução de sua história local e, foi pensando nisso que o primeiro desafio surgiu: *onde encontrar essa resposta?*

Outras propostas poderiam ter sido utilizadas, como a história oral, a qual, cabe ressaltar, complementa em alguns momentos a fonte principal, o periódico, mas não constitui o método principal da pesquisa.

Recorrer ao jornal foi uma forma de poder ter acesso à um passado e presente, haja vista que, o jornal escolhido, Gazeta de Palmeira, é o segundo mais antigo periódico da cidade, sendo o único dos dois que ainda está em circulação.

Dessa maneira, encontramos nesse jornal uma forma objetiva de buscar como, em diversos momentos, a sociedade de Palmeira, expressa nas páginas de seu jornal, ressignificou a Colônia Cecília, atribuindo a ela diferentes funções e graus de relevância em sua história.

Cabe fazer um breve apanhado da história do jornal para melhor entendermos suas posições em determinados momentos e contextualizarmos de forma mais precisa seus objetivos ao abordar o tema em específico.

A Gazeta de Palmeira surge em abril de mil novecentos e setenta e seis, como uma homenagem à cidade de Palmeira, que nesta ocasião comemorava cento e cinquenta e sete anos de fundação.

“No dia 9 de abril de 1976, Marilena Dutra e a jornalista Ieda Matias Ferreira conseguiram colocar em circulação o primeiro número do jornal”, dessa maneira, o jornal circula em período semanal, tendo sua distribuição na sexta-feira.

Essa primeira fase do jornal dura até o ano de mil novecentos e oitenta quando, quatro anos após sua inauguração, o jornal tem sua primeira troca de comando, passando a ser dirigido pelos empresários Genézio Gomes Lima Neto e Renato Rigoni, os quais ficam à frente do mesmo até mil novecentos e oitenta e sete, quando

mais uma troca na direção acontece, assumindo a direção o ex- diagramador, repórter e redator Rogério Geraldo Lima.

Rogério Geraldo Lima, graduado em Letras Português/Inglês pela UEPG, em 1986. Desde 1981 atuou no setor do jornalismo em Palmeira e Ponta Grossa, como diagramador, repórter, redator e diretor de redação, com passagens por jornais (*Gazeta de Palmeira*, de 1981 a 1991 e de 2000 a 2016 / *Jornal Cidade Clima*, de 1992 a 1996 / *Jornal A Notícia* (PG) em 1982); por revistas (*Esporte & Ação*, em 1986, *Revista PR*, de 2014 a 2016, e *Revista Geraes*, a partir de 2017, da qual é editor); por emissoras de rádio (Rádio Ipiranga, de 1993 a 1994, e Rádio Cruzeiro do Sul, em 2016) e televisão (TV Educativa (PG), em 2001. Na vida pública foi vice-prefeito de Palmeira (1997-2000) e ocupou cargos de direção, coordenação e secretarias nas Prefeituras de Palmeira e Ponta Grossa e na Câmara Municipal de Palmeira. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira desde 1999 e também atualmente atua como presidente do Conselho Editorial da entidade.

Nesta fase, a *Gazeta* conhece uma mudança importante em sua diagramação, substituindo a linotipia pelo off-set², tal mudança na diagramação, nos leva a crer que, veio associada ao crescimento do jornal e consequentemente à sua ampliação em alcance e visibilidade.³

Nas páginas deste jornal, a busca por fontes que ligassem a sociedade de Palmeira à história da Colônia Cecília foi intensa, os anos propostos pela pesquisa se referiam especificamente a momentos relevantes envolvendo a Colônia, o que

² Definimos linotipia como: processo que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever. As matrizes que compõem a linha-bloco descem do magazine onde ficam armazenadas e, por ação do distribuidor, a ele voltam, depois de usadas, para aguardar nova utilização. As três partes distintas – composição, fundição e teclado - ficam unidos em uma mesma máquina. (COSTA NUNES, 2010, p.3)

Off-set: é um processo cuja essência consiste em repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa). O nome off-set – fora do lugar – vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície. Este método tornou-se principal na impressão de grandes tiragens (a partir de 1.000); para menores volumes, porém, sua utilização não compensa, já que o custo inicial da produção é muito caro. (COSTA NUNES, 2010, p.3)

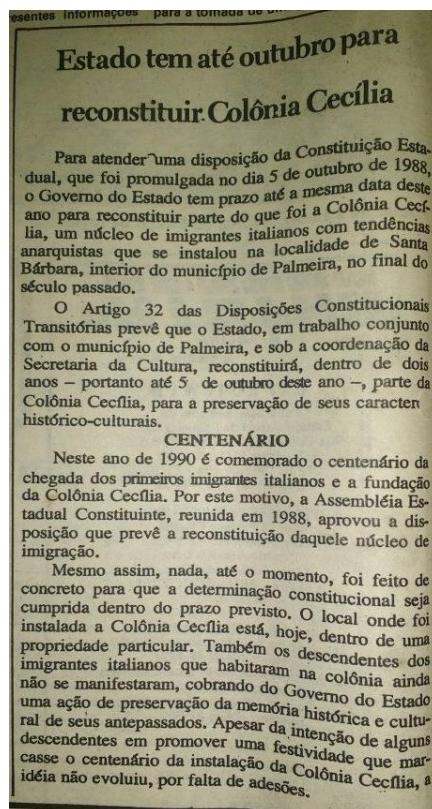
³ Novas alterações na direção do jornal acontecem no início dos anos noventa, Aroldo Paizany Chociai e Ernani Andrade se associam à Rogério Geraldo Lima, o que aumenta a cobertura do jornal, e também gera uma alteração importante no que diz respeito à história deste periódico, seu nome. Em 1991 o então *Jornal Gazeta de Palmeira*, passa a chamar-se *Gazeta Jornal Regional*, ainda publicado pela EDITORA GAZETA DE PALMEIRA LTDA, porém, atendendo com escritório na cidade de Ponta Grossa. Ao final de 1991, o jornal tem sua última edição quando muda-se definitivamente para a cidade de Ponta Grossa com o título de *Gazeta Jornal Regional*. Em 1992, ingressa na sociedade o atual detentor da marca, editor e diretor geral do mesmo, Moacir Luiz Guchert, o qual, juntamente com o ex sócio Rogério Geraldo Lima, devolvem à cidade de Palmeira seu jornal, com o nome original, após oito anos.

proporcionaria fazer a análise de como o jornal “Gazeta de Palmeira” tratou a memória da Colônia Cecília em Palmeira, para isso foi escolhido os anos de 1990 – 1994 (período que incorpora o centenário da Colônia), 2003 (ano da formação da rota rural “Caminhos da Cecília”) e também entre os anos de 2015 - 2016 (período da inauguração oficial do Memorial da Colônia Cecília e da retomada do projeto da rota da Colônia).

A partir de então, nossa busca se deu na direção de identificar a relevância que os meios de comunicação deram à Colônia enquanto experiência social e política, perceber a ênfase que esta experiência para com a população enquanto história local, ressaltar a relevância do jornal enquanto fonte histórica, buscar entender os fatores que levaram ao teor das publicações a partir do levantamento das informações de “quem escreveu”, “quando escreveu” e “por que foi escrito” e entender a relação que as publicações do jornal têm com a formação da visão que a sociedade de Palmeira tem desta experiência.

Para isso foram identificadas um total de trinta e duas notícias referentes à Colônia Cecília nos anos propostos, as quais possuem conteúdos bem variados de abordagens que serão discutidos a seguir, e uma no ano de mil novecentos e oitenta e oito, a qual embora não esteja entre os anos inicialmente propostos pela pesquisa, contribui de forma importante para o levantamento proposto.

A primeira reportagem levantada data de 21 a 28 de julho de 1990, já aponta em seu título uma preocupação e uma cobrança a respeito da Colônia.



(FONTE 1: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de julho de 1990. p. 4)

Logo no primeiro ano proposto para a pesquisa, em conformidade com o esperado, existe manifesta no jornal a preocupação pelo cumprimento da lei estadual de mil novecentos e oitenta e oito, que dispunha sobre a reconstrução de parte da Colônia Cecília por parte do Estado em “trabalho conjunto” com o município de Palmeira.

No entanto, aqui reside um pequeno, mas importante equívoco, a constituição estadual do Paraná foi promulgada no dia cinco de outubro de mil novecentos e oitenta e nove e não um ano antes como exposto na matéria, desse modo, a reconstrução desta parte da Colônia poderia ser feita até mil novecentos e noventa e um, como dispõe o artigo em questão.

O artigo à que se refere a matéria diz que

Art. 32. O Estado, em colaboração com o Município e a comunidade de Palmeira e sob a coordenação da Secretaria de Estado da Cultura, reconstituirá, dentro de dois anos da promulgação desta Constituição, parte da Colônia Cecília, fundada nesse Município, no século XIX, para a preservação de seus caracteres histórico-culturais. (Constituição do Estadual do Paraná, 1989)

entre outras coisas que o artigo dispõe, damos destaque para o motivo relevado para que fosse feita essa reconstrução, sendo a “preservação de seus caracteres histórico-culturais”.

Essa preocupação na reconstrução de parte da Colônia justifica-se por diversos momentos, principalmente porque não existem fontes materiais que sobreviveram a experiência, principalmente segundo Stadler de Souza, pelo envolvimento dos anarquistas em questões relacionadas a Revolução Federalista.

Segundo ele

Quando as tropas legalistas, no encalço de Sigwalt, chegaram ao núcleo, já não o encontraram. Querendo por qualquer forma notícia do foragido, tiveram silêncio dos anarquistas. Como represália, a soldadesca inutilizou o moinho de fubá, jogou nas águas do riacho das Pedras o milho encontrado, requisitou mediante vales que nada representavam para os colonos tôda (sic) a alimária encontrada. Instrumentos de trabalho, sementes, mudas, tudo foi arrebatado, discricionariamente, jogando-se o material dilapidado nas águas de um tanque de Cini, tendo êste (sic) sido preso (sic) e encaminhado para a Lapa, onde durante quarenta dias ficou sob custódia, enquanto sua mulher e filho (depoimento de Hugo Cini em 8/12/66) foram alojados em casa de amigos, em Palmeira. Os anarquistas, então, tomaram posição. Com sua comunidade destruída, com seus instrumentos de trabalho quebrados, com o desânimo a marcar a fisionomia de cada colono, alistaram-se contra os legalistas os que não tinham qualquer destino profissional pela frente. (STADLER DE SOUZA, 1970, p. 131-132)

Dessa forma, é bem provável que nada tenha efetivamente sobrevivido aos ataques e mais tarde à dissolução da colônia, por isso a dificuldade que se vislumbra para que o disposto na Constituição Estadual e cobrado nas linhas do jornal seja efetivado.

Além do mais, o destino das terras após o término da experiência segundo Felici é controversa uma vez que o próprio Rossi, segundo a autora, revela em carta que desconhecia o destino das terras após 1893 e que segundo Mueller a família Artusi resgata as terras após várias transações envolvendo as mesmas. (1998)

Ou seja, muitas coisas aconteceram com as terras que foram destinadas a Colônia Cecília e, logo, fica cada vez mais difícil determinar o destino de qualquer pertence que a ela pertenceu, por isso, essa reconstrução é de difícil elaboração, porém de fundamental importância histórica material para a cidade.

Voltando ao teor da matéria, cabe questionar aqui quais seriam esses caracteres histórico-culturais que se pretendia, no artigo da constituição isso não fica explícito, mas a notícia aprofunda um pouco essa ideia, ao abordar o tema, explicita as “tendências anarquistas” que os imigrantes italianos que formaram a Colônia

tinham em mente, muito embora não aprofunde os conceitos que envolvem tais tendências.

A reportagem também destaca que os próprios descendentes dos colonos não se manifestaram sobre o assunto, deixando de cobrar a execução da obra que segundo o jornal seria uma forma de “preservação da memória histórica e cultural de seus antepassados”, e ainda completa a notícia com a falta de adesões para que se realizasse uma festividade em comemoração ao centenário da Colônia.

São vários os aspectos que devemos refletir antes de seguir adiante nas fontes. Primeiramente, questionamos qual seria essa “memória histórica e cultural” à que se refere o autor da matéria.

Para Giuslane Francisca da Silva

a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva. (FRANCISCA DA SILVA, 2016, p. 248)

Dessa forma, já cabe ressaltar que qualquer memória que se queira preservar ou mesmo resgatar, será uma memória influenciada por diversos fatores que estão presentes na vida daqueles que se propuseram fazer tal trabalho.

A memória não é, pois, um fator apenas individual, mas antes, coletivo, uma vez que “No processo de rememoração, é importante que a memória individual esteja em consonância com a memória de outros membros do grupo social.” (FRANCISCA DA SILVA, 2016, p. 249), o que torna o trabalho na busca pela preservação de uma dada memória, também ser coletivo e múltiplo e não apenas restrito a uma pessoa.

Essa preservação da memória histórica, reclamada pelo autor da matéria, se assentava, provavelmente, na ideia de que “é mediante a memória histórica que um fato exterior à nossa vida deixa sua impressão em determinado momento e a partir dessa impressão é que é possível recordar esse momento.” (FRANCISCA DA SILVA, 2016, p. 251), mas para que isso aconteça de forma construtiva e proveitosa, cabe que se defina então como fazê-lo sem prejuízos.

Nesse sentido o envolvimento da comunidade é essencial, e apenas a cobrança para com o governo não basta, mas que o estudo seja intenso por parte da comissão formada que queira atingir o objetivo e a constante consulta à comunidade, em especial dos descendentes dos moradores da Colônia, seja relevado.

Cabe, por fim, ressaltar que compreender então o que constitui essa memória histórica é o primeiro passo para o projeto à que os governos estadual e municipal pretendem desenvolver, até porque, como ainda ressalta Maria Luisa Sandoval Schmidt e Miguel Mahfoud

A memória coletiva pode, por vezes, se enfrentar de modo contundente com a racionalidade da história feita pelos historiadores. Em outros momentos, pode ser complementar à memória histórica. E, em outros, ainda, servir como limite ao caráter lógico e ideológico da história. Nem a memória coletiva nem a memória histórica podem, contudo, legitimamente, reivindicar para si, a verdade sobre o passado. (SANDOVAL SCHMIDT; MAHFoud, 1993)

Percebe-se aqui que, embora com pouco aprofundamento no que se refere às teorias da colônia e mesmo sobre o que realmente se pretendia com o projeto, nesse momento, a preocupação apresentada no discurso do jornal se dava em torno de um objetivo para além da mera exploração turística, mas em sua essência às preocupações presentes no artigo da constituição e na fala da reportagem, se dão mais pelo resgate de um importante momento histórico da cidade de Palmeira e do Estado do Paraná.

A próxima informação levantada data de aproximadamente um mês após esta primeira cobrança do jornal, já ressaltando um pequeno passo dado pelos poderes estaduais e municipais para o andamento da obra.

**Info.
ão,
ior
da**

Secretaria da Cultura vai iniciar trabalhos na Colônia Cecília

O Secretário da Cultura do Paraná, Profº René Ariel Dotti, deu início ao determinado pela Constituição Estadual que diz respeito às pesquisas a serem realizadas na região onde se localizava a Colônia Cecília, no interior do município de Palmeira.

O prefeito Baptista Cherbim nomeou uma comissão, a qual trabalhará em conjunto com os técnicos da Coordenadoria do Patrimônio Cultural, a fim de acompanhar os trabalhos.

Segundo a Coordenadoria do Patrimônio Cultural, nos trabalhos iniciais será desenvolvida pesquisa arqueológica no local onde existiu a Colônia Cecília.

Ainda sobre a Coordenadoria, a Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico iniciou

pesquisa sobre a arquibancada de madeira do estádio do Ypiranga Futebol Clube que é um dos últimos resquícios da arquitetura de madeira em campos de futebol no Paraná. Visando o tombamento, estão sendo realizados levantamentos arquitetônicos e fotográficos para, posteriormente, serem apresentados em uma próxima reunião do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná.

HISTÓRIA

O Setor de História da Coordenadoria do Patrimônio Cultural está promovendo um trabalho precioso na área de preservação da memória paranaense. Para isso, lançou uma série de publicações denominada de "FONTES PARA A HISTÓRIA DO PARANÁ", onde o principal objetivo é a divulgação de documentos inéditos. Dentre a documentação a ser publicada se encontra os escritos do Sr. Oscar Teixeira de Oliveira que dizem respeito à história de Palmeira. Esses escritos foram publicados por um período de mais ou menos quatro anos, entre 1981 e 1985 no jornal *Gazeta de Palmeira*. Esta coleção constitui-se numa importante fonte para o entendimento da história da população do município de Palmeira. Nesse sentido o Setor de História da C.P.C. já está preparando o material e tão logo esteja pronto, será publicado.

(FONTE 2: Jornal Gazeta de Palmeira 25 a 31 de agosto de 1990. p.9)

Ressalta-se nessa reportagem que o Secretário da Cultura do Paraná, Profº René Ariel Dotti, inicia os trabalhos para a execução do previsto na constituição, juntamente com o Prefeito da cidade.

Sem maiores detalhes, a reportagem dá conta da formação de uma comissão indicada pelo prefeito, o que revela a preocupação com um trabalho mais técnico, porém cabe ressaltar, que se entende isso a partir do objetivo da comissão, a qual é relevada a ideia de uma pesquisa arqueológica, que necessita de especialistas.

A matéria do jornal de um mês atrás parece ter trazido resultados, uma vez que, embora o tempo entre a promulgação da constituição e a execução dos trabalhos estivesse equivocado, mostra que a sociedade de Palmeira estava atenta a isso, afinal, tratava de uma particularidade da cidade prevista especificamente na nova constituição, podendo trazer uma série de benefícios para a cidade, entre os quais, cultural, histórico e turístico.

Percebe-se na pesquisa também, que a data estipulada para a finalização desta obra contém equívoco, porque na edição de vinte e nove de setembro a cinco de outubro não faz referência ao vencimento do prazo estipulado pelo governo estadual, registrado na fonte 1, o destaque é para as eleições de mil novecentos e noventa.

Isso, provavelmente, deve-se ao fato de que se percebeu o equívoco, ou também porque, como aponta na fonte 2, já havia iniciado os trabalhos, porém, esta segunda hipótese é menos convincente, uma vez que o artigo 32 estipula o prazo de dois anos como prazo final da obra e não como prazo para formação de uma comissão para início de trabalhos.

Além disso, o autor da matéria na fonte 1, chama atenção para o final do prazo, que segundo ele findaria naquele ano e, se assim fosse, sua cobrança deveria vir colocada nas linhas da data final, como esta não consta, entendemos que o equívoco foi percebido e, mesmo não retratado, não mais perpetuado.

Essa relevância pode ser sentida quando na edição seguinte, na qual existe uma matéria ressaltando os pontos turísticos da cidade e esta não traz referências à Colônia Cecília.



(FONTE 3: Jornal Gazeta de Palmeira 6 a 12 de outubro de 1990. Suplemento da Gazeta, p. 4)

Como podemos perceber, a referência aos imigrantes italianos chegados em 1890, para a criação da Colônia Cecília, está associada à fabricação dos Vinhos Santa Bárbara, sem fazer nenhuma relação com a Colônia criada por eles e nem mesmo uma referência à suas ideias tão inovadoras para a sociedade na época, ou ainda, sua relevância enquanto parte constituinte da história local.

Talvez a intenção da matéria não seja fazer esse resgate, mas, única e exclusivamente a divulgação turística, sendo assim, como ainda não havia nada concreto finalizado pela então comissão recém-organizada, seria irrelevante sua menção.

No entanto, a ausência dessa referência nos coloca algumas dúvidas, uma vez que consta na própria Constituição do Estado do Paraná sua relevância histórica para a cidade, além do fato de que o mesmo Jornal noticiou dois anos antes, na edição de 10 a 19 de novembro de 1988, a transformação desta experiência em minissérie a ser exibida pela televisão no ano seguinte.



(FONTE 4: Jornal Gazeta de Palmeira 10 a 19 de outubro de 1988)

Tal minissérie foi ao ar e ganhou repercussão, vários estudos passam a ser feitos sobre o tema, os quais foram apontados no capítulo anterior, e por isso o interesse pela Colônia cresceu.

É aqui que levantamos o questionamento sobre o porquê de a matéria turística não associar os imigrantes italianos e, mesmo o vinho a ser vendido, aos integrantes da Colônia Cecília, uma vez que teria sido um fator a mais para atingir o efeito esperado pela matéria.

Percebemos, por outro lado, a urgência cobrada na primeira fonte apontada nesse estudo, afinal, existir uma parte reconstruída da Colônia era uma necessidade, entre outras, turística, que se poderia explorar de forma eficaz, trazendo prováveis resultados comerciais interessantes para a cidade, já que a mesma estava em evidência entre os vários espectadores da minissérie e pesquisadores do tema.

Vale ressaltar aqui que nessa matéria de 1988, o resgate histórico da experiência é feita, ainda que de forma breve, a contextualização da experiência em sua essência anarquista é revelada, bem como a personificação da figura do idealizador da mesma, Giovanni Rossi.

Essas informações são extremamente importantes quando das publicações ligada à Colônia uma vez que, principalmente na época em questão, não havia nenhuma lei que instituísse seu estudo em sala de aula, portanto, essas informações acabavam sendo uma forma da população conhecer um pouco da sua história e muito além de associar tal experiência apenas ao turismo, mas compreender sua relevância também para os pesquisadores que a buscavam.

A próxima reportagem data de 03 a 09/11 do mesmo ano e não trata de forma direta da Colônia Cecília.



(FONTE 5: Jornal Gazeta de Palmeira 03 a 09 de novembro de 1990 – capa)

Embora curta a mensagem, ela está inserida para dar destaque sobre em qual parte do jornal ela se encontra, na capa. Newton Stadler de Souza tem uma breve biografia registrada na página três, porém, enquanto reconhecido cidadão da cidade, sua morte é notícia de capa do Jornal, logo entendemos que sua contribuição é igualmente importante.

Newton Stadler de Souza perde a vida em acidente

Vítima de acidente de automóvel quando se dirigia à cidade de Cascavel, no dia 31 de outubro, morreu aos 61 anos de idade, Newton Fernando Stadler de Souza.

A Gazeta de Palmeira, presta uma homenagem a este palmeirense que tão reconhecidamente soube amar e prestigiar sua Terra Natal.

Newton Fernando Stadler de Souza nasceu em Palmeira, no dia 12 de agosto de 1929, e em Palmeira passou sua infância, até que foi enviado para Curitiba onde veio a receber os ensinamentos que o fariam homem, cidadão e trabalhador.

Casado com Maria Zaleika Freitas teve três filhos.

Formou-se em Direito e bacharelou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, e aos 23 anos foi o primeiro promotor da cidade de Cascavel.

Entre tantas atividades bem sucedidas, foi Diretor da Penitenciária de Piraquara, e quando de suas atividades jornalísticas, na Gazeta do Povo, foi Presidente da Federação Nacional de Jornalistas. Há trinta e

cinco anos era professor da Pontifícia Universidade Católica e vice-Reitor.

Escritor nato, entre várias obras de literatura, desporta ainda hoje, ensaios como "Anarquismo da Colônia Cecília", que reconhecido pela crítica foi transformado em seriado de televisão e filme na Europa.

Se um homem se realiza por escrever um livro, ter filhos e plantar uma árvore, podemos dizer que o Dr. Newton foi um homem realizado, principalmente pelos seus trabalhos na busca de uma sociedade mais justa, humana e fraterna.

Obrigado Dr. Newton. Palmeira reconhece o seu, sempre lembrado, valor.



Newton Stadler de Souza.

(FONTE 6: Jornal Gazeta de Palmeira 03 a 09 de novembro de 1990. p. 3)

Como destacado na reportagem, além de uma importante carreira acadêmica, a obra destacada pelo Jornal é exatamente aquele já discutida nesse trabalho sobre a Colônia Cecília.

Embora sua obra sobre a Colônia tenha sido duramente criticada por trabalhos que o sucederam, não se nega a importância e relevância deste enquanto um dos pioneiros para o estudo do mesmo.

A formação do conhecimento que temos sobre o assunto passa também por esses estudos, afinal, os documentos que posteriormente foram revelados por Mueller e Mello Neto, não eram disponíveis aqui no Brasil na época, dessa forma, não é possível desqualificar seu trabalho, uma vez que, embora não seja um historiador de

formação, retomou o fato e levantou questionamentos e conceitos mais tarde debatidos em outras obras na área.

A ligação da Colônia com a história da cidade de Palmeira está em vários aspectos, seja na constituição do Estado, a qual já debatemos, seja na vida de um cidadão, por isso, entendemos o jornal aqui como um revelador dessas ligações até o momento, relacionando em momentos significativos os aspectos de formação da cidade com a memória da Colônia.

Comprovamos isso com a próxima matéria de 06 a 12 de abril de 1991, quando em seu título e seu corpo de texto trazem novamente essa ligação.

A HISTÓRIA DE PALMEIRA

O pequeno povoado que mais tarde no correr dos tempos, deveu chamar-se Freguesia Nova e posteriormente Palmeira, teve seu origem no movimento de caminho que vinha de Viamão no Rio Grande do Sul às feiras de Sombra-SP, pelos Campos Gerais.

Sendo em seu tempo a única comunicação de São Paulo com os confins meridionais do país e, transitando por ele grande número de caravanas de tropas, esse caminho deveria mesmo proporcionar às terras adjacentes os primeiros habitantes.

A história de Palmeira tem intimidade ligação com a Freguesia Colada de Tamanduá que lhe ficava próxima. Tamanduá porém, situava-se mal para congregar e fixar povoadores, desfilitado de bons mananciais, pouco abundante de lenha e mal abrigados no inverno, além do que, com seus habitantes dispersos em grandes distâncias, a maioria além do rio das Papagaias e, que nas enchentes lhes vedava a passagem, estava com seus dias contados. A essas condições desfavoráveis acrescentaram-se outras de ordem religiosa, uma vez que os povoadores dirigiram-se para os Campos Gerais em busca de uma melhor opção de vida, iam cada vez mais, se distanciando da Capela que, com o nome de Nossa Senhora do

Carmo fora construída pelos Padres Carmelitas em 1705. A transferência desses acionadores da época também se processou pelas divergências surgidas entre o Vigário, Padre Antônio Duarte dos Passos e o Guardião ou Prior do Carmo, levando o primeiro a estabelecer a Igreja no terreno onde hoje se encontra a Matriz Nossa Senhora da Conceição.

Os terrenos em que se fundou a povoação ou Freguesia Nova de Nossa Senhora da Conceição de Palmeira, foram doados pelo tenente Manoel José de Araújo, rico fazendeiro, natural de Minas Gerais e que tinha suas propriedades na povoação de Rincão dos Buracos, doação essa processada por escritura datada de 7 de abril de 1819. Mais tarde, os terrenos doados à Freguesia pelo tenente Manoel, foram acrescidos por novas doações e feitas por José Caetano de Araújo, que era pai do Conselheiro Jeftônio Marcondes e Barão de Tibagi e também por Dona Josefa Joaquina de França, constituindo-se poás essas doações no patrimônio urbano da cidade de Palmeira.

O nome de "Palmeira" ilheve de um capão onde fixou-se o povoado primitivo e que tinha tal designação, como também da fazenda pertencente ao tenente Ma-

noel José de Araújo e sua esposa Ana Maria da Conceição do Sá (avós maternos do conselheiro Jeftônio Marcondes), fazenda que, igualmente tinha a indicação de Palmeira, como Clíscara de Palmeira.

Palmeira foi apontada nos dois quartéis centrais do Século XIX como a cidade mais importante dos Campos Gerais. Só a partir do deslocamento do centro de viagem rodoviária e ferroviária para Ponta Grossa é que passou a perder essa importância e primazia. Porém a que manteve durante os 2º e 3º quartéis do século, garantiram-lhe tradições e glórias que se constituem no seu mais justificado orgulho. Palmeira, juntamente com Paranaíba e a Lapa, eram de fato, as cidades predominantes no tempo da Província. O seu lastro histórico cultural e social é respeitavelmente tradicional. Cidade "Brasonada" como foi chamada por seu filho Heitor Stockler de França.

Com a mudança da sede da Freguesia, a população foi se transferindo para o novo povoado, nas cercanias do novo templo. A corrente de povoamento se avolumou a partir de 1878, com a chegada de colonos russos-alemanes. Os primeiros imigrantes desta nacionalidade estabelece-

ram-se em diversos núcleos de povoamento, chegando aqui também os imigrantes italianos que radicaram-se principalmente na localidade de Santa Bárbara e afundaram a Colônia Cecília, onde pretendiam estabelecer um regime de vida comum, sendo esta Colônia apontada como a primeira experiência socialista na América do Sul. Também para lá dirigiram-se os poloneses que se fixaram nas localidades de Santa Bárbara, Águia Clara, Santa Quirínia e Colônia Maciel, dedicando-se a agricultura e a criação de pequenos animais. Mais recentemente chegaram aqui também japoneses e sírio-libaneses, dedicando-se os primeiros à agricultura e os últimos ao comércio.

Aos 172 anos de existência, marcada e construída por muitos que aqui chegaram, Palmeira intitula-se hoje a cidade clima do Estado e tornou-se calma, agradável e bela, proporcionando conforto aos que nela moram e conquistando os que por ela passam.



A Igreja Matriz de Nossa Senhora Conceição, marco do início da povoação de Palmeira.

(FONTE 7: Jornal Gazeta de Palmeira 06 a 12 de abril de 1991 – p. 5)

A matéria diz respeito ao aniversário de 172 anos da cidade e faz uma breve retomada da história da mesma, desde a formação do pequeno povoado, passando pela chegada dos imigrantes de várias nacionalidades, entre eles os italianos, até a formação da cidade.

Nessa matéria, a inserção dos italianos não é superficial, ou mesmo deixando de referenciar suas intenções ao chegarem em Palmeira, mas uma vez de forma breve, até porque a reportagem assim exige, mas ressalta a formação da Colônia Cecília e destaca o porquê de sua importância na história da cidade.

Ao utilizar o termo "socialista" para a Colônia, não fere a visão da mesma, ainda mais quando destaca a intenção do "regime de vida comum", embora aqui caiba algumas ponderações sobre os conceitos para evitar equívocos, afinal o termo

socialista é mais comumente usado como sinônimo de comunismo, ou mesmo, como forma de governo, e na Colônia o princípio era a ausência do mesmo.

Segundo Vasconcelos

As teorias socialistas, portanto, se constróem como crítica ao sistema de dominação social e econômica da burguesia, ou, em outras palavras, aos mecanismos jurídicos e ideológicos que servem de base de sustentação a esta classe social. (VASCONCELOS, 1996, p. 35)

Com essa definição, o socialismo se constitui em base teórica de aporte ao que viria ser o anarquismo, muito embora, a questão da existência e manutenção do Estado, ainda que exercido pela classe trabalhadora, distancia essas duas ideias.

Dessa maneira, o termo socialista aqui empregado, remete, em linhas gerais, ao proposto por Giovanni Rossi quando da criação da Colônia Cecília e das ideias que a norteariam, principalmente no que tange a busca de um modelo alternativo para os padrões vividos na Europa da época.

No início do século XIX, momento de expansão do capital, sem que este tenha adquirido ainda a aparência de um quadro "natural", surgem desejos historicamente novos, e o socialismo utópico constitui uma primeira tentativa de vislumbrar a sociedade futura. (VASCONCELOS, 1996, p. 37)

O próprio Rossi, doze anos antes da formação da sua vinda para o Brasil, escreve o texto *"Un Comune Socialista"*, no qual conceitua toda sua visão daquilo que ele propunha vir a ser seu "socialismo experimental", o qual seria materializado na Colônia Cecília.

Essa forma de pensar uma alternativa para as relações é assimilada por Rossi em suas projeções para a construção da Colônia, embora, ele ressalte constantemente sua preocupação com a horizontalidade nas relações dentro da experiência.

Segundo Rossi "Anarquia nas relações sociais; amor na família; propriedade coletiva do capital; distribuição gratuita dos produtos na crise econômica; negação de Deus na religião." (ROSSI, 1878)

Percebemos então, que o termo socialista aqui é convergente com o projeto de Giovanni Rossi, uma vez que o mesmo se apropria de conceitos para estabelecer a relação entre a anarquia pensada por ele e o projeto de sociedade proposto.

Outro aspecto muito relevante da história de Palmeira que converge com a história da Colônia é a relação com o imigrante, o qual, como já percebemos nas linhas

anteriores das matérias de jornais estudadas até aqui, é o principal conceito que traz atrelado a questão da Colônia Cecília.

Vemos nas matérias da edição de 21 a 28 de junho de 1991, uma forte reverência aos imigrantes em decorrência ao “Dia do Imigrante”.



(FONTE 8: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de junho de 1991 – capa)

Na capa já podemos ver a importância atribuída ao imigrante por parte da cidade, o reconhecimento é destacado no conteúdo logo no título, podendo reconhecer a força do imigrante na construção do progresso da cidade de Palmeira, além disso, já nessa pequena manchete, destaca-se a diversidade étnica que ajudou na formação e desenvolvimento da cidade.

A matéria tem sequência na página 7 onde começa com um resgate histórico da imigração em direção a Palmeira e dá destaque a Colônia Cecília ao tratar dos italianos.



(FONTE 9: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de junho de 1991 – p. 7)

Nesse momento a reportagem aborda a Colônia Cecília ressaltando sua criação, embora aqui a data reportada tenha um equívoco, a matéria se refere a 1891, quando já discutimos e percebemos através dos documentos e outras publicações ressaltadas nesse estudo, que a data de 1890, além desse fato, novamente percebemos o termo socialismo, discutido na fonte anterior.

A matéria destaca ainda uma informação importante, a de que a Colônia, radicada em redor da Colônia Santa Bárbara, dos imigrantes poloneses, gozava de “completa liberdade de organização”, essa informação não é encontrada em outros textos, porém a liberdade de organização é contraposta quando Felici destaca que

A notícia de que o governador do Paraná recomenda às autoridades italianas de vigiar a Cecília, torna-o (Rossi) furioso, como ele diz a seus irmãos em janeiro de 1893. Essa recomendação do governador é de qualquer forma inútil, visto que nós sabemos, pelos arquivos italianos, que a vigilância havia começado desde 1890. (FELICI, 1998, p. 25)

Desta maneira, percebemos que essa liberdade de organização era fiscalizada de perto pelo governo, e isso se dinamiza em nível nacional quando

Nas grandes ações repressivas voltadas contra os anarquistas, especialmente nos anos de 1890, as denúncias contra supostos ou efetivos anarquistas e a vigilância a que eram em seguida submetidos; a descoberta da organização de agitações em importantes datas comemorativas do movimento operário e anarquista internacional, como os aniversários da Comuna de Paris, em 18 de março, da execução dos mártires de Chicago, em 11 de novembro, e, é claro, o 1º de maio, influenciaram e determinaram medidas policiais contra os suspeitos. (BAETA LEAL, 2009, p. 61)

Percebemos assim que mesmo em nível nacional já se repreendia anarquistas, o que deve ter motivado a fala do Governador do Estado de Paraná, afinal, se ações e comemorações eram vigiados de perto, uma experiência prática de cunho anárquico, com certeza seria uma preocupação para as autoridades.

Entre as circunstâncias apresentadas nessa matéria sobre a imigração, é dado ênfase ainda para o relato de alguns descendentes de imigrantes, entre eles Crimene Artusi Agottani, descendente de italianos.

Imigrantes e descendentes

Um dos imigrantes que aqui chegou, é o polonês Felix Graczyk que tinha na época apenas sete semanas. Hoje com 100 anos conta a dificuldade enfrentada por seus pais e conterrâneos no século passado.

Sendo o mais novo de uma família de 5 irmãos, o imigrante diz que, quando as famí-



Felix Graczyk

As polonesas chegaram na localidade hoje conhecida como Santa Bárbara, moravam em um barracão. Todas reunidas em uma mesma casa, até que fizessem as suas, ao todo eram 44 famílias em busca de um país melhor e mais trabalho. Conforme declara ele "os velhos que fundaram a colônia não existe mais ninguém" e somente quem alcançou um século foi ele.

Mesmo não sendo imigrante, mas fazendo parte da segunda geração, Ema Duppss Eurich, de 80 anos, relata que sua família juntamente com mais nove famílias russos-alemanes,

viajaram durante 40 dias em um navio, para desembarcar aqui. Ema conta que as casas eram construídas com barro, amassado com os pés das imigrantes e a cobertura da nova casa era de palha de centeio. A colônia onde se fixaram foi a de Papagaios Novos.

Em poder de Ema e sua família, existe um livro escrito em alemão pelo pastor da época, que registra todos os fatos e acontecimentos, de quando aqui se instalaram, inclusive neste livro tem um menino cantado pelos russos-alemanes que desembarcaram do navio e ainda não tinham para onde ir, o menino segundo Ema, diz mais ou menos assim, "Agora vamos ver onde vamos achar o nosso lar", o trecho cantado é pequeno, mas a saudade e a lembrança revivida por Ema ainda é intensa.

Vindos da Itália, a família Artuzi, Agottani, Dusi e tantas outras,



Crimene Artuzi Agottani

se fixaram em Santa Bárbara, batizada por eles como colônia Cecília e ali passaram a viver e fazer da terra doada pelo Governo, a sua bela Itália.

Descendendo de italianos, Crimene Artuzi hoje com 90 anos, lembra-se pouco do que seus pais sofreram quando encontraram uma terra estranha à seus costumes, mas recorda do amor que seus pais tinham com a terra e a sua dedicação ao trabalho. Crimene fala sobre a fabricação do vinho que atualmente é muito conhecido e apreciado. Por passarem dificuldades na terra natal, os italianos segundo conta Crimene, apesar das dificuldades davam muito valor à terra e se mostravam irritados quando alguém lhes falava em volta para a Itália.

Uma das maiores lembranças de Crimene, filha de italianos, é a união de todos os que aqui chegaram e se fizeram donos.



Ema Duppss Eurich

(FONTE 10: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 28 de junho de 1991 – p. 7)

Na parte destinada a ela, a Colônia Cecília é tratada como parte da Colônia Santa Bárbara e nos chama atenção ainda a referência da doação desta terra por parte do governo brasileiro ao governo italiano.

Essa informação chama atenção, mais uma vez, por resgatar aquele debate já referenciado no presente trabalho, sobre a origem das terras onde se localizou a Cecília, debate o qual, pelo visto, ainda nessa época era alimentado por trabalhos não históricos.

Nesse primeiro momento, as fontes que foram analisadas nos mostraram, através do jornal, que existia na cidade de Palmeira uma preocupação com a memória da Colônia Cecília, não apenas de forma turística, mas também de forma histórica, reconhecendo a importância que a mesma tem na formação da cidade, uma vez que o resgate parte desde a imigração, enquanto fator de contribuição na formação da cidade, até seu legado histórico deixado.

Não foi encontrado, no entanto, referência à finalização do prazo oficial estipulado no artigo 32 da Constituição Estadual para a reconstrução, já apontada nesse trabalho, de parte da Colônia Cecília, e também não houve outras informações sobre o decorrer dos trabalhos da comissão que havia sido formada para a realização da mesma.

Cabe lembrar nesse momento que o Jornal passou por mudanças em sua estrutura e funcionamento e, portanto, a pesquisa foi obrigada a fazer um recorte temporal brusco, saindo do ano de 1991 e passando para 2003, o que deixou ainda algumas dúvidas, principalmente quanto a continuidade das cobranças sobre a execução da obra proposta.

No entanto, ao pesquisarmos fora do jornal, percebemos que a preocupação na execução da obra continuou figurando entre os governos municipais, uma vez que no ano de mil novecentos e noventa e sete, temos a Lei nº 1889, de 12/12/1997, a qual dispõe sobre o Plano Plurianual do Município de Palmeira para o período de 1998 a 2001, em seu anexo 2.6.15 aborda a “Construção do memorial “Colônia Cecília ”: Resgatar a história da imigração italiana no Município.”, porém, não pudemos verificar qual foi a abordagem do jornal para com essa lei pela indisponibilidade dos arquivos, uma vez que, esse período corresponde ao momento que o Jornal estava sediado em Ponta Grossa.

A partir do recorte proposto, fica evidente um novo momento para o desenrolar desse processo de abordagem da Colônia, e o viés turístico e mercadológico foi o que marcou as ações sobre a mesma nesse novo momento, como podemos observar na exposição das fontes.

Palmeira, 22 a 28 de março de 2003

Caminhos da Colônia é entregue na PR Turismo

No último dia 14, uma comitiva de Palmeira, integrada pelo presidente do PMDB local, Jaudeth Ramos, pelo vereador Rubens Borcoski, e pelo presidente da Associação Italo Brasileira de Palmeira e membro do Codetur, Antônio José Passoni, esteve em Curitiba, na sede da Paraná Turismo, mantendo conversações com o presidente da empresa, Jorge Rosas Demiate. Na ocasião, Passoni entregou ao presidente da Paraná Turismo uma série de informações e esboços sobre o projeto Caminhos da Colônia, um roteiro turístico voltado à visitação de diversos pontos do interior do município colonizados por imigrantes poloneses e italianos a partir do final do século 19.

Segundo Demiate, "o projeto é bastante interessante e tem tudo para ser viável". A Paraná Turismo tem apoiado uma série de iniciativas semelhantes, com o objetivo de estimular o turismo rural e oferecer aos proprietários rurais uma alternativa econômica das mais rentáveis, como é o caso do turismo. Ele se propôs a interceder junto a outros órgãos do governo para atender algumas reivindicações específicas.

Colônia Cecília

Outro ponto da conversa com o presidente da Paraná Turismo foi a Colônia Cecília, uma experiência de núcleo anarquista acontecida em Palmeira entre 1890 e 1894, protagonizada por imigrantes italianos. Como a Constituição do Paraná, elaborada em 1989, prevê a instalação de um memorial da Colônia Cecília, foi feito um pedido a Demiate para que leve ao governador Roberto Requião e aos secretários de Estado a vontade dos descendentes e da população de Palmeira em ter este memorial para homenagear e valorizar o episódio histórico. O diretor de redação da Gazeta, Rogério Lima, que participou da visita à Paraná Turismo, defendeu a construção do memorial da Colônia Cecília.



(FONTE 11: Jornal Gazeta de Palmeira 22 a 28 de março de 2003 – p. 4)

Nessa matéria de março de 2003, percebemos um projeto em andamento que visava o turismo rural, juntamente com a Paraná Turismo, à qual como autarquia vinculada à Secretaria de Estado do Esporte e do Turismo, implementava alguns programas que incentivavam o turismo e a geração de emprego através do mesmo.

Embora o projeto não tratasse exclusivamente da Colônia Cecília, mas de uma rota envolvendo outras colônias de outras descendências, vemos ressurgir a preocupação com a mesma, e também a cobrança para a realização das obras dispostas no já citado artigo 32 da Constituição Estadual, que na matéria tem sua data corrigida.

A reportagem dá conta de um "memorial" a ser erguido para homenagear a Colônia Cecília, muito embora não seja isso o disposto no artigo da Constituição, que falava que o Estado "(..) reconstituirá, dentro de dois anos da promulgação desta Constituição, parte da Colônia Cecília (...)" (Constituição Estadual do Paraná, 1989),

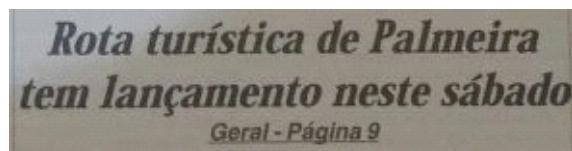
mas acreditamos que nesse momento, dado mais de dez anos do final do prazo estipulado, um memorial fosse mais viável.

Além disso, a matéria também aponta “a vontade dos descendentes e da população de Palmeira em ter este memorial para homenagear e valorizar o episódio histórico”, o que nos parece contrapor o exposto na fonte 1, quando os mesmos descendentes não haviam se envolvido nessa cobrança.

Quais seriam os motivos então para que agora essa questão gerasse interesse da população e de seus descendentes?

Tudo nos leva a crer que o envolvimento com o turismo seja o principal fator, uma vez que a criação de uma rota turística que passasse pelo interior de Palmeira, trouxesse um número considerável e visitantes e aí, a história da Colônia Cecília seria um chamativo a mais para a movimentação comercial da cidade.

Isso se comprova quando é realizado o lançamento oficial deste projeto, aproximadamente quatro meses depois de ser anunciado e muito embora já houvesse trabalhos desde um ano antes para sua realização.



(FONTE 12: Jornal Gazeta de Palmeira 26 de julho a 1º de agosto de 2003 – capa)

Na capa da edição de julho temos a referência a “rota turística”, a qual não faz alusão a nenhum outro conceito a ser desenvolvido pelo projeto se não, apenas a pura promoção ao turismo da cidade.

Vemos isso completar-se no desenrolar da matéria a qual nos fornece mais algumas informações sobre o projeto sem, contudo, resultar em um aprofundamento histórico conciso.

**Gazeta
DE PALMEIRA**

GERAL - 9

Projeto turístico “Caminhos da Cecília” tem lançamento oficial neste sábado

Na manhã deste sábado, 26, no Parque Caminho das Tropas, em Palmeira, acontece a solenidade oficial de lançamento do projeto turístico “Caminhos da Cecília”. O evento é promovido pelo Departamento de Cultura, Meio Ambiente e Turismo da Prefeitura de Palmeira e pelo Conselho de Desenvolvimento do Turismo, que vêm juntos, desde o ano passado, trabalhando na elaboração do projeto.

Tratado como rota turística, o projeto “Caminhos da Cecília” é uma alusão à experiência anarquista protagonizada por imigrantes italianos no final do século 19, em área cedida pelo governo imperial brasileiro, sob a inspiração do botânico e intelectual Giovanni Rossi.

Programação

A solenidade de lançamento da rota turística começa com a recepção aos convidados e mostra de artesanato e produtos coloniais de Palmeira, a partir das 10 horas. As 10h30, acontece a abertura do evento e o lançamento oficial do “Caminhos da Cecília”. Depois, às 11h30, será encenada a peça teatral “Caminhos da história”, pelo grupo de teatro Impacto em Cena. Ao meio-dia está prevista a premiação dos vencedores do concurso de artesanato típico e, logo em seguida, será serviço almoço com pratos típicos das etnias representadas na rota turística, entre as quais a italiana e a polonesa.

Segundo a programação do evento, no período da tarde serão realizadas visitas dirigidas a locais incluídos na rota turística. Os interessados em participar das visitas deverão fazer agendamento no período da manhã, com representantes do Departamento de Cultura, Meio Ambiente e Turismo e do Codetur.



A centenária igreja de Santa Bárbara é um dos atrativos da rota turística “Caminhos da Cecília”.

(FONTE 13: Jornal Gazeta de Palmeira 26 de julho a 1º de agosto de 2003 – p. 9)

Está destacada no projeto a importância da Colônia Cecília para a história local da cidade quando o nome deste, que visava um turismo rural abrangente, é escolhido em sua alusão, embora outras colônias na região ainda estejam ativas e com sua história e memória mais bem preservadas, a especificidade da experiência anarquista ainda é um forte referencial atrativo.

A preocupação histórica, no entanto, parece ainda ser algo secundário, uma vez que ainda na apresentação da Colônia se destaque mais uma vez a doação de terras por parte do governo imperial, o que não mais se justifica, afinal, no ano da matéria, vários trabalhos foram publicados descontruindo essa visão, contudo, o da reportagem não faz essa atualização, além do pouco aprofundamento sobre o viés conceitual da Colônia e mesmo de seu idealizador, Giovanni Rossi,

Percebemos assim que a relação comercial e turística, ainda é o foco principal, o que não veio atrelado a uma preocupação de resgate e preservação histórica, afinal, na programação divulgada pela matéria não se fala em palestras ou discussões sobre a Colônia Cecília, ou qualquer outro dos pontos que integravam a rota, mas ressalta-

se o comércio de artesanatos e a culinária, os quais, embora constituam um importante aspecto de preservação da cultura e da história local, não dão conta de aprofundar e discutir todo o legado da mesma.

É aqui que reside a preocupação do historiador, para que tanto o turismólogo quanto o historiador trabalhem de maneira complementar e não haja prejuízo nem para um lado proposto nem para outro, até porque há

Uma proximidade metodológica entre o tratamento que as duas áreas de saber dão ao objeto histórico: ambas definem um evento no passado, buscam apreendê-lo, o interpretam e publicizam a interpretação. Esta última, para o historiador, é produto de reflexão intelectual que é o fundamento intrínseco do seu fazer intelectual. Para o turismólogo, ela é a base de um produto que deve ser comercializado amplamente, configurando um objetivo econômico explícito. (MENESES, 2004, p. 1)

Cabe ressaltar aqui que o projeto é turístico, como bem apontam as referências, e talvez, por isso, o aspecto histórico não está destacado, no entanto segundo Meneses

O turista, ao viajar e fugir de seu cotidiano, quando opta por conhecer uma determinada cultura e entender uma certa identidade cultural, está, de antemão, sensível a atribuir sentidos, entender simbologias, apreender significados, desde que sinta aderência ao produto da interpretação do planejamento turístico e da história a uma vivência real e em construção. Caso contrário, não haverá nenhuma problematização estimuladora de sua curiosidade e inteligência e nenhuma vontade de ficar ou de voltar. (MENESES, 2004, p. 2)

Ou seja, dissociar o turismo da história pode ocasionar o resultado inverso ao que se é pretendido ao elaborar um projeto como esse, ainda mais que, até o momento do lançamento oficial deste, o dito memorial em homenagem à Colônia Cecília não havia sido construído e, as cobranças por sua realização também deixam de aparecer.

Palmeira, 2 a 8 de agosto de 2003

Lançado em Palmeira roteiro turístico “Caminhos da Cecília”

O roteiro “Caminhos da Cecília” é o novo atrativo turístico do Paraná, localizado no município de Palmeira. O novo roteiro foi lançado no último dia 26, em solenidade realizada no Parque de Exposições Caminho das Tropas, e explora o turismo rural em diversas propriedades da região. Segundo o diretor-técnico da Paraná Turismo, Evandro Piñeiro, que participou do evento de lançamento, “este caminho representa um novo produto turístico que pode ser comercializado no Paraná, com enfoque para a história, cultura, artesanato e gastronomia”.

A solenidade de lançamento, organizada pelo Departamento de Cultura, Meio Ambiente e Turismo da Prefeitura de Palmeira e pelo Conselho de Desenvolvimento do Turismo (Codetur), contou com a participação de vários dos envolvidos na atividade, além de autoridades e convidados.

A solenidade de lançamento da rota turística teve mostra de artesanato e produtos coloniais de Palmeira e encenação da peça teatral “Caminhos da história”, pelo grupo de teatro Impacto em Cena. Depois ocorreu a premiação dos vencedores do concurso de artesanato típico e, logo em seguida, foi servido almoço com pratos típicos das etnias representadas na rota turística, entre as quais a italiana e a polonesa. No período da tarde foram realizadas visitas dirigidas a locais incluídos na rota turística.

Roteiro

Ao longo deste novo roteiro turístico, os visitantes poderão conhecer locais de lazer como o Parque de Exposições Caminho das Tropas, pesque-pague, pousadas, chácaras, além da chácara-museu russo-alemã localizada no Sítio Minguinho, que mostra instrumentos de diversas profissões. Também o Memorial Polonês e a centenária Igreja da localidade de Santa Bárbara estão incluídos no roteiro.

A Colônia Cecília foi marcante na história da colonização do município de Palmeira. O local guarda a memória da única experiência anarquista da América Latina, formada por um grupo de imigrantes italianos que tentaram instalar ali uma proposta de organização social que visava a liberdade.

(FONTE 14: Jornal Gazeta de Palmeira 02 a 08 de agosto de 2003 – p. 7)

Nessa próxima reportagem o debate continua, ao destacar todo o evento que lançou esse importante projeto para a cidade, não se referencia ainda o não cumprimento, até essa data, da construção do memorial da Colônia, além disso, fica evidente que a chamada do nome do projeto é apenas mercadológica, uma vez que essa ausência além de não ser cobrada, não é sequer referenciada e a Colônia Cecília passa a ser apenas o último parágrafo da matéria, trazido como justificativa para a escolha de seu nome.

Enquanto historiador, cabe a preocupação ao analisar que a memória e a história da Colônia Cecília, singulares por suas particularidades, acabem sendo relegadas apenas ao turismo e comércio, principalmente para que não se dê esquecida sua relevância histórica na formação da sociedade de Palmeira.



(FONTE 15: Jornal Gazeta de Palmeira 09 a 15 de agosto de 2003 – p. 8)

A rota ganha visibilidade em boa parte da imprensa e novamente o Jornal a referencia, embora, mais uma vez apenas enquanto conceito turístico, novamente dando destaque para aquilo que pode ser comercializado ao longo de sua visitação.

Esse discurso que presenciamos no momento, mostra que uma grande contradição, aponta a Colônia Cecília, uma experiência de “ideologia anarquista”, como aponta a matéria, o qual se dá em contrapartida ao capitalismo, tendo sua história associada quase que exclusivamente ao mercado.

Esse debate precisaria ser aprofundado, afinal, se o disposto na Constituição Estadual afirmava a necessidade de “(...) preservação de seus caracteres histórico-culturais. (Constituição do Estadual do Paraná, 1989), e isso parece, analisando pelo discurso do jornal, não estar sendo levado em consideração.

Já foi discutido nesse trabalho a importância que a cidade de Palmeira deu aos imigrantes e à Colônia, não negando suas raízes e recuperando parte significativa de sua história, contudo, ao ganhar visibilidade, o projeto deixa a desejar nesse aspecto, uma vez que toda visitação feita na cidade não possui um único local destinado a discussão exclusiva dos anarquistas, e a relação deste com a cidade fica restrito a outros fatores mais abstratos.

Ao se questionar sobre a relevância da Colônia e sua herança para a cidade, até mesmo as linhas do jornal carecem de mais informações e envolvimentos.

Esta experiência anarquista, que abre horizontes para o projeto, precisava ser aprofundada, para que os aspectos históricos e culturais que o envolvem não fossem apenas uma curiosidade a chamar a atenção de possíveis turistas, mas constituíssem debate relevante em suas rupturas para a sociedade da época e suas permanências na vida da cidade.

Afinal, a abrangência do projeto se deu para além do Estado do Paraná,



(FONTE 16: Jornal Gazeta de Palmeira 04 a 10 de outubro de 2003 – p. 7)

Como vemos na matéria de outubro, a repercussão do projeto se deu bem ampla, sendo apresentado no Rio Grande do Sul, e nesse momento a dúvida que fica é sobre a associação do projeto à história da cidade.

Se por um lado Palmeira estava “à mostra” em outro Estado graças a Cecília, por outro, a ausência do debate sobre, principalmente, o que a cidade ainda carrega desta experiência é inquietante e o que nos leva a crer é que a herança é apenas turística mesmo.

Turismo ganha destaque entre as ações desenvolvidas pelo Governo do Paraná

Após a criação da Secretaria de Estado do Turismo em janeiro de 2003, pelo governador Roberto Requião - que conduziu o empresário Cláudio Rorato para ocupar a pasta - e a elaboração da política estadual de turismo, uma das principais conquistas do setor, foi o lançamento da Rota dos Tropeiros. A idéia de aproveitar como potencial turístico o caminho das tropas que conduziam o gado desde Viamão (RS) até Sorocaba (SP), atravessando o interior do Paraná, de Rio Negro, na divisa com Santa Catarina a São José, no limite com o estado de São Paulo, foi lançada oficialmente, em maio deste ano, em Castro, com a presença do ministro Walfrido Marques Guia.

Esse mais recente produto turístico paranaense relata um pouco da história do Paraná em cada um dos 16 municípios que o integram. Nesses cinco meses, a Rota dos Tropeiros gerou cerca de 500 empregos diretos na área hoteleira e gastronómica da região e, graças ao incentivo ao turismo rural, registrou a abertura de dezenas de pousadas. O produto passou a ocupar a terceira colocação dentre os circuitos do Paraná divulgados pela Embratur no Exterior, apenas superado pela capital e por Foz do Iguaçu.

Cada município integrante desse caminho investe em suas atrações, sejam elas naturais ou de valor histórico. Assim ocorre em Palmeira, que agregou valor ao produto colocando a antiga Colônia Cecília, retratada na mini-série "Anarquistas, Grapas a Deus", e criou os Caminhos da Cecília. A colônia alemã Witzmann também foi inserida na rota, tanto pela sua riqueza étnica (colonizada por menonitas) como geológica e arqueológica.

Caminhos

"O Paraná é um estado que nasceu de caminhos, desde o trajeto do colonizador espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que desbriou as Cataratas do Iguaçu, em 1541; o caminho de Peabiru até Foz do Iguaçu; ou as viagens de Augusto de Saint Hilaire, que percorreu 11 fazendas do interior na década de 1820, e do inglês Thomas Big Witter que fez, em 1873, um levantamento ferroviário", diz o ponta-grossense Jorge Demiate, diretor presidente da Paraná Turismo, autarquia vinculada à Secretaria de Estado do Turismo (Setur).

"No Paraná está fervilhando a idéia do turismo como fonte de renda e gerador de empregos", diz Demiate. "Estivemos em Quatro Barras, na Região Metropolitana de Curitiba, num evento de pré-lançamento de roteiros: o Caminho dos Jesuítas, o Caminho da Graciosa e o Caminho do Iupava", comenta. Segundo ele, o Paraná tem um grande número de riquezas que despertam interesses turísticos, seja histórico, científico ou graças às suas belezas naturais. "Percorri 55 mil quilômetros em rodovias do interior durante nove meses. Verifiquei que o desenvolvimento regional do turismo parte da BR 277 no sentido de fortalecer os pólos turísticos regionais", diz Demiate.

Vende-se

Larichonete completa e em funcionamento, com ótima clientela, localizada na praia



Jorge Demiate.

(FONTE 17: Jornal Gazeta de Palmeira 01 a 07 de novembro de 2003 – p. 14)

A matéria evidencia que o grande estouro turístico não foi apenas em Palmeira, mas que a cidade estava inserida em um amplo projeto do Paraná de investimentos no setor, para isso Palmeira contribui com o "Caminhos da Cecília".

A visão do referido presidente da Paraná Turismo, Jorge Demiate, ressalta que "o Paraná tem um grande número de riquezas que despertam interesses turísticos, seja histórico, científico ou graças às suas belezas naturais", relevando na associação direta entre os fatores que poderiam atrair turistas, um deles seria a história.

Nesse momento retomamos Meneses quando este destaca que

A questão da memória, da busca identitária e da apreensão do passado como patrimônio memorialístico apresenta-se como uma rica fronteira entre a História e o Turismo. A construção/invenção do passado como atrativo para quem viaja parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também, por construções de caráter popular, lendário e mitológico. (MENESES, 2004, p. 3)

Assim, ver a história como fator turístico não é necessariamente algo equivocado, até porque a relação se estabelece também visando a viabilidade de se explorar o turismo, enquanto atrativo comercial, de resgatar e transformar a história presente no mesmo sem, contudo, esquecer sua função enquanto disciplina. (MENESES, 2004)

O que entendemos aqui é que existe uma relação entre a história e o turismo e que essa não é prejudicial, contudo, aprofundá-la é, antes de tudo, entrelaça-las e não apenas utilizar uma em benefício da outra.

A história é presente em todas as sociedades e culturas, sendo, dessa forma, um caminho seguro para guardar a memória que as constitui, e nesse sentido é que a precariedade da relevância histórica atribuída pelo exposto, visando apenas o lucro proveniente da atividade turística, não atinge os objetivos a que se propunha.

Ainda em decorrência desse estouro turístico que cercou a Colônia Cecília a partir do projeto “Caminhos da Cecília”, inicia-se no jornal a “Coluna Colônia Cecília – Espaço Anarco”.

Esse espaço era de publicação semanal, acompanhando a tiragem do Jornal, teve início na edição de 13 a 19 de dezembro de 2003 e contou com vinte e quatro publicações, geralmente publicado na página nove da categoria “geral”, tinha por objetivo principal divulgar o restaurante “Colônia Cecília – Espaço Anarco”, de propriedade de Zenilda Batista Bruginski, assistente social formada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestre em serviço social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e professora aposentada da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que abria as portas na cidade de Palmeira divulgando programação de shows e eventos que aconteceria no local.

No entanto, a coluna, que era sempre assinada como “Equipe Anarco”, também fazia algumas reflexões sobre diversos temas, entre eles a própria doutrina anarquista com breves resgates históricos sobre a Colônia Cecília.

A Coluna encerra suas atividades na edição de 12 a 18 de junho de 2004, quando a partir de então passa a figurar apenas como anúncio comercial do restaurante.

Palmeira, 13 a 19 de dezembro de 2003

Coluna Colônia Cecília Espaço Anarco

Neste final de semana teremos Sambinha ao vivo, com o grupo do Dijean e Leonardo - sábado à noite. Domingo Roda de Samba na calçada corre solta, a partir das 16 horas - sempre aos domingos - com o Grupo Alma Gêmea. Na próxima sexta-feira, 19 de dezembro, a volta de João Grande - a partir das 21 horas. Dia 20 de dezembro - Revelação de talentos locais: (21 horas) aguarde!

Notícias Gerais

Aqui em Palmeira se reencontraram dois irmãos, depois de 92 anos anos de separação. Uma pura emoção! Logo estaremos divulgando mais dados.

No dia 7 de dezembro apareceu no "Colônia Cecília" um senhor, "coladinho", querendo pagar a conta com dinheiro que não vale mais. Estava com um maço de dinheiro! Saiu muito bravo porque o seu dinheiro não foi aceito!

O Show de Tango com Carlinhos Moro e Kátia Souza foi um sucesso! Excepcional. Puro delírio! Já foram contratados para uma nova apresentação em Palmeira.



Tivemos pérolas da música palmeirense tocando no Espaço Anarco: Daio e Lauri, Levi Macedo e seus amigos, José Maurício e André Czap (foto). Estes músicos não ficam a dever nada para outros músicos brasileiros. Dalmir Duzzi, que arte, que músico de alma, Levi e os outros, estilos diferentes, mas, apresentando o melhor de si.

E o Bossa Trio?! Show à parte. Fizeram "capela" e MPB, como grandes profissionais.

A casa Colônia Cecília estará sempre aberta para a boa música. Que os músicos palmeirense cheguem lá para se apresentar. Sempre vai ser um prazer!

Amigos, venham conhecer o Colônia Cecília - Espaço Anarco - que teremos o maior prazer em recebê-los!

Equipe Anarco.

(FONTE 18: Jornal Gazeta de Palmeira 13 a 19 de dezembro de 2003 – p. 9)

Em sua primeira aparição no Jornal, a Coluna não faz maiores apresentações, apenas divulga a abertura da casa e os shows que nela figuraram, além de convidar novos músicos a se apresentarem, e aqui já pode parecer que a Coluna estava novamente apenas a serviço de um interesse comercial lucrativo, no entanto, não foi o que realmente se configurou.

Palmeira, 20 a 26 de dezembro de 2003

Coluna Colônia Cecília Espaço Anarco

Um empreendimento sócio cultural.



Em memória à experiência anarquista vivida em Palmeira por italianos que vieram para cá no final do século 19, inauguramos a Colônia Cecília/Espaço Anarco, com a seguinte proposta:

- 1º Ser um espaço que lembra sempre a experiência da Colônia Cecília e o espírito do anarquismo como saber oferecido aos visitantes;
- 2º Uma galeria de quadros com os imigrantes e descendentes da Colônia e outras fotos significativas da memória histórica e atual dos fatos;
- 3º Oferecer uma livraria temática sobre: Anarquismo, Colônia Cecília e temas afins;
- 4º Lembrar sempre os ensinamentos de Giovani Rossi (idealizador da colônia) com relação à ecologia, à relação homem/natureza, ao relacionamento puro e sem preconceitos entre as criaturas humanas;
- 5º Oferecer um ambiente saudável onde se curta uma boa música, bons amigos, canto, dança de boa qualidade;
- 6º Um local para você passar boas horas lendo seu jornal, tomando um bom café, ouvindo música calma e relaxante;
- 7º Uma oportunidade para você fazer seu passeio de charrete, carrocinha, pelos pontos turísticos da cidade;
- 8º Venda de produtos da região, artesanato, vinhos, principalmente oriundos da rota Caminhos da Cecília;
- 9º Um espaço alternativo para eventos em geral a ser contratado (aniversário de criança, chá de senhoras, eventos de firmas, aí incluindo refeição); vernissage, (exposições de quadros), cursos de dança, palestras, treinamentos, etc;
- 10º Um espaço para os músicos palmeirenses tocarem a boa música de instrumentos, aquela genuína, de alma, da boa e velha boemia.

Um espaço enfim, para todos nós, que amamos as coisas boas da vida.

Zenilda Batista Bruginski – empreendedora.

Rua Santos Dumont, 400 – fone 252-7569 – Palmeira – PR.

(FONTE 19: Jornal Gazeta de Palmeira 20 a 26 de dezembro de 2003 – p. 9)

Nessa segunda edição da Coluna, podemos sim ver a preocupação em fazer um apanhado daquilo que se pretendia ser o estabelecimento, que a princípio comercial, não estava restrito a isso.

Coluna faz alusão a dez princípios que regeriam o estabelecimento, e é nesse momento que vemos uma particularidade importante, afinal do primeiro ao quarto princípio todos são relacionados à experiência anarquista e sua ideologia, começando pela intenção de formar um ambiente que “lembra sempre a experiência da Colônia Cecília e o espírito do anarquismo como saber oferecido aos visitantes”.

Nesse primeiro momento já percebemos que o discurso envolve sim os aspectos formadores da Colônia, principalmente do anarquismo, os quais não foram mais detalhados na publicação, mas sua referência abre um bom plano de discussões, além disso o termo “visitante” é usado, o que nos remete a uma distanciação com o termo “cliente”, puramente mercadológico.

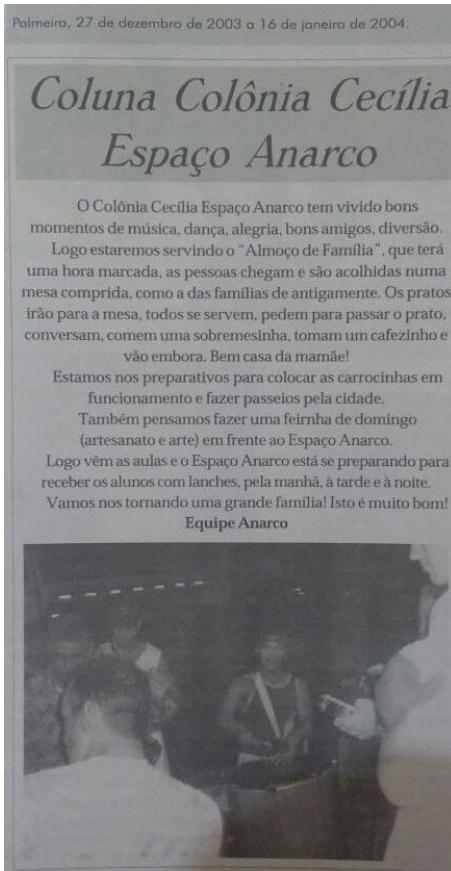
O destaque no segundo ponto para a exposição de fotos históricas remetendo aos descendentes da Colônia e outros imigrantes, além de, no ponto três, propor a criação de uma biblioteca dando ênfase ao tema do anarquismo e da Colônia, formando assim, um lugar que se propõe guardar parte da história local, resguardando a memória da experiência e não apenas utilizando-a como propaganda,

No quarto ponto o resgate do primeiro, onde a Coluna expõe alguns dos princípios que se propõe a guardar e repassar em suas dependências e que são próprios do anarquismo de Rossi, entre eles a ecologia, relação homem/natureza e ao relacionamento puro e sem preconceito entre as criaturas humanas.

Dessa forma, a proposta do ambiente foi para além da visão de um turismo puramente mercadológico mas, dentro dessa visão, a relevância de realmente alçar os princípios que estavam sendo explorados nas relações comerciais propostas pelo turismo como marcantes e presentes na sociedade de Palmeira.

Todos os outros seis aspectos relevados fazem mais referência ao que se propõe comprar e vender, porém, ao destacar a importância desses primeiros, a autora prova ser possível resgatar a história da experiência anarquista e relevar sua herança cultural sem deixar de enquadrá-la no contexto atual capitalista.

Em sua terceira edição, e última que vamos analisar nesse trabalho, afinal a Coluna Colônia Cecília – Espaço Anarco possui material para um trabalho próprio, o destaque ainda se dá na mistura entre o comércio pretendido e como esse se envolve com a história.



(FONTE 20: Jornal Gazeta de Palmeira 27 de dezembro de 2003 a 16 de janeiro de 2004 – p. 9)

A mesa comprida que faz referência à publicação converge com aquilo que se imagina ter existido na Colônia Cecília quando o próprio Rossi conta que

Saindo de casa, cada um se dirigia ao seu trabalho, enquanto as mulheres preparavam o café na cozinha comum. Depois de uma ou duas horas de trabalho matutino, um de cada vez, em grupos, todos com ótimo apetite, corremos ao refeitório, para o café com leite – um pouco aguado mas abundante – com polenta, torrada e pão de centeio. Voltamos a trabalhar e até por volta de meio-dia, quando se dá outra visita ao refeitório, agora para a sopa – esta também sem muito sabor, mas abundante. (ROSSI, 2000, p. 76)

Então, o que pudemos ver é que realmente a intenção de uma vivencia comunitária estava previsto na experiência anarquista, e ao retomar isso dentro do estabelecimento, mais do que um simples comércio, parte significativo dos costumes dos imigrantes estava agora sendo reconhecido como parte da cultura da cidade.

Todo o decorrer do que foi exposto e discutido até o momento é fruto de um movimento que nasceu em mil novecentos e oitenta e nove com o já citado artigo da Constituição Estadual, no entanto, todo esse processo que pudemos acompanhar até agora foram tentativas por parte dos governos estadual e municipal, além de ações de particulares, para tentar cumprir a determinação constitucional.

Vemos, porém, que a efetividade esbarrou em diversos aspectos, desde o envolvimento da comunidade no projeto, o qual parece ter sido despertado apenas quando a viabilidade de retorno comercial foi garantida, até na disposição orçamentária dos governos envolvidos para a realização da mesma.

Uma nova lei, agora em dois mil e sete, trazia uma mudança bastante importante para o patrimônio histórico municipal, uma vez que a Lei nº 2623⁴ de 14/11/2007, anuncia em seu artigo 43:

“Com base nos objetivos e nas diretrizes enunciadas nesta Lei, o Poder Executivo Municipal elaborará o Plano Municipal de Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Natural e Cultural - PMPHANC, que conterá no mínimo:

- I - As diretrizes para preservação e proteção do patrimônio;
- II - O inventário de bens culturais materiais e imateriais;
- III - A definição dos imóveis de interesse do patrimônio, para fins de preservação e a definição dos instrumentos aplicáveis;
- IV - As formas de gestão do patrimônio cultural;
- V - A revisão da composição e atribuições do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Natural e Cultural;
- VI - As estratégias para inclusão do componente patrimônio cultural nas políticas públicas municipais e para criação de programas municipais de educação para o patrimônio.

VII - Resgate histórico e geográfico da Colônia Cecília.”

Essa lei regulamentava um plano de ação para o município no que diz respeito a todos os seus patrimônios históricos, abrindo um caminho de grande relevância e que apontava a uma profissionalização no trato desses bens e serviços.

Entre os anos de dois mil e oito e dois mil e nove houve três leis (Lei nº 2735 de 27/06/2008, Lei nº 2904 de 24/07/2009 e Lei nº 3019 de 30/12/2009) e quatro decretos (Decreto nº 5945, de 27/06/2008, Decreto nº 6492 de 07/07/2009, Decreto nº 6504 de 28/07/2009 e Decreto nº 6687 de 30/12/2009) apenas tratando de liberação de crédito para a construção do Memorial da Colônia Cecília totalizando aproximadamente dezessete mil reais.

Isso nos mostra que, após a instalação desse Plano Municipal de Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Natural e Cultural o governo municipal tratou de abrir

⁴ Para ver a lei completa acessar <https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/5591/leis-de-palmeira>.

investimentos para que a realização do Memorial acontecesse, e fosse, enfim, executado aquilo que se esperava desde a promulgação da Constituição Estadual.

Além disso, ainda no ano de dois mil e oito, foi criada a Lei nº 2737⁵, de 01/07/2008, essa lei marcou um reconhecimento oficial por parte do governo municipal para com a importância da história da Colônia Cecília para a cidade de Palmeira, principalmente ao dispor em seu artigo segundo da necessidade da realização de eventos comemorativos acerca da história e da memória da Colônia Cecília, enfatizando a necessidade de atividades “cultural, educacional e turística”, ou seja, atrelando três fatores importantes para constituir de forma concisa os eventos.

Ainda em seu segundo artigo, no parágrafo único, determina a inclusão no Calendário Escolar de Palmeira eventos educativos, dando ênfase à importância da fundação da Colônia Cecília, o que complementaria um trabalho de fundamental relevância para o conhecimento e difusão entre os estudantes de parte significativa e singular de sua história.

Essa determinação, no entanto, em entrevista oral com a Professora Ana Paula Marques - licenciada em história pela UEPG com especializações em “história e cultura” e “educação no campo”, atualmente cursando pedagogia e atuando como professora do ensino fundamental 1 desde 1994, e do fundamental 2 e médio desde 2001, foi diretora da Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio (em Palmeira) de 2004 a 2008, além de exercer hoje o cargo de assessora pedagógica na secretaria de educação de Palmeira - afirma que a lei não é contemplada nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas municipais até o ano de dois mil e dezessete, mas a previsão é que se faça presente já no ano de dois mil e dezoito.

Ainda segundo a assessora, em dois mil e dezessete houve um projeto chamado “UMA PITADA DA NOSSA HISTÓRIA”, destinado aos alunos de Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, além da comunidade escolar como um todo, e houve a realização de palestras sobre a Colônia Cecília e, ao final do projeto, os alunos do terceiro ano do ensino médio confeccionaram textos sobre a mesma, no entanto, não houve em anos anteriores outros eventos que contemplassem a lei.

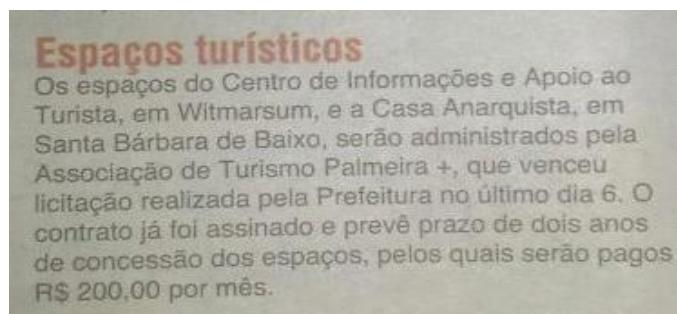
⁵ Ibid.

No ano de dois mil e treze, mais um contratempo nas realizações da obra acontece, o prefeito da cidade, Edir Havrechaki, através do decreto nº 8504 de 10/07/2013, revoga em seu artigo primeiro “o edital de tomada de preços nº 006/2010, datado de 10/07/2013, destinado a receber proposta para contratação de empresa especializada na prestação de serviços de mão de obra e fornecimento de materiais para construção do "Memorial Colônia Cecília" conforme projetos, memorial descrito e planilha de serviços, na Comunidade de Santa Bárbara, neste Município.”

Nesse momento, o projeto parecia que mais uma vez não sairia do papel e, o disposto acima, não apresenta justificativa para tal determinação uma vez que como vimos anteriormente houve liberação de crédito para o mesmo.

No entanto, aproximadamente um ano depois, o mesmo prefeito, assina o Decreto nº 9141⁶ de 07/07/2014, no qual, ainda sem uma data específica para o término da obra, regulamenta a criação de uma equipe destinando inclusive engenheiro responsável para que a obra tenha sequência.

Dessa forma, no ano de dois mil e quinze, finalmente o empenho para a criação de um memorial da Colônia Cecília teve efeito prático na cidade de Palmeira.



(FONTE 21: Jornal Gazeta de Palmeira 16 a 22 de janeiro de 2015 – p. 2)

Na edição de janeiro de dois mil e quinze já se percebe que o projeto e sua execução estão em momento avançado, afinal, o jornal relata não apenas a criação do mesmo, mas dá relevante destaque à licitação vencida por uma empresa particular, a qual iria administrar os espaços, entre eles a “Casa Anarquista”.

Os detalhes envolvem, inclusive o valor a ser pago pela empresa para poder explorar os possíveis serviços oferecidos aos turistas, não apenas na “Casa Anarquista”, mas também na Colônia de Witmarsum, de origem alemã, porém, não fica detalhado quais seriam esses serviços.

⁶ Ibid.

A exploração turística, como já debatido, precisa de uma junção de profissionais especializados na área, entre eles o historiador, e não há menção sobre como seria formada essa equipe e nem mesmo os caminhos para a realização do trabalho.

Como discutido anteriormente, a exploração turística passa a ser vislumbrada pelos governos e particulares como uma opção viável para resgate, preservação e divulgação de sua história, mas cabe sempre lembrar que preocupação maior se dá justamente no processo de construção do “todo” que será comercializado, para que não haja prejuízos aos conceitos históricos e culturais da comunidade.

Memorial da Colônia Cecília, em Santa Bárbara, deve ser inaugurado em abril

Após 122 anos da extinção da Colônia Cecília, localizada em Santa Bárbara no Interior de Palmeira, o local finalmente ganhou um memorial para lembrar onde um grupo de libertários mobilizadores pelo jornalista e agrônomo italiano, Giovanni Rossi, ergueram a bandeira vermelha e negra, símbolo mundial do anarquismo. A Colônia foi a única comunidade experimental baseada em premissas anarquistas de toda a América Latina.

“Neste projeto não é a experimentalização utópica de um ideal, mas o estudo experimental – é o quanto possível rigorosamente científico – das altitudes humanas em relação a um determinado problema”, dizia Rossi, idealizador da experiência.

Visão de cima, o memorial tem formato de um “A”, o símbolo mundial do anarquismo. O local também conta com oito telões que resumem, através de mosaicos, a trajetória dos três anos da Colônia antes de sua extinção. O local também abriga uma pequena casa construída em madeira, reconstituindo os padrões da época, onde

Obra já está concluída, porém inauguração só acontecerá dentro de dois meses. serão vendidos livros e suvenires após sua inauguração.

Segundo Jeudeth Funes Hajar, Secretária de Indústria, Comércio e Turismo, a obra já está concluída, porém sua inauguração só acontecerá dentro de dois meses. “Pretendemos inaugurar o memorial em abril para coincidir com o aniversário do município e a semana da Colônia Cecília, instituída por lei municipal”, esclareceu.

São inúmeros turistas e pesquisadores que chegam a Palmeira para saber e conhecer mais sobre o anarquismo. Evaldo Agostini, descendente dos italianos anarquistas e dono do terreno para construção do memorial e produtor de vinho, aposta no empreendimento para aquecer o turismo rural na região e a venda de seus produtos feitos com a uva trazida por seus ancestrais.

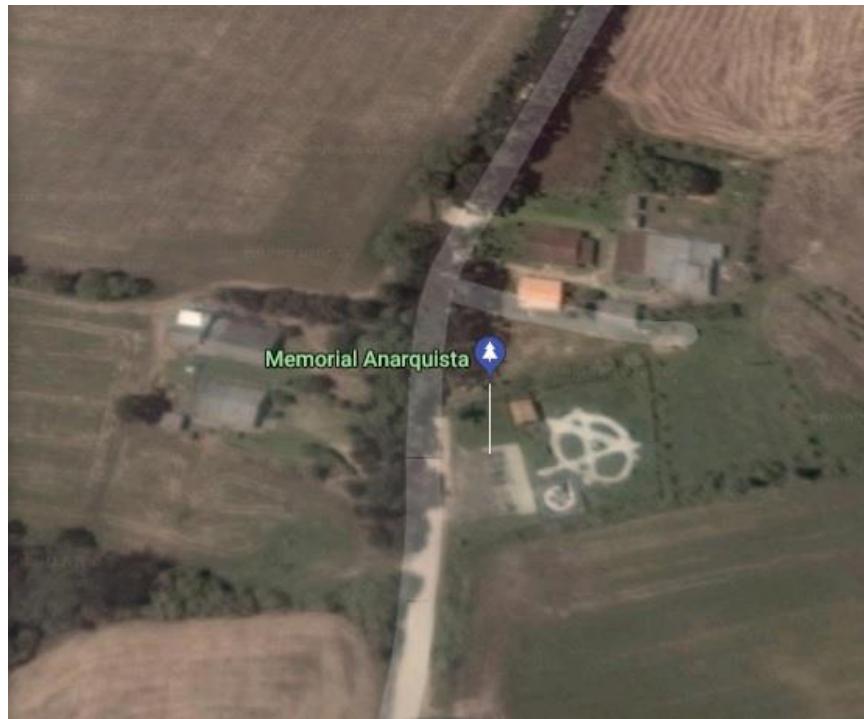


(FONTE 22: Jornal Gazeta de Palmeira 30/01 a 05/02 de 2015 – p. 7)

Complementando nossa preocupação, na edição de final de janeiro, temos uma data para a inauguração do memorial, seria em abril daquele ano, o que dispõe finalmente daquilo que foi tão cobrado pelo jornal, a finalização da obra, a qual segundo o Secretário de Indústria, Comércio e Turismo já estava pronta, apenas esperando para que seu lançamento coincidisse com a já comentada Lei nº 2737/2008, e com o aniversário da cidade.

Contudo, a preocupação se dá porque ainda existem conceitos que não foram aprofundados e são de suma relevância para uma cidade que almeja explorá-los de forma turística e histórica.

Entre eles, destacamos na matéria quando ela referencia um “A” dentro de um círculo, símbolo mundial do anarquismo”, o qual é visto ao olharmos de cima da construção, e que acrescenta uma importante carga simbólica ao conjunto da obra, como vemos na próxima imagem.



(IMAGEM 1: Memorial Anarquista visto de cima - Google Maps – 23/04/2018)

No entanto, aqui mora um equívoco, afinal o símbolo apresentado diz respeito ao movimento anarquista, porém, segundo Yacubin; Kroll; Tudrey; Braz:

Por fim, mas não menos importante, a vogal em caixa alta A, circulada, talvez o símbolo mais representativo do anarquismo, que, de acordo com Peter Marshall em *Demanding the Impossible*, “representa a máxima de Proudhon ‘Anarquia é Órdem.’” (2005, p. 8)

Para Shantz “A verdadeira citação de *What is Poverty?* (O que é Pobreza?) é “Um homem busca justiça na igualdade, então a sociedade busca ordem na anarquia”, *apud BERMAN, 1972.*” (2004, p.71)

Sendo assim, a representação simbólica do “A” é envolta em um “O”, formando a máxima representada na teoria anarquista, e por mais que ainda possa parecer insignificante tal contextualização, a opinião pública ainda define a palavra anarquia como ausência de ordem, o que por tempos gerou preconceitos acerca do que propunha de fato a teoria, sendo assim, além de ser uma forma de “fazer justiça” aos princípios anarquistas, ainda geraria uma melhor imagem inclusive turística do objeto.

Além desse, o memorial conta também com outro “símbolo mundial do anarquismo”, a bandeira rubro-negra, a qual

De acordo com o historiador britânico George Woodcock (2008) durante a Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T) os anarquistas assim como outras correntes do movimento operário, utilizam a bandeira rubra, entretanto, mais tarde a substituíram pela bandeira negra para simbolizar o anarquismo. Posteriormente os anarcossindicalistas espanhóis adotaram a bandeira vermelha e preta dividida diagonalmente, que simbolizava “uma tentativa de união do espírito do anarquismo tardio ao chamado coletivo da Internacional” (WOODCOCK, 2008, p.137). Na década de 1920 com o surgimento da A.I.T anarcossindicalista, os militantes anarquistas de diversas partes do mundo passaram a utilizar cada vez mais as bandeiras rubro-negras. (RODRIGUES, 2015, p. 103)

Essas considerações são importantes principalmente ao tratar de uma área turística, com a visitação de pessoas que estudam o fato e também pessoas que vão apenas pela curiosidade e, ainda que a matéria não dê conta desses conceitos, é de se preocupar que no local de recebimento de pessoas, a preparação para tais discussões seja levada em conta.

Cabe destacar também que a matéria ressalta a venda de livros e outros produtos no local após sua inauguração, dessa forma, prestando um bom serviço à memória e à história da Colônia, além, do já destacado serviço comercial a que se prestará.

No entanto, mais uma vez o dito Memorial que tanto é esperado pela população, apontava-se como “obra já concluída”, não foi inaugurado em mais uma data que havia sido prevista, a próxima publicação que sai no jornal data de junho e não faz referência alguma ao fato do prazo não ter sido obedecido.

Grupo realiza caminhada em Santa Bárbara e conhece o Memorial da Colônia Cecília

No último domingo (31) um grupo formado por 60 pessoas realizou uma caminhada turística pela Colônia Santa Bárbara, partindo do inicio da localidade até a propriedade de Evaldo Agostani, onde almoçaram. O percurso totalizou mais de 13 quilômetros.

Eline Scheffer, organizadora da caminhada, destaca que este tipo de turismo na zona rural do município traz diversos benefícios para os turistas e para o município, pois existe a possibilidade de conhecer um pouco mais da história de Palmeira e sua origem na colonização polonesa e italiana.

“Além do contexto histórico, também podemos conhecer e conversar com pessoas da comunidade, ver a arquitetura das casas polonesas que ainda estão presentes na rota e comprar os produtos diretamente dos produtores”, comentou.



Grupo formado por 60 pessoas percorreu mais de 13 km na localidade.

A construção do Memorial da Colônia Cecília, na localidade de Santa Bárbara de Baixo, no interior de Palmeira, parece ter colocado de vez a localidade na rota dos turistas que passam pela região. Construído para lembrar o local onde Giovanni Rossi e seus com-

panheiros ergueram a bandeira anarquista, o memorial, que deve ser oficialmente inaugurado no mês de julho, já vem recebendo turistas que, além de conhecer a história da colônia, também aproveitam para fazer um tour pela cultura e pela culinária da região.

(FONTE 23: Jornal Gazeta de Palmeira 05 a 11 de junho de 2015 – p. 14)

Desde a matéria, a exploração turística não poderia esperar mais, por isso alguns passeios já começam a movimentar a região, mesmo ainda sem a inauguração oficial do monumento.

A organizadora do evento, Eline Scheffer, ainda destaca pontos positivos como o “contexto histórico”, “arquitetura das casas polonesas”, porém, o fato é que o nome da Colônia Cecília está sendo explorado sem ainda se ter algo concreto sobre a experiência.

Essa preocupação é manifestada aqui porque, como já abordado, a ausência de qualquer vestígio material da Colônia é sentido há muito tempo, e a exploração turística pode acabar ficando comprometida pela ausência da materialidade histórica.

Anarquista da Colônia Cecília é tema de palestra do IHGP

O projeto Prosa & História, do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira (IHGP), tem mais uma edição no próximo dia 24, quando o tema da palestra será "O anarquista Pimpão", apresentado pelo diretor da redação da *Gazeta de Palmeira*, Rogério Lima, que é membro do IHGP. Pimpão era o apelido de Andrea Giuseppe Agottani, que chegou à Colônia Cecília com oito anos de idade, no primeiro dia do ano de 1891, junto com os pais, Tranquilo e Adele, e dois irmãos mais velhos.

O interesse pela sociologia e pela política levou Lima a pesquisar o anarquismo, a partir da Colônia Cecília, e, em especial, a vida de Andrea Giuseppe Agottani, apontado como um dos mais ferrenhos anarquistas. "A militância dele foi forjada na experiência da comunidade socialista idealizada por Giovanni Rossi e levada para a organização de trabalhadores", explica. "Pimpão foi personagem da greve geral de 1917 em São Paulo, onde residia e trabalhava na época", conta o palestrante.

A palestra "O anarquista Pimpão" será apresentada no próximo dia 24 (sexta-feira), às 20 horas, no auditório da Secretaria de Assistência Social (prédio do antigo Fórum), na rua 15 de Novembro. A entrada é gratuita.

Prosa & História
O projeto Prosa & História do IHGP



Andrea Giuseppe Agottani.

IHGP teve realizadas este ano três palestras: "Joaquim Antônio da Cruz Bastos", em março, por Gilberto Bastos; "Benjamim Malucelli", em maio, apresentada pelo advogado Gabriel Macagnani Carazzai; e "As lojas maçônicas antigas de Palmeira", em junho, apresentada por membros da Loja Maçônica Manoel Demétrio, de Palmeira.

Em abril, o IHGP realizou ainda o 3º Ciclo de Palestras História e Geografia de Palmeira, como parte da programação dos 196 anos da cidade. Foram apresentadas três palestras: "O Concílio Vaticano II no contexto da revolução cultural" e "A dessacralização pós-conciliar da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição", ambas por Marcus Vinícius Molinari Machado, e "A Navegação do Rio Iguaçu", por Arnaldo Monteiro Bach.

(FONTE 24: Jornal *Gazeta de Palmeira* 17 a 23 de julho de 2015 – p. 13)

Na reportagem de julho, ainda sem a finalização do memorial, a cidade sai um pouco da abordagem turística da Colônia e é realizada uma palestra sobre Andrea Giuseppe Agottani, um personagem direto da Colônia Cecília e da história de Palmeira, a ser ministrada pelo editor do Jornal, o já comentado Rogério de Lima, e organizada pelo Instituto Histórico Geográfico de Palmeira (IHGP).

Felici em seu trabalho aborda a discussão proposta nessa palestra quando referencia Giuseppe Agottani e suas ações após a experiência anarquista.

Por sua vez, um dos filhos de Agottani, Andrea Giuseppe - José para a polícia de São Paulo - causa muitos problemas à polícia italiana, por causa dos seus numerosos deslocamentos entre a Europa e o Brasil e dos contatos que ele estabelece com os meios subversivos, não somente no Brasil e na Argentina, mas também na Itália e na França. Ele é expulso do Brasil como anarquista em 1919, mas acaba por juntar-se a seu irmão Aldino em 1933, na sua fazenda de Palmeira. Aldino Agottani, vigiado por causa de sua relação de parentesco com Andrea Giuseppe, não se dá conta das suspeitas dos serviços diplomáticos italianos, que querem atribuir a ele alguma atividade política. Opostamente, Edgar Rodrigues afirma em seu livro sobre os anarquistas, que Giuseppe se manifesta ainda em 1949, quando escreve, com seu irmão Zefferino e com Daniele Dusi, ao jornal anarquista *Ação Direta*

para levar o seu apoio aos camaradas anarquistas do Rio de Janeiro; e, em 1950, quando envia dinheiro a esse mesmo jornal. (FELICI, 1998, p. 57-58)

Percebemos que a referida figura não é apenas mais um integrante da Colônia Cecília apenas, mas suas ações trouxeram impacto em outras áreas para a sociedade na época e, por isso esse trabalho proposto torna-se um relevante vínculo que foi construído com o passado através dele.

Essa é uma ação a ser proposta como constante e conjunta com a exploração turística a que se pretende, pois, tal pesquisa, apresenta uma série de relevâncias históricas que contribuem para a ligação da história da Colônia Cecília com a história de Palmeira.

Prosa & História

Anarquista da Colônia Cecília é tema de palestra

Um personagem emblemático e pouco conhecido da história de Palmeira, Andrea Giuseppe Agottani, o Pimpão, foi apresentado em palestra na sexta-feira (24), dentro do projeto *Prosa & História*, do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira (IHGP). Coube ao diretor de redação da *Gazeta de Palmeira*, Rogério Lima, falar sobre o anarquista que teve participação em episódios marcantes do movimento no início do século 20.

Nascido na Itália, em 1882, e falecido na localidade de Santa Bárbara, interior do município de Palmeira, em 1944, Pimpão veio ao Brasil com oito anos de idade, junto com os pais, Tranquilo e Adele Agottani, para viver a experiência da Colônia Cecília. Depois, participou de fatos como a criação da Liga Internacional dos Trabalhadores de Palmeira, em 1902, esteve em eventos do movimento anarquista em cidades como Curitiba e Ponta Grossa e foi a São Paulo, onde foi ativo participante da organização dos operários que resultou na greve geral de 1917, por melhores condições de trabalho e salários.

Expulso do Brasil em 1917, viveu em Paris, onde aprimorou o ofício de carpinteiro e construtor, sem abandonar a participação em atividades do anarquismo.

Em 1934, Pimpão voltou a Palmeira. Em Santa Bárbara, manteve uma casa de comércio, na época conhecidas como bodegas, além de uma serraria na localidade de Rio das Pedras.

Rogério Lima mostra livro que pertenceu a Andrea Giuseppe Agottani, o Pimpão.

Pimpão, em suas atividades, foi amigo e conviveu com figuras expoentes do movimento anarquista, como Gigi Damiani, Oreste Ristori, Alexandre Cherci e Errico Malatesta. Na infância, durante o período que viveu com a família na Colônia Cecília, também esteve junto com Giovanni Rossi.

Farmácia de plantão

A farmácia **Extrafarma** assume o plantão ao meio-dia de sábado (1) e vai até as 22 horas da próxima sexta-feira (7). A farmácia tem endereço na avenida Nacim Bacila, 48, na Vila Rosa, e o telefone 3252-2484.



(FONTE 25: Jornal *Gazeta de Palmeira* 31/07 a 06/08 de 2015 – p. 7)

Na edição seguinte o jornal cobre um pouco mais sobre a história do personagem que foi abordado na palestra, trazendo um breve resumo da vida de Pimpão e sua atuação política.

Nesse instante, o jornal faz um serviço bastante interessante para a história local e da própria Colônia, afinal, populariza um ponto interessante de sua história, mostrando assim a relevância de uma figura que está diretamente associada ao contexto histórico tão explorado pela cidade, além de apontar para percebermos um pouco mais sobre a ressignificação da experiência elaborada pelo jornal.



(FONTE 26: Jornal Gazeta de Palmeira 21 a 27 de agosto de 2015 – p. 12)

O turismo volta a figurar como preocupação quando a prefeitura propõe a alteração do nome da comunidade de “Santa Bárbara de Baixo” para “Colônia Cecília”, justificada pelos proponentes como relevante para aumentar ainda mais o turismo que segundo a matéria se dava prejudicado pela ausência de uma referência mais concreta da mesma.

A matéria alerta também para a reativação do projeto “Caminhos da Cecília” o qual estaria “parcialmente desativado”, no entanto, o principal que apontamos nessa matéria é que o jornal afirma ter havido um debate com a comunidade que seria afetada. Essa conversa, a julgar pela elaboração da reportagem teria sido positiva em um primeiro momento, afinal, o jornal da conta de várias questões que teriam sido abordadas, entre elas o aumento do comércio na região.

Existe uma impressão de que essa seria um projeto relevante, ainda mais quando se destaca que “vários investimentos na infraestrutura serão efetuados”, o que apontaria para um importante aspecto de desenvolvimento pretendido para a região, porém, cabe refletir que, todo o projeto de criação de um memorial, havia demorado tanto tempo e ainda não tinha sido finalizado, o que garantiria essas melhorias?

Moradores de Santa Bárbara de Baixo não querem alteração de nome do lugar

Após reunião com moradores da localidade de Santa Bárbara de Baixo e da região, realizada na quarta-feira (2), a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo optou por não realizar a mudança de nome planejada para a localidade rural de Palmeira. Os moradores reagiram contra a mudança e manifestaram-se, através de abaixo-assinado, pela manutenção do nome.

A alteração do nome do lugar estava em pauta desde agosto e, de acordo com o projeto de lei que seria encaminhado à Câmara Municipal, a localidade de Santa Bárbara de Baixo passaria a ser chamada Colônia Cecília, em homenagem à comunidade experimental anarquista protagonizada por imigrantes italianos entre 1890 e 1894.

O projeto seria protocolado na Câmara ainda no mês de setembro, mas devido ao resultado final das reuniões com os moradores locais, a ideia foi cancelada.

O secretário de Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura de Palmeira, Inácio Budziak, disse que um estudo mais aprofundado nas questões burocráticas ajudou a se-

Prefeitura queria transformar o local em um polo de visitação turística.

cretaria a tomar a decisão correta. “Em nossa última reunião conversamos com mais de 40 membros das localidades e ficou claro que uma parcela da população não quer a mudança. Além disso, um estudo mais detalhado realizado por nossa equipe mostrou que, alterando o nome da localidade outras questões viriam à tona, como a necessidade de alterações em escrituras de terrenos locais e mudanças de nomes em contas de luz, água e necessidades ge-

rais de endereços”, comentou o secretário.

A intenção da Prefeitura de Palmeira com a alteração do nome era transformar o local em um polo de visitação turística, a exemplo do que acontece com Wiltmarsum. Além de valorizar a história da única comunidade experimental baseada em premissas anarquistas de toda a América Latina, a mudança aumentaria a procura por parte de grupos de turistas, pesquisadores e excursionistas.



(FONTE 27: Jornal Gazeta de Palmeira 11 a 17 de setembro de 2015 – p. 12)

Parece, no entanto, que essa questão, por mais promissora que a reportagem anterior fizesse parecer, não foi muito bem aceita pela comunidade que seria afetada. Uma série de fatores são expostos duas edições seguintes do jornal, após outra reunião com os envolvidos, expondo a insatisfação da comunidade com a alteração do nome, manifesta inclusive através de um abaixo-assinado para a manutenção do nome.

Entre os fatores destacamos toda uma série burocrática que envolve, segundo a reportagem, “alterações em escrituras de terrenos locais e mudanças de nomes em contas luz, água e necessidades gerais de endereço”, mas, até que ponto a ausência de laços de envolvimento da Colônia Cecília com a histórica local pesou nessa decisão da população?

Até agora, percebemos que na história mais recente do município, todas as forças foram, quase sempre, direcionadas em atrelar a Colônia Cecília e sua memória ao comércio e turismo e pouco percebemos sua preocupação em trabalhar essa memória enquanto processo constituinte da história local, a qual gerasse um reconhecimento da população para a experiência e seu legado.

Afinal, esse projeto aconteceria em “Santa Bárbara de Baixo passou a ser o núcleo mais representativo da imigração italiana e dos descendentes anarquistas”, como aponta a reportagem de agosto, ou seja, o que se tem ao certo que faça essa identificação se mesmo os descendentes não se viram representados nesse projeto?

Talvez aqui, sejam colhidos os frutos da não execução da lei de dois mil e oito, que determinava o trabalho nas escolas municipais sobre o tema, e que foi pouco respeitada, como exposto pela Professora Ana Paula Marques, atual Assessora Pedagógica da Secretaria de Educação de Palmeira, e já abordado anteriormente.

E essa dissociação não pode ser mais presente, o próprio jornal em sua edição especial número cento e noventa e seis do ano de dois mil e quinze traz uma reportagem associando a construção da Igreja de Santa Bárbara, em mil novecentos e vinte e dois.

MESTRES DE OBRAS ANARQUISTAS CONDUZIRAM CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE SANTA BÁRBARA

Pode parecer contradição, mas aconteceu em Palmeira, mais precisamente na localidade de Santa Bárbara. O ano: 1922. Personagens: dois italianos, Caffero Corsi e Alfredo Duzi, remanescentes da experiência anarquista da Colônia Cecília. O fato: foram os dois quem conduziram as obras da igreja católica da localidade, habitada na sua maioria por imigrantes poloneses e seus descendentes. A igreja começou a ser construída em março e foi inaugurada em dezembro daquele ano. Detalhe: o anarquismo nega a religião.

A história da construção da igreja de Santa Bárbara está registrada no livro "Os imigrantes poloneses, seus descendentes: algumas histórias", de Helena Orchanski e Vera Lúcia de Oliveira Mayer. Como a velha igreja de madeira, construída em 1892, já se mostrava pequena para acomodar os fiéis, visto que a comunidade crescia, por iniciativa do padre Teodor Drapiewski, 60 famílias assumiram o compromisso de colaborar na construção de uma igreja nova, maior e em alvenaria. Assim que o templo de madeira foi demolido, começou a obra da nova igreja, no dia 24 de março de 1922.

Em regime de mutirão, chegavam ao local carregamentos de pedras, tijolos, areia, cal, madeira e telhas transportados em carroças e carroções. Todos ajudavam da maneira como podiam. O padre Teodor foi transferido para Curitiba e chegou a Santa Bárbara o padre Estanislau Cebula, que deu continuidade à construção da igreja. Mesmo em obras, o novo templo era utilizado para celebrações religiosas, inclusive o casamento de João Pancheck e Josefa Pawlak. A igreja de Santa Bárbara foi construída seguindo o estilo das igrejas polonesas da época, com a torre frontal alta e o formato de cruz na parte interna. No altar-mor, a imagem de Santa Bárbara e, acima dele, o quadro de Nossa Senhora de Czestochowa, considerada rainha e padroeira da Polônia.

(FONTE 28: Jornal Gazeta de Palmeira Edição especial Palmeira 196 anos – p. 9 - primeira parte)

padroeira da Polônia.

No dia em que a obra foi declarada concluída, um fotógrafo foi chamado para registrar o fato, imortalizado em fotografia que mostra o novo templo e à frente dele as pessoas que trabalharam na construção, entre eles Corsi e Duzi. E no dia 10 de dezembro de 1922 aconteceu a solenidade inaugural da nova igreja, com ato solene e presença de inúmeras pessoas, incluindo visitantes vindos de diversas comunidades da região. Também esteve presente o padre Teodor, que celebrou missa em conjunto com o padre Estanislau. Segundo depoimentos, foi um dia de muita festa e de comemoração da comunidade.

(FONTE 29: Jornal Gazeta de Palmeira Edição especial Palmeira 196 anos – p. 9 - segunda parte)

Aqui fica claro que os anarquistas não se resumiram para a história de Palmeira a uma experiência de quase cinco anos que falhou, mas eles continuaram na cidade, contribuindo em diversos setores, como a construção de uma igreja católica por exemplo.

Candido de Mello Neto destaca em sua obra que muitas famílias ficaram pela vizinhança, se destacando em vários setores, entre eles na produção de mel e vinho, e isso não se resume a cidade de Palmeira mas a todo o Paraná, ao destacar que “Respeitáveis forças econômicas do Paraná de hoje levam, em suas direções, descendentes dos pobres lavradores anarquistas”. (1998, p. 251)

Ampliar a história e a memória dessa experiência para além do turismo é fundamental para história da cidade de Palmeira, associá-la ao seu crescimento, fortalece-la enquanto fator crucial e fundamental para a história local é, antes de tudo, respeitar a história do povo palmeirense.

Sítio Minguinho sedia no dia 2 de abril o 3º Simpósio sobre a Colônia Cecília

A cada dois anos, o Museu Sítio Minguinho, em Palmeira, é sede de um evento que atrai atenções de pesquisadores do anarquismo e movimentos sociais libertários. Este ano, no dia 2 de abril, será realizado o 3º Simpósio sobre a Colônia Cecília. Nas duas edições anteriores, em 2011 e 2013, todas as 50 vagas disponíveis foram preenchidas, o que deve acontecer novamente.

A Colônia Cecília foi a experiência de comunidade anarquista que aconteceu entre 1890 e 1894 em uma área na localidade de Santa Bárbara, cedida pelo governo brasileiro a imigrantes italianos. Entre ganhos e perdas, registrados pelo ideólogo Giovanni Rossi, engenheiro agrônomo e biólogo, a experiência é hoje alvo de pesquisas e estudos no Brasil e em diversos países.

O 3º Simpósio sobre a Colônia Cecília é uma realização do Museu Sítio Minguinho, do Núcleo de Pes-

quisa Marques da Costa, do Rio de Janeiro, e do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira, com apoio da Prefeitura de Palmeira.

A programação do evento tem previstas palestras, visita ao Memorial da Colônia Cecília e à Casa da Videira.

Com abertura às 8 horas, a primeira palestra trata de “Utopia contadina: Colônia Cecília: uma experiência libertária camponesa”, pelo pesquisador Robledo Mendes, do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa. Às 10 horas, o diretor de redação da Gazeta de Palmeira e pesquisador Rogério Lima apresenta “O anarquista Pimpão”, sobre a vida de Andrea Giuseppe Agottani. Depois acontece visita ao espaço onde a colônia anarquista se desenvolveu, seguido de almoço.

No período da tarde, às 13h30, a palestra “Trabalhadores, anarquismo e sindicalismo revolucionário no

Brasil” será apresentada por Rafael Viana da Silva, doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Depois, às 15 horas, acontece visita ao memorial da Colônia Cecília no próprio Sítio Minguinho. “A Colônia Cecília: construção de uma proposta para obtenção de chanceira como paisagem cultural” será tema da palestra de Celso Perota, professor de Antropologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Encerrando a programação, visita à Casa da Videira e palestra sobre “As rachaduras do sistema como espaço libertário”, por Cláudio Oliver.

Inscrições

Interessados em participar do Simpósio podem requerer informações e inscrição, com taxa de R\$ 50,00, pelo e-mail arnoldo_monteiro@yahoo.com.br ou pelos telefones (42) 3252-3362 e (42) 9121-1311.

(FONTE 30: Jornal Gazeta de Palmeira 5 a 11 de fevereiro de 2016 – p. 12)

Ainda sem uma inauguração oficial do Memorial, a cidade de Palmeira se movimentava em torno da história da Colônia Cecília mais uma vez, agora com o terceiro simpósio sobre a Colônia Cecília.

Esse evento é realizado pelo professor Arnoldo Monteiro Bach, autor de vários livros, entre eles o intitulado “Colônia Cecília”, de dois mil e onze, no qual retoma

grande parte da história da Colônia, em conjunto com outras instituições além do Museu Sítio Minguinho, de propriedade do próprio Arnoldo, também colaboram o Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, do Rio de Janeiro e o Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira, e o simpósio tem por finalidade debater a história da Colônia Cecília.

Esse evento bianual com duas edições anteriores já realizadas, segundo o jornal, teve procura máxima, esgotando as inscrições, uma vez que, ao focar nos estudos sobre a Colônia Cecília como prioridade, acabou por atrair um número significativo de pessoas, o que nos devolve à reflexão anterior de que, utilizar a história da Colônia como viés meramente turístico, é, de certa forma, prejudicial, uma vez que a inexistência do memorial ainda era marcante e, como já destacado, na falta de evidências materiais, o resgate histórico se dá por outras vias que podem ser muito bem exploradas.

Cabe ressaltar que na matéria, mais uma vez ela aborda as terras da Colônia como sendo cedidas pelo governo brasileiro, um erro recorrente ao longo das outras matérias analisadas até o momento, mesmo o evento enunciado sendo destinado a pesquisadores do tema, os quais, provavelmente, teriam conhecimento sobre esse equívoco.

A matéria destaca também uma variedade interessante de temas das palestras, os quais envolvem aspectos do anarquismo e da Colônia em um contexto para além da experiência, mas de sua herança cultural.

Memorial e duas unidades de saúde têm inaugurações na próxima semana

O Memorial da Colônia Cecília e duas unidades de saúde têm inaugurações previstas para a próxima semana. A primeira solenidade, na terça-feira (29), será da Estratégia de Saúde da Família (ESF) Central, na rua Judith Sotta Málucoli, que funcionará como um Centro de Especialidades. Já na quarta-feira (30), acontece a inauguração da ESF de Faxinal dos Quartins. Por fim, na quinta-feira (31), será o Memorial Anarquista, em referência à Colônia Cecília, na localidade de Santa Bárbara de Baixo.

A ESF Central vai atender com especialidades como: ginecologia, pediatria, obstetrícia, ortopedia, endocrinologia, cardiologia, Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf), nutricionista, neurologia, ultrassonografia, epidemiologia, ambulatório de feridas, psiquiatria e farmácia especializada.

A edificação tem 580 metros quadrados e estrutura sustentável, com cisterna para reaproveitamento de água da chuva. "Ampliaremos o atendimento das equipes do Programa de Saúde da Família (PSF) e do Programa de Saúde Bucal como uma forma de melhorar e descentralizar o atendimento", comentou o secretário de Saúde e vice-prefeito, Marcos Levandoski.

Na localidade de Faxinal dos Quartins, a nova ESF vai cobrir a demanda da comunidade e fornecer atendimento para moradores da macrorregião, atuando em conjunto com o atendimento que já acontece em Poco Grande e região. O novo posto tem três consultórios médicos, consultório odontológico, sala de coleta, sala de vacina, sala de curativos, sala de esterilização e farmácia.

Conforme as coordenadorias de

saúde primária e secundária, assim que as novas ESFs forem inauguradas, a população terá acesso a atendimento pleno. "A população já está sendo orientada sobre as mudanças de endereço e agendamento de consultas", explicou a coordenadora Rosilene Calixto.

Memorial

O Memorial Anarquista, na localidade de Santa Bárbara, será a última inauguração do mês, no dia 31. Visto de cima, o local tem formato de um "A" dentro de um círculo, símbolo mundial do anarquismo. Em seu entorno, oito totens resumem através de mosaicos a trajetória da comunidade antes de sua extinção. O local também abriga uma pequena casa construída em madeira, reconstituindo os padrões da época, onde serão vendidos livros e outros produtos após sua inauguração.

(FONTE 31: Jornal Gazeta de Palmeira 25 a 31 de março de 2016 – p. 16)

O jornal noticia, na sua última edição de março, finalmente, a inauguração do Memorial Colônia Cecília, dando detalhes de sua estrutura e finalidade, porém, o que mais chama a atenção, é a demora para que tal construção tenha sido executada.

Como já mencionado aqui, a previsão, segundo Constituição Estadual era para final de mil novecentos e noventa e um, no entanto, aproximadamente vinte e cinco anos depois é que a mesma chega ao seu término, mesmo com várias leis orçamentárias concedendo liberação de crédito em anos anteriores, a obra não teve sua execução em tempo mais hábil.

A inauguração do Memorial se deu no dia trinta e um de março de dois mil e dezesseis, e coincidiu com a terceira edição do Simpósio, que se daria no dia dois de abril.



(FONTE 32: Jornal Gazeta de Palmeira 1 a 7 de abril de 2016 – capa)

Na capa da próxima edição do Jornal, a realização do Simpósio é noticiada, embora não faça referência à sua proximidade com a inauguração do Memorial, a relação é indissociável por todo o contexto já abordado.



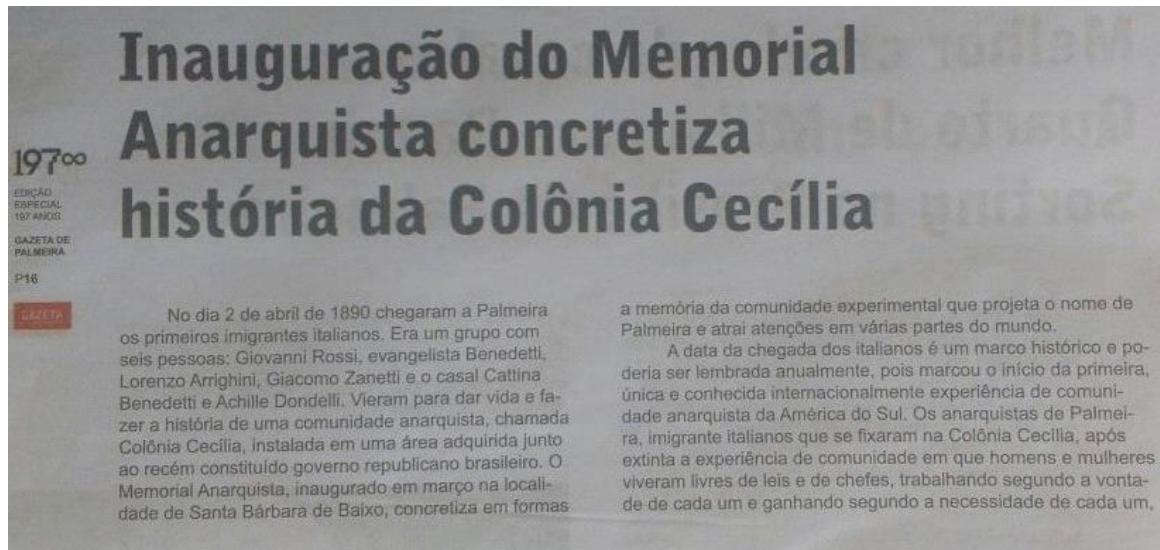
(FONTE 33: Jornal Gazeta de Palmeira 1 a 7 de abril de 2016 – p. 7)

Com isso, o jornal noticia mais uma vez a realização do evento destacando sua programação e a participação de pesquisadores de pelo menos outros três estados

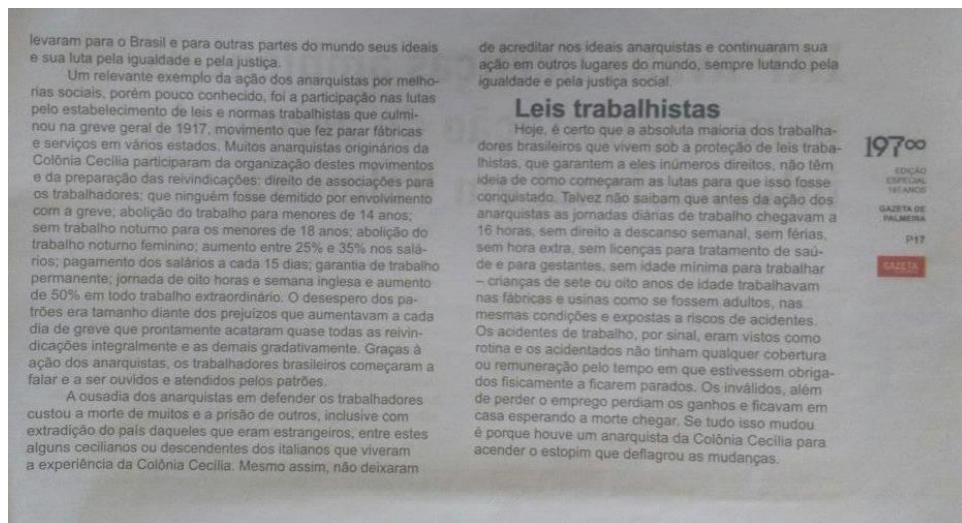
além do Paraná, sendo eles São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, mostrando a dimensão alcançada pelo evento.

Aqui relevamos mais uma vez a importância do Simpósio, afinal, torna-se um momento onde a parte da história da cidade é abordada e debatida entre pesquisadores além de apontar na direção de um incentivo ao turismo, tão pretendido pela prefeitura local.

As discussões propostas pelo Simpósio trazem uma melhor abordagem da história da Colônia já anunciada na próxima matéria.



(FONTE 34: Jornal Gazeta de Palmeira Edição Especial Aniversário abril 2016, p. 16-17 – primeira parte)



(FONTE 35: Jornal Gazeta de Palmeira Edição Especial Aniversário abril 2016, p. 16-17 – segunda parte)

Nessa edição especial do Jornal existe um aprofundamento nas reflexões sobre a Colônia Cecília e a ação dos anarquistas provenientes da mesma, fazendo uma

relação direta e contundente sobre a luta anarquista na greve geral de mil novecentos e dezessete no Brasil e as importantes conquistas principalmente na área trabalhista que a greve atingiu, relevando de forma bem importante a ação dos anarquistas descendentes da experiência da Cecília.

Além do apontado, a questão da terra, que tanto gerou incomodo nas matérias anteriores, aparece aqui com um importante avanço, uma vez que lê-se “instalada em uma área adquirida junto ao recém constituído governo republicano brasileiro”, a inserção do termo “adquirida” em contra ponto ao termo “cedida”, presente na fonte 28, faz toda diferença e nos leva a mais um importante avanço das discussões sobre o tema, apontando para um resultado de possíveis intervenções dos Simpósios realizados.

Entender a necessidade de avançar nas discussões sobre a própria história é o que motiva o estudo da mesma, compreender as mudanças e permanências que experiências como esta perpetuaram na história local enriquecem o conhecimento sobre a própria história.

O Memorial é composto por sete painéis de concreto que compõe uma parte da história da Colônia, com frases que buscam resumir o anarquismo e a experiência, uma estátua do busto de Giovanni Rossi juntamente com as placas de inauguração, além de uma casa de madeira onde deveria funcionar a biblioteca e a lojinha de venda de produtos.



(IMAGEM 2: Memorial Anarquista - Casa Anarquista)



(IMAGEM 3: Memorial Anarquista – Busto de Giovanni Rossi)



(IMAGEM 4: Memorial Anarquista – Painel 1)



(IMAGEM 5: Memorial Anarquista – Painel 2)



(IMAGEM 6: Memorial Anarquista – Painel 3)



(IMAGEM 7: Memorial Anarquista – Painel 4)



(IMAGEM 8: Memorial Anarquista – Painel 5)



(IMAGEM 9: Memorial Anarquista – Painel 6)



(IMAGEM 10: Memorial Anarquista – Painel 7)

Após quase dois anos de sua inauguração, o memorial encontra-se sem grande manutenção e estrutura, o comércio a sua volta, tão promissor, parece não depositar muitas esperanças nesta construção.

Ao visitar o Memorial percebemos o mesmo praticamente abandonado, sem o funcionamento da estrutura prevista pelo jornal em suas matérias, não possuindo a biblioteca anunciada para venda de livros sobre a experiência e, tampouco, os produtos colônias provenientes dos produtores da região.

Dentro da Casa Anarquista encontramos apenas alguns *banners* e materiais de divulgação turística, não correspondendo ao pretendido projeto, e a má conservação fica visto, entre outros momentos, no estado da placa de indicação da obra.



(IMAGEM 11: Memorial Anarquista – interior da Casa Anarquista - Banner 1 – 25/01/2018)



(IMAGEM 12: Memorial Anarquista – interior da Casa Anarquista - Banner 2 – 25/01/2018)



(IMAGEM 13: Memorial Anarquista – interior da Casa Anarquista - Banner 3 – 25/01/2018)



(IMAGEM 14: Memorial Anarquista – Placa de indicação da obra - 25/01/2018)

4 A COLÔNIA CECÍLIA ADAPTADA PARA OS PARADIDÁTICOS

Pensando em uma alternativa para a apresentação do trabalho para o espaço escolar, e considerando uma série de fatores tecnológicos que são disponíveis nos dias de hoje, recorrer ao livro paradidático ou de divulgação científica, parece ser algo ultrapassado, porém, se considerarmos a realidade das escolas públicas, em todos os níveis, percebemos que a inclusão digital não é uma unanimidade.

Desta maneira, a realidade escolar, ainda aceita estes materiais como uma alternativa viável para a complementação didática, entre outros fatores pelo seu baixo custo se comparado as tecnologias mais avançadas.

Os paradidáticos são, também, uma alternativa para que os pesquisadores apresentem suas pesquisas com maior liberdade em relação aos modelos de livros didáticos comumente utilizados, uma vez que

O paradidático, por não ter a preocupação de dar conta do currículo de um ano inteiro, pode trabalhar um tema em profundidade e em vários ângulos, ligando-o a outras áreas, inserindo-o em um contexto que faz sentido para o jovem leitor. Por isso, sua leitura costuma ser mais interessante e agradável do que a do livro didático. (RODRIGUES, 1996, p. 82)

Zamboni alerta ainda que

Nos livros paradidáticos, aparentemente, os seus autores teriam a liberdade e a possibilidade de aproximar o conhecimento histórico da antropologia, da psicologia, da história da cultura, podendo atribuir à história um olhar especial e próximo do cotidiano, sem certezas absolutas, e com uma infinidade de possibilidades, apresentando em suas explicações causas necessárias e nunca suficientes. (ZAMBONI, 1998, p. 90)

Sendo assim, o paradidático, se apresenta aqui como um meio de divulgação de um conteúdo específico, porém, não de maneira limitada e centralizadora, mas de forma abrangente e dinâmica, proporcionando ao professor e ao estudante uma experiência diferente da vivenciada cotidianamente em sala de aula.

Ampliar as variedades metodológicas é um dever do educador e, neste momento, ao utilizar o paradidático como uma alternativa, entendemos que múltiplas opções de abordagem e de objetivos podem ser traçadas.

O livro paradidático de divulgação científica, quando usado com criatividade pelos professores, não fica limitado à leitura individual dos estudantes. Após a leitura, ele se torna um ponto de partida para debates, leituras de outros livros relacionados ao tema, pesquisas em revistas, jornais e até mesmo na comunidade. O aluno se torna um pesquisador. (RODRIGUES, 1996, p. 83)

Produzir esse tipo de material requer uma série de reflexões que devem levar a um planejamento específico para que não seja produzido um material inválido para a utilização prática.

Nesse sentido, pensar o público alvo a que se pretende destinar o material seria um ponto de partida interessante, afinal

Quando a escrita é para crianças e jovens, que estão aprendendo o vocabulário científico, é preciso apurar a linguagem até ela se tornar clara, pois quando o leitor tropeça nas palavras ou nas idéias mal formuladas, não consegue entender a mensagem e desiste da leitura. (RODRIGUES, 1996, p. 81)

A linguagem que será empregada ao texto deve atender com clareza e objetividade, ainda mais como no caso a que se propõe este trabalho, onde o público alvo seria crianças do Ensino Fundamental I.

Essa consideração é de tamanha importância uma vez que, como alerta Rodrigues, “Pois é através da linguagem objetiva que é transmitido o conhecimento amealhado por pesquisadores e pensadores (RODRIGUES, 1996, p. 80), ou seja, o material produzido deve proporcionar condições para facilitação do ensino e também da aprendizagem, e isso se dará, primordialmente, pela linguagem apresentada.

Afinal,

As atividades de leitura e escrita são habilidades fundamentais, pois são elementos centrados nos processos de incorporação de conhecimento do “fazer científico”. Através da leitura e escrita de textos de divulgação científica pode-se promover a compreensão básica de termos, conhecimentos e conceitos científicos fundamentais; a compreensão da natureza das ciências, dos fatores éticos e políticos que circundam sua prática e o entendimento das relações existentes entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, desde que pensados seus objetivos no ensino. (LUCA, SANTOS, DEL PINO e PIZZATO, 2017, p. 3)

Cabe ressaltar que dentro de conjunto de possibilidades metodológicas que constituem a escrita do livro, a linguagem é uma delas, e talvez a principal, mas considerar o conteúdo e sua abordagem de forma a realmente atingir os objetivos propostos é de fundamental relevância.

Pensando nisso, Rodrigues ressalta que

O livro de divulgação científica não deve apenas oferecer informações atualizadas em linguagem simples e até poética, quando possível. Deve também oferecer reflexões e críticas sobre o fazer da Ciência e seu papel no mundo de hoje, sobre as transformações que ela causa em nossas vidas, sobre as responsabilidades dos cientistas, sobre as contradições de nossa sociedade. Deve entrelaçar as ciências exatas e humanas. Enfim, deve fazer o leitor pensar. (RODRIGUES, 1996, p. 81)

Portanto, não basta apenas escrever um bom material, é preciso que ele tenha aplicabilidade prática e atenda a vários pressupostos metodológicos presentes nas discussões sobre a educação dos dias atuais como a interdisciplinaridade, a reflexão crítica entre outras.

Pensando nisso, Zamboni alerta que “(...) o trabalho do historiador é um trabalho sobre palavras, que por sua vez constituem representações construídas sobre outros referenciais carregados de valores, de traços culturais e ideologias.” (ZAMBONI, 1998, p. 93), e aí reside o alerta para que a difícil tarefa de transformação de conteúdo científico em conteúdo didático seja pensada de forma criteriosa, atendendo de forma clara, objetiva e fiel ao conhecimento científico que se pretende transmitir.

Até porque outros aspectos referentes à linguagem são relevados, entre eles a transferência de significados aplicados à conceitos, e esses conceitos são apropriados de diferentes formas em diferentes contextos, exigindo um cuidado específico durante esse processo, para que esta transferência de conhecimento seja feita de forma a não gerar prejuízos significativos aos seus receptores. (ZAMBONI, 1998, p. 93)

Queremos ressaltar aqui, que a mediação do professor é um ponto de equilíbrio para que o conhecimento presente no livro seja transferido de forma clara aos alunos, no entanto, nossa preocupação em criar um material acessível e de fácil compreensão se dá, principalmente, porque acreditamos no envolvimento do estudante com o conteúdo, no despertar de seu interesse e curiosidade, o que, neste caso, buscamos atingir com um material onde ele se reconheça, entre outras coisas, na linguagem apresentada.

Mas como ressaltado, o papel do professor é fundamental, ainda mais que representação e ressignificações conceituais são facilmente criadas pelos alunos, mesmo para aqueles conceitos que pensávamos “unidimensionalmente compreensíveis”. (ZAMBONI, 1998)

Além do apresentado, o professor também atua de forma decisiva nesta relação com o paradidático, o que não acontece tão incisivamente com outros meios tecnológicos, que embora presentes na vida do aluno e do professor, ainda está distante da maioria das salas de aula públicas do Brasil.

Zamboni destaca que a variedade na comunicação de massa não garante, contudo, a excelência da aprendizagem, principalmente porque falta a mediação do professor, o qual retira a passividade do telespectador presente de forma marcante

em meios como a televisão ou vídeos do *youtube*, por exemplo, nos quais, de forma unidimensional o conhecimento é transmitido sem as elaborações intelectuais que o processo necessita e desenvolve através do debate (1998).

A criação e utilização do paradidático, com todos os cuidados expostos, compõe uma importante ferramenta metodológica, ao mesclar a figura do professor e do aluno em uma relação mais próxima com o objeto.

Além do mais,

Acreditamos que os textos de divulgação científica podem promover a alfabetização científica enquanto se propõem a construir imagens mais reais sobre a ciência, permitindo a discussão sobre a natureza da linguagem utilizada, possibilitando diferentes interpretações, mediadas pelos debates em sala de aula, onde professores e estudantes podem expressar e apresentar suas posições em relação as suas interpretações. (LUCA, SANTOS, DEL PINO e PIZZATO, 2017, p. 2)

Dessa forma, finalizamos esse trabalho com o livro paradidático a seguir, o mesmo foi elaborado para, além dos motivos já expostos, ser o elo desta dissertação com a comunidade escolar, aproximando a pesquisa acadêmica do público que mais precisa se beneficiar com a mesma.

4.1 ENCARTE COMENTADO PARA OS PROFESSORES

ENCARTE COMENTADO PARA OS PROFESSORES

Olá Professores e Professoras!

É com enorme alegria que nosso material chega até suas mãos para ser mais uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

Após a Lei Municipal nº 2737 de 2008, a qual em seu artigo segundo, coloca sob a responsabilidade do Poder Público Municipal a incumbência do desenvolvimento de atividades culturais, turísticas e educacionais voltado para a importância da fundação da Colônia Cecília e dos ideais anarquistas, e em seu parágrafo único atribui ainda ao Departamento de Educação a tarefa de incluir no calendário escolar de Palmeira eventos educativos, dando ênfase à importância da fundação da Colônia Cecília, compreendemos que a construção de recursos para que a determinação seja cumprida é de fundamental relevância.

Para que esse instrumento seja de grande ajuda, elencamos aqui algumas orientações para o melhor uso deste recurso didático e para colocar vocês, professores e professoras, a par das perspectivas metodológicas que orientaram esse trabalho bem como dos objetivos do mesmo.

O livro é organizado de forma a conduzir o aluno em um processo de aprendizado voltado para o reconhecimento de sua identidade na história local, priorizando, para isso, os aspectos do anarquismo e da Colônia Cecília.

O tema é inserido a partir de um reconhecimento de que a ideologia anarquista está contemplada na história da cidade de Palmeira a partir da experiência da Colônia Cecília, passando então à um aprofundamento teórico sobre o que é essa teoria para aí sim culminar no estudo de caso.

A Colônia é inserida não sem antes ser levantado os pontos básicos para a compreensão do aluno acerca dos motivos que a tornam singular, o que dará consistência no aprendizado.

Aproximá-los o máximo possível e em todas as circunstâncias do tema é fator fundamental para o sucesso do trabalho, para tanto, em cada atividade buscamos que o educando reconheça na sua cidade elementos ainda presentes que ajudam a compor essa história.

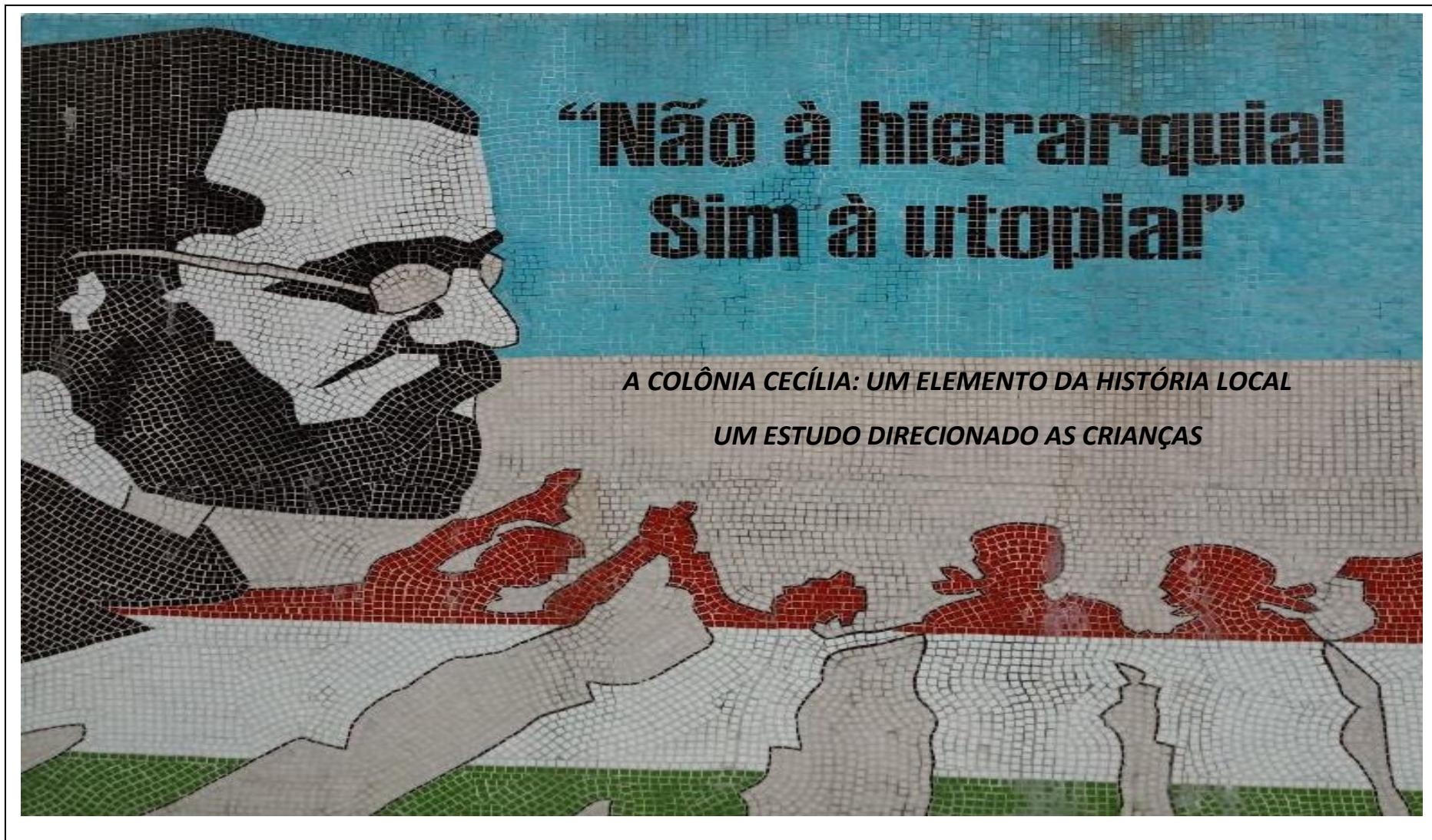
Destacar esses elementos é uma tarefa essencial para os professores e professoras na busca por atingir seus objetivos.

O material conta ainda com uma vasta junção de imagens, matérias de jornais e fotografias além de curiosidades envolvendo a Colônia Cecília, tais recursos buscam atrair a atenção dos alunos e fazê-los reconhecer a presença da história da Colônia nos mais variados elementos, presentes até os dias atuais.

Esperamos contribuir para que os alunos se aproximem e percebam a riqueza que a história da cidade de Palmeira e, por consequência a sua história, possuem, além reforçar os laços deles com a comunidade à que pertencem.

Bom uso de nosso trabalho e “VIVA A COLÔNIA CECÍLIA”.

4.1.2 MATERIAL PARADIDÁTICO



APRESENTAÇÃO

Este livro paradidático foi desenvolvido com o objetivo de auxiliar os professores e estudantes da rede municipal de Palmeira a compreender melhor a relevância da história da Colônia Cecília para a cidade, atendendo a Lei Municipal nº2737/2008.

O livro trabalha com fontes variadas e uma linguagem acessível e atrativa para as crianças de forma a envolver-los nessa história através de caminhos que passam pelo seu cotidiano, seja em placas distribuídas pela cidade, manchetes de jornal ou mesmo recordações familiares, o estudante se vê envolvido nessa história que integra parte de sua vida.

Abordando os conceitos de forma didática sem, contudo, prejudicar sua significação, dessa forma auxilia os professores no repasse dos mesmos, ainda que não estejam profundamente familiarizados e permite uma fácil compreensão por parte dos alunos, uma vez que buscamos isso através de uma linguagem direcionada para a idade do público alvo.

Anarquismo, imigração, história local, tudo isso contribui nesse reconhecimento da Colônia Cecília como um importante componente diário da história de Palmeira integrando-a com a história mais particular de seus habitantes.

SUMÁRIO

ANARQUISMO NA HISTÓRIA DE PALMEIRA.....	108
O QUE É ANARQUISMO??	114
SÍMBOLO.....	117
COLÔNIA CECÍLIA: UMA HISTÓRIA LOCAL.....	121
REFERÊNCIAS.....	128

ANARQUISMO NA HISTÓRIA DE PALMEIRA

Em nossa cidade existem várias construções, algumas mais recentes e outras mais antigas que trazem um grande número de pessoas para visitar e conhecer Palmeira. Esses monumentos são motivo de orgulho para os Palmeirenses, pois tornam a cidade mais conhecida, mais bela e além de tudo ajudam a guardar um pouco da nossa história.

Entre essas construções estão a “Capela Santa Bárbara”, a “Ponte D. Pedro II”, o “Clube Palmeirense” entre outros, porém, existe um local que atrai vários turistas e também alguns pesquisadores para nossa cidade, é o “Memorial da Colônia Cecília”.

Você já ouviu falar nesse memorial? Provavelmente já!

Ele foi inaugurado no dia 31 de março de 2016 e foi construído na região de Santa Bárbara de Baixo, no entanto, essa construção já era prevista na Constituição Estadual de 1989, ou seja, demorou alguns anos, mas finalmente foi terminada.

Veja abaixo algumas imagens.

CONSTITUIÇÃO ESTADUAL DE 1989.

Art. 32. O Estado, em colaboração com o Município e a comunidade de Palmeira e sob a coordenação da Secretaria de Estado da Cultura, reconstituirá, dentro de dois anos da promulgação desta Constituição, parte da Colônia Cecília, fundada nesse Município, no século XIX, para a preservação de seus caracteres histórico-culturais. (Constituição do Estadual do Paraná, 1989)



Memorial Anarquista - Casa Anarquista



Memorial Anarquista – Busto de Giovanni Rossi



Memorial Anarquista – Painel 1



Memorial Anarquista – Painel 2



Memorial Anarquista – Painel 3



Memorial Anarquista – Painel 4



Memorial Anarquista – Painel 5



Memorial Anarquista – Painel 6



Memorial Anarquista – Painel 7

SUGESTÃO: Seria legal fazermos uma visita à praça do Memorial, não fica muito longe e pode ser bem divertido

Tudo isso é muito interessante, mas a pergunta que queremos responder é: "Qual a relação desse monumento com a nossa história?".

Pois bem, para responder essa pergunta, vamos precisar falar um pouco de imigração!

Todos sabemos que nossa cidade é formada por imigrantes, que são pessoas que saíram de outros lugares do mundo e escolheram nossa cidade para morar. Aqui em Palmeira existem vários grupos de imigrantes entre eles poloneses, alemães, italianos entre outros. E é sobre os italianos que vamos estudar um pouco mais.

Os italianos chegam em Palmeira por volta de 1890 e o objetivo deles era criar uma colônia, para viverem da melhor forma que pudessem, assim como os outros imigrantes que já habitavam a região, no entanto, a colônia dos italianos tinha um diferencial, ela era uma Colônia Anarquista.

Leia a reportagem do Jornal Gazeta de Palmeira.

Imigrantes e descendentes

Um dos imigrantes que aqui chegou, é o polonês Felix Graczyk que tinha na época apenas sete semanas. Hoje com 100 anos continua a dificuldade enfrentada por seus pais e conterrâneos no século passado.

Sendo o mais novo de uma família de 5 irmãos, o imigrante diz que, quando as famí-



Felix Graczyk

As polonesas chegaram na localidade hoje conhecida como Santa Bárbara, moravam em um barracão. Todas reunidas em uma mesma casa, até que fizessem as suas, ao todo eram 44 famílias em busca de um país melhor e mais trabalho. Conforme declara ele "os velhos que fundaram a colônia não existem mais ninguém" e somente quem alcançou um século foi ele.

Mesmo não sendo imigrante, mas fazendo parte da segunda geração, Ema Duppss Eurich, de 80 anos, relata que sua família juntamente com mais nove famílias russos-alemanes,

viajaram durante 40 dias em um navio, para desembarcar aqui. Ema conta que as casas eram construídas com barro, amassado com os pés das imigrantes e a cobertura da nova casa era de palha de centeio. A colônia onde se fixaram foi a de Papagaios Novos.

Em poder de Ema e sua família, existe um livro escrito em alemão pelo pastor da época, que registra todos os fatos e acontecimentos, de quando aqui se instalaram, inclusive neste livro tem um nômeno cantado pelos russos-alemanes que desembarcaram do navio e ainda não tinham para onde ir, o nômeno segundo Ema, diz mais ou menos assim, "Agora vamos ver aonde vamos achar o nosso lar", o trecho cantado é pequeno, mas a saudade e a lembrança revivida por Ema, ainda é intensa.

Vindos da Itália, a família Artuzi, Agottani, Dusi e tantas outras,



Ema Duppss Eurich



Crimene Artuzi Agottani se fixaram em Santa Bárbara, batizada por eles como colônia Cecília e ali passaram a viver e fazer da terra doada pelo Governo, a sua bela Itália.

Descendendo de italianos, Crimene Artuzi hoje com 90 anos, lembra-se pouco do que seus pais sofreram quando encontraram uma terra estranha à seus costumes, mas recorda do amor que seus pais tinham com a terra e a sua dedicação ao trabalho. Crimene fala sobre a fabricação do vinho que atualmente é muito conhecido e apreciado. Por passarem dificuldades na terra natal, os italianos segundo conta Crimene, apesar das dificuldades davam muito valor à terra e se mostravam irritados quando alguém lhes falava em volta para a Itália.

Uma das maiores lembranças de Crimene, filha de italianos, é a união de todos os que aqui chegaram e se fizeram donos.

ATIVIDADE

- 1) Na reportagem do jornal aparecem alguns sobrenomes de imigrantes, você conhece alguém que tenha um desses sobrenomes? Escreva abaixo o nome e o sobrenome de pessoas que você conheça da nossa cidade que tenham um dos sobrenomes iguais aos da reportagem.

- 2) Segundo a matéria de onde veio a família de:

Felix Graczyk: _____ / **Ema Dupps Eurich:** _____ / **Crimene Artusi Agottani:** _____

- 3) Qual é o principal produto feito pelos italianos que ainda é muito apreciado em nossa região?

O QUE É ANARQUISMO??

Você já ouviu falar em Anarquia? Sabe o que significa?

Segundo Errico Malatesta, um pensador anarquista italiano, ao “pé da letra”, anarquia é uma palavra que vem do grego e significa “sem governo” (1907), ou seja, uma sociedade onde não há nenhum tipo de prefeito, governador, presidente e etc.

No entanto, tenho certeza que se você perguntar em casa para algum familiar que não tenha estudado isso, a pessoa lhe dará uma resposta diferente, vamos fazer o teste?

**CHEGANDO EM CASA HOJE PERGUNTE À UM FAMILIAR QUE MORA COM VOCÊ O QUE É
ANARQUIA E ANOTE AQUI A RESPOSTA DADA!**

E aí a resposta que você conseguiu confere com o que foi estudado? SIM / NÃO

Continuando a pensar sobre isso, anarquia também pode ser entendida de uma forma mais profunda e para responder a pergunta que é o título do nosso primeiro capítulo vamos recorrer a um livro publicado há muito tempo atrás, no ano de 1931, na Espanha, chamado “A anarquia explicada para crianças” do autor José Antônio Emmanuel:

Esse pequeno parágrafo pode parecer um pouco confuso, mas se lermos atentamente é possível que se perceba que em nenhum momento o autor fala em anarquia como sinônimo de bagunça, desordem, ou apenas como “ausência de governo”, até porque, como nós somos acostumados a ter um governo, acabamos nos perguntando, “mas se não tiver governo, como viveríamos?”

“ANARQUIA, crianças, é a doutrina, que não se conformando com a organização social da humanidade, desde os tempos em que começaram a criar a sociedade, tenta dar uma constituição à vida baseada nos princípios sagrados do amor universal e da solidariedade humana.”

Na forma de viver o anarquismo, algumas coisas são consideradas superimportantes e nosso autor destaca duas: _____
_____ e _____.

Sem essas duas coisas viver em uma colônia anarquista seria praticamente impossível, afinal, se não existirá governo nem leis, o respeito pelo próximo será o mais importante para que tudo aconteça sem conflitos.

E na sua opinião, mesmo hoje com as leis e os governos, se não houver o respeito tem como viver bem na sociedade? Porque?

ATIVIDADES

1) Encontre no caça-palavras abaixo as palavras ao lado e circule-as.

C Ò Í C S N Ú Â L Õ N E Ã Õ Í	(?) ANARQUIA
Á C Ú À Ú B N Ê F Ã U Ò E Ú Ã	(?) SEMGOVERNO
P B V Ó I M D É Â M J Ú O C Ó	(?) AMORUNIVERSAL
Á Ó Z N I A Ü Ç Ó Ú F P O D Á	(?) SOLIDARIEDADE
E H F U M Ò M É H G D O D Z T	(?) RESPEITO
M L A S R E V I N U R O M A Â	
Õ G H É S E M G O V E R N O A	
Ç R Ç Í Y Â Ò Ó Ó Ô É I Â N Z	
G P T G B D É R A A S E A O M	
Y R E S P E I T O A O R L I R	
L V P À I Z D Â Ò Õ Q N Ò X L	
É H Õ F Ò U I O C U X Ô Ô È Ô	
Ô N Â I N Á H È I R X Ò J S Ò	
E D A D E I R A D I L O S B H	
P Ä D À Ô È J P T Á P U D È A	

2) Agora vamos procurar no dicionário o significado das palavras abaixo e anotar o que encontramos?

Anarquia: _____

Solidariedade: _____

Doutrina: _____

SÍMBOLO

Você já viu esse símbolo?

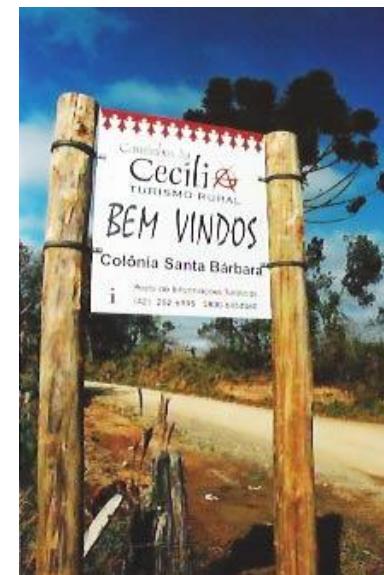


(disponível em:
<https://lpersonalogia.wordpress.com/2011/01/05/animalismo-e-ateismo-juntando-ideias/>)

Se você já passeou pela nossa cidade com certeza já viu esse símbolo em algumas placas espalhadas em vários locais, tanto no centro da cidade, na beira da rodovia, como na nossa região rural, em especial na região de Santa Bárbara.



disponível em:
<https://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com/category/arquivo/>



disponível em:
<http://reporterbrasil.org.br/2004/07/memoria-anarquista/>

Mas então, o que será que esse símbolo significa? Porque ele está presente em nossa cidade?

Bem, vamos lá!!

Esse símbolo é mundialmente conhecido como o “símbolo anarquista”. O anarquismo é uma **ideologia** política, social e econômica, como vimos no primeiro capítulo de nosso livro, e que esteve presente em nossa cidade, fazendo parte de nossa história.

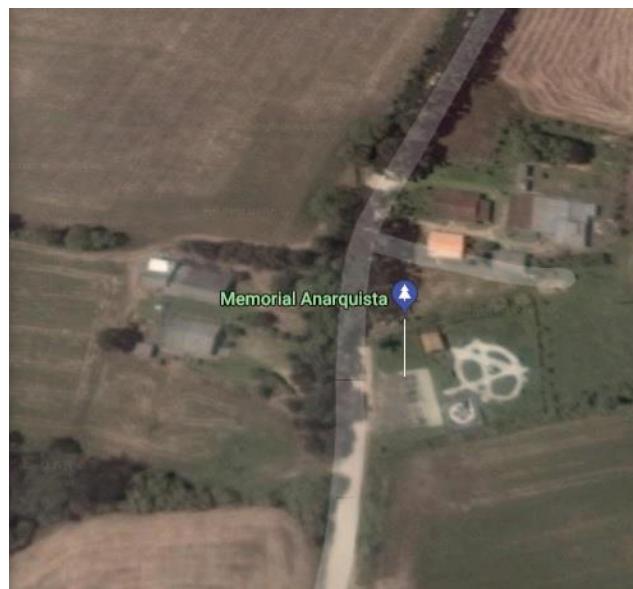
O símbolo é formado por uma letra “A” maiúscula, circulada por uma letra “O”, representando uma frase muito conhecida de Proudhoun, um grande pensador anarquista, “Um homem busca justiça na igualdade, então a sociedade busca “O”rdem na “A”narquia”⁷.

Ideologia: Maneira de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo de pessoas, um governo, um partido etc. (Dicionário Michaelis)

⁷ Para SHANTZ “A verdadeira citação de *What is Poverty?* (O que é Pobreza?) é “Um homem busca justiça na igualdade, então a sociedade busca ordem na anarquia”, *apud* BERMAN, 1972.” (2004, p.71) obs: as letras “O” e “A” são alterações feitas neste livro para dar ênfase

VOCÊ SABIA?

Se olharmos o monumento em homenagem a Colônia Cecília existente em nossa cidade do alto, podemos ver a forma do símbolo anarquista:



Google Maps – 23/04/2018

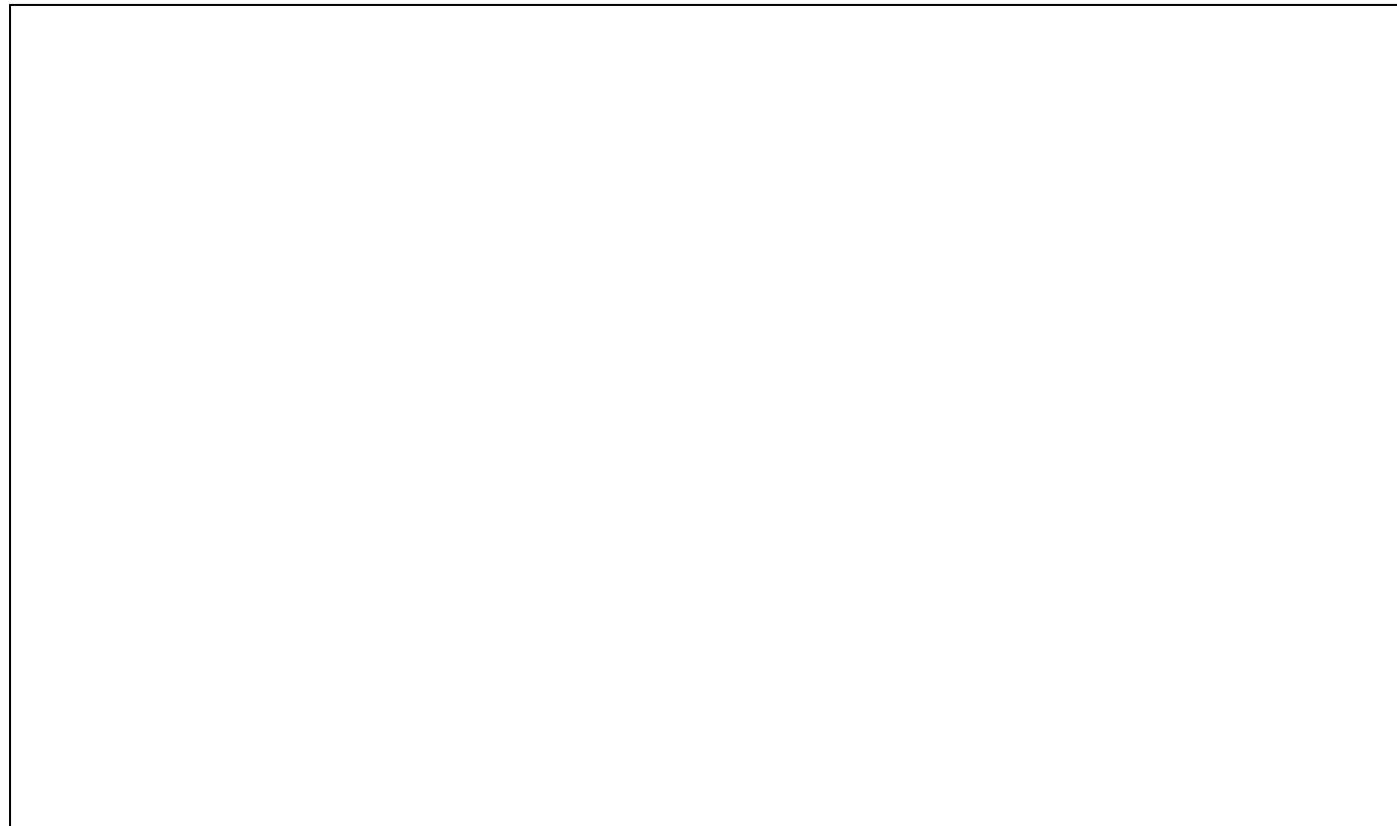
Outro símbolo usado pelos anarquistas é a bandeira vermelha e preta, “O vermelho e o preto são símbolos do anarquismo desde a Revolução Espanhola e da Guerra Civil de 1936” (YACUBIN; KROLL; TUDREY; BRAZ. 2005.) com “a cor negra demonstrava o desgosto, a tristeza e a revolta” e com o vermelho que “vem associada ao sangue e ao luto ocasionado pelas rebeliões da classe operária.” (HENRIQUES; SILVA; FORMENTÃO, 2006)



(disponível em:
<https://rascunhoraso.wordpress.com/2013/10/05/arcocapitalismo-em-poucas-palavras/> acesso 2018)

ATIVIDADE

Agora que já conhecemos um pouquinho mais sobre os símbolos que vemos em nossa cidade que tal fazer um desenho do símbolo podendo modificá-los e misturá-los? Então vamos lá, mas um aviso, não pode mudar seu significado!



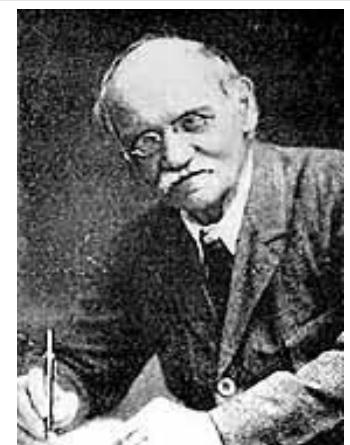
COLÔNIA CECÍLIA: UMA HISTÓRIA LOCAL

A Colônia Cecília foi fundada aqui na cidade de Palmeira no ano de 1890 por imigrantes italianos, entre os quais, os parentes da Dona Crimene (Lembra dela? Capítulo 1) e principalmente Giovanni Rossi, pensador italiano adepto ao anarquismo, o qual teve a ideia e iniciativa para construir a Colônia. Esses imigrantes, no entanto, não vieram para Palmeira fazer apenas mais uma colônia, tal qual as outras que aqui já existiam, eles queriam que, além de poder lhes dar abrigo e uma oportunidade para ter uma vida digna, que nessas terras pudessem testar se seria possível viver seguindo aquilo que a ideologia anarquista (Estudada no capítulo “**O QUE É ANARQUISMO??**”) propunha.

Essa seria a primeira colônia anarquista na América do Sul até aquele momento e seria construída bem aqui em Palmeira, mais precisamente em Santa Bárbara de Baixo. **Você conhece esse bairro de nossa cidade? Vale a pena dar uma volta por lá!**

A Colônia Cecília ganhou esse nome por causa de uma personagem, Cecília, a qual faz parte do livro “*Um Comune Socialista*” publicado em 1878 e escrito pelo próprio Giovanni Rossi. Neste livro, o autor descreve boa parte das teorias que ele acreditava, sempre próximas ao anarquismo.

Essa experiência, como o próprio Giovanni Rossi chamava, não durou longos anos, ela acabou em 1894 fruto de várias situações entre as quais as principais foram as dificuldades econômicas, que não lhes permitia ter em alguns momentos nem mesmo o básico para a sobrevivência, e a revolução federalista, uma guerra que envolveu os estados do sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) em uma luta entre **Maragatos**, que queriam a separação desses estados para com o restante do Brasil, e os **Picapaus**, contrários a essa separação. Os integrantes da Colônia Cecília apoiaram os Maragatos e sofreram duras retaliações por parte dos Picapaus, grupo que saiu vencedor do conflito.



(Giovanni Rossi – Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Giovanni_Rossi#/media/File:Giovanni_Rossi_02.jpg)

A Colônia chegou a contar com aproximadamente 150 pessoas no ano de 1891, embora, em seu final restavam apenas perto de 50 colonos. Entre os imigrantes italianos que fizeram parte dessa experiência encontramos sobrenomes ainda comuns em nossa região, entre eles *Mezzadri*, *Agottani*, *Artusi*, entre outros.

Existe uma foto que dizem ser da Colônia Cecília, mas não temos como comprovar se é ou não, no entanto, vale a pena dar uma olhadinha:

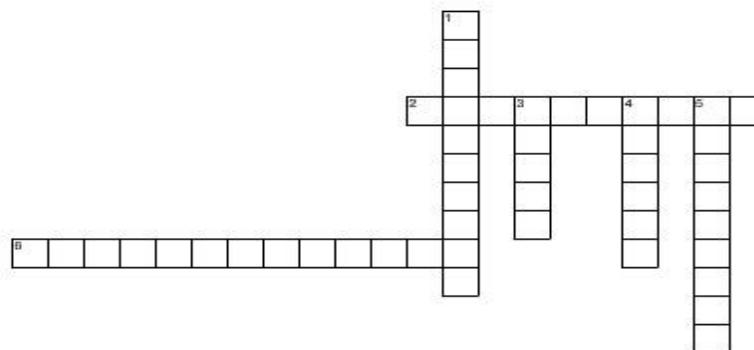


(Possível imagem da Colônia Cecília – disponível em:
<http://www.margutte.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/06/Colonia-Cecilia.jpg>)

ATIVIDADE

Complete a cruzadinho abaixo com informações que você aprendeu sobre a Colônia Cecília.

COLÔNIA CECÍLIA

**Horizontal**

2. Teoria política que os imigrantes seguiam na Colônia Cecília.
6. Nome do bairro onde a Colônia Cecília foi criado em Palmeira.

Vertical

1. Uma das dificuldades encontradas pelos colonos e que levou ao fim da Colônia Cecília.
3. Sobrenome do pensador italiano que teve a ideia sobre a Colônia Cecília.
4. País de origem dos imigrantes que fundaram a Colônia Cecília.
5. Grupo da Revolução Federalista que os colonos apoiaram.

CURIOSIDADES

VOCÊ SABIA QUE A COLÔNIA CECÍLIA JÁ FOI MINISSÉRIE???



(Jornal Gazeta de Palmeira 10 à 19 de outubro de 1988)

NO GOOGLE ACADÊMICO SE VOCÊ DIGITA “COLÔNIA CECÍLIA” APARECEM MAIS DE 19 MIL TRABALHOS DE PESQUISADORES

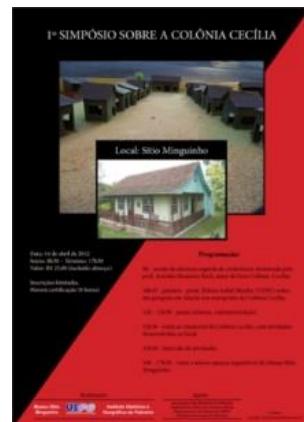
ELA FOI EXIBIDA EM 12 CAPÍTULOS PELA BANDEIRANTES ENTRE 31 DE JULHO ATÉ 11 DE AGOSTO DE 1989.

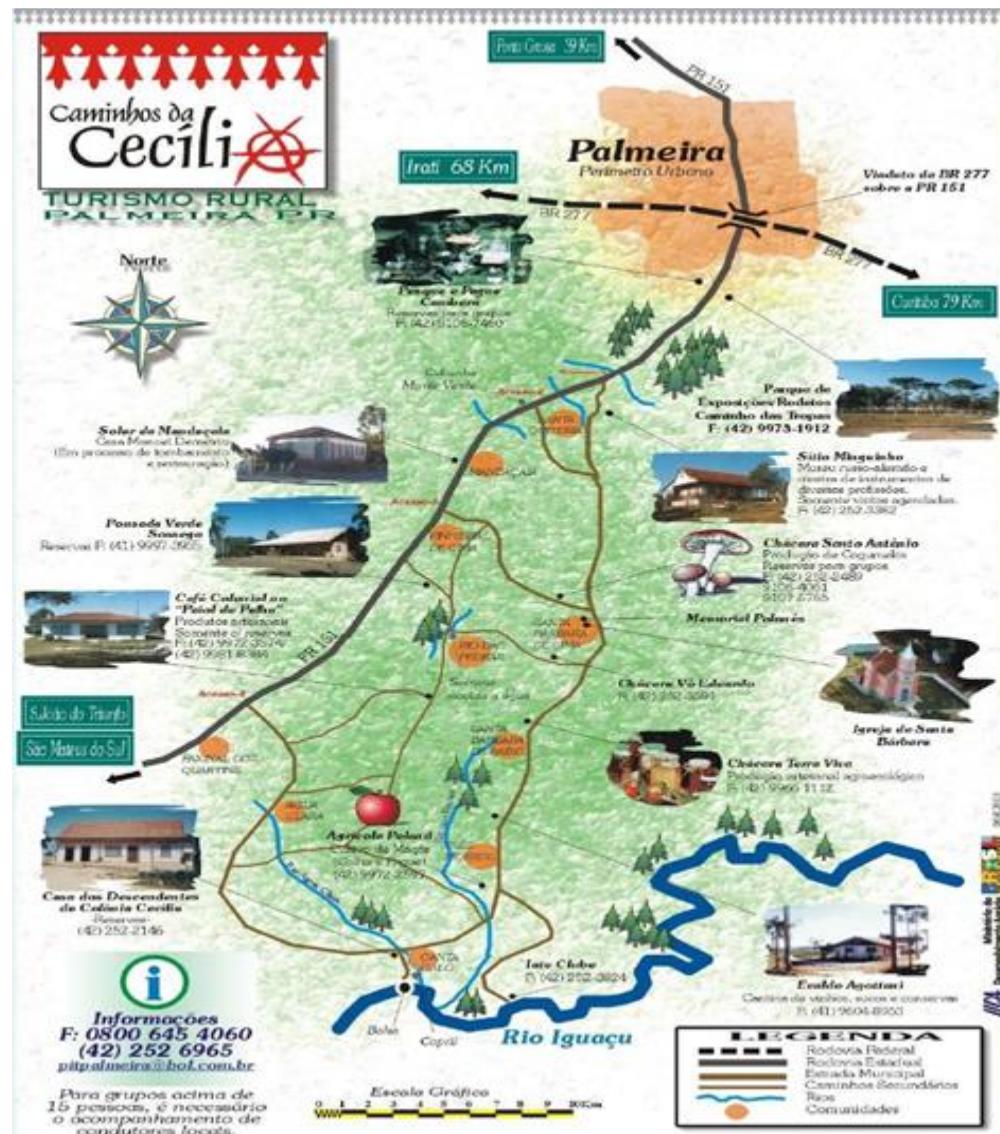


A inauguração do Memorial se deu no dia trinta e um de março de dois mil e dezesseis, e coincidiu com a terceira edição do Simpósio, que se daria no dia dois de abril.

(IMAGEM DE APRESENTAÇÃO DA MINISSÉRIE -
Fonte: <https://filmow.com/colonia-cecilia-t219051/>)

EM NOSSA CIDADE A CADA DOIS ANOS, DESDE 2012 ACONTECE UM SIMPÓSIO SOBRE A COLÔNIA CECÍLIA, JUNTANDO PESQUISADORES DO BRASIL INTEIRO.





(MAPA DO ROTEIRO DE TURISMO RURAL "Caminhos da Cecília"
- PALMEIRA PARANÁ - MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - 2003)

ATIVIDADES

1) Esse material foi distribuído em nossa cidade no ano de 2003 com um projeto sobre os pontos turísticos daqui. Faça uma pequena pesquisa sobre alguns desses pontos e registre nos campos em branco as principais informações encontradas.

SÍTIO MINGUINHO

CAPELA SANTA BÁRBARA

CASA DOS DESCENDENTES DA COLÔNIA CECÍLIA

MEMORIAL COLÔNIA CECÍLIA

2) Agora que conhecemos um pouco mais sobre a história da Colônia Cecília, escreva um pequeno texto sobre a importância da Colônia Cecília para a história da nossa cidade.

REFERÊNCIAS

- EMMANUEL, José Antônio. **A ANARQUIA EXPLICADA PARA CRIANÇAS**. Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí, 2014.
- FELICI, Isabelle. **A VERDADEIRA HISTÓRIA DA COLÔNIA CECÍLIA DE GIOVANNI ROSSI**. Tradução: Edilene T. Toledo Revisão: Sergio S. Silva, 1998.
- HENRIQUES, Maria José Rizzi; SILVA, Rosemeiri Custódio da; FORMENTÃO, Francismar. **VOZES ANARQUISTAS NA CULTURA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO BAKHTINIANO**. VARIA SCIENTIA, v. 06, n. 12, dezembro de 2006. p. 135-149.
- Jornal Gazeta de Palmeira**. Anos de 1990-1991, 2003, 2015-2016. Edições variadas. Palmeira-Pr.
- LUCA, Anelise Grünfeld de; SANTOS, Sandra Aparecida dos; DEL PINO, José Claudio; PIZZATO, Michelle Câmara. **Proposições de professores acerca da problematização de temas científicos por meio de livros paradidáticos e/ou de divulgação científica**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.
- MALATESTA, Errico. **Anarquia**. 1907.
- MELLO NETO, Candido de. **O anarquismo experimental de Giovanni ROSSI. De Poggio al Mare à Colônia Cecilia**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2^a ed., 1998.
- MUELLER. Helena Isabel. **Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista**. Editora: Aos quatro ventos. 1999.
- RODRIGUES, Rosicler Martins. **Paradidático e Educação: uma conversa informal**. Comunicação & Educação, São Paulo, (71): p. 79 a 84, set./dez. 1996.
- ROSSI, Giovanni (Cardias): **Colônia Cecília e outras utopias**. Estado do Paraná: Imprensa Oficial. 2000.
- ROSSI, Giovanni: **Un Comune Socialista**. 1891.
- STADLER DE SOUZA, Newton. **O anarquismo da colônia Cecília**. Rio de Janeiro, 1970.

YACUBIN, Flávia; KROLL, Guilherme; TUDREY, Natália; BRAZ, William. **Publicações independentes anarquistas editadas por jovens.** XXVIII INETRCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UERJ, set 2005.

ZAMBONI, Ernesta. **Representações e linguagens no ensino de história.** Rev. bras. Hist. [online]. 1998, vol.18, no.36 [cited 26 May 2005], p. 89-102. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200005&lng=en&nrm=iso>. (acessado em 19/12/2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Colônia Cecília teve, sem dúvidas, uma relevância histórica considerável, não apenas para a cidade de Palmeira ou mesmo para o Estado do Paraná, mas para a utopia anarquista como um todo, seu legado atravessa o tempo e atinge hoje mais de cento e vinte e oito anos, os quais, envolvendo inúmeros estudos, releituras e debates nos meios acadêmicos e/ou informais.

Recaiu sobre a pequena cidade de Palmeira a tarefa de manter a história da Colônia e, por consequência a sua própria história, resguardada e aberta para pesquisadores do mundo inteiro.

Para tentar resgatar um pouco do que foi essa tarefa, recorremos ao periódico por entende-lo como um importante caminho para perceber a relevância da história da Colônia Cecília para uma sociedade como essa, de pequeno porte no interior do Paraná.

Como resultado, encontramos um número considerável de referências a ela por parte deste periódico, ressaltando em diversos momentos, embora com alguns equívocos recorrentes sobre elementos que compõe tal história, a importância dessa Colônia a qual destoava das demais Colônias da região, por uma particularidade ideológica não muito comum entre os demais imigrantes que vieram para o Brasil.

Em cada ano que pesquisamos, diferentes contextos traziam à tona novamente a Colônia Cecília, seja pela construção do monumento em homenagem à experiência anarquista, seja pela relevância turística ou mesmo pela curiosidade de pesquisadores que voltam constantemente ao tema, fato é que estudar a história da cidade de Palmeira é passar, involuntariamente, pela Colônia Cecília.

A cidade de Palmeira viu-se rodeada por uma possibilidade turística e econômica envolvendo sua história e ao longo do tempo tentou explorá-la das mais diversas maneiras, sendo pelo viés turístico ou histórico, ou mesmo por ambos, as tentativas aconteceram e, ainda que carecendo de maiores investimentos, tais realizações foram o que manteve a estreita relação da história e do legado da Colônia Cecília presente no cotidiano da cidade.

Outro aspecto relevante que a pesquisa trouxe à tona foi a dificuldade encontrada para a manutenção da história da Colônia Cecília em vias de patrimônio histórico material, a parte das várias tentativas feitas como restaurantes particulares, museus e simpósios realizados para tal propósito, a mais esperada construção, a qual,

além de ter um promissor retorno turístico e econômico para a cidade e os comerciantes locais, estava prevista na Constituição Estadual, passou por nada menos que duas décadas e meia para ter sua construção finalizada.

Cabe ressaltar que, através do Jornal percebemos uma insistente cobrança para que a realização fosse concretizada, no entanto, o principal fato é que não se justifica tal demora, mesmo porque, através das leis e decretos apresentados no trabalho, se vê a destinação de verbas para tal obra, o que, mesmo assim, não foi suficiente para sua realização em um menor espaço de tempo.

À parte essa dificuldade apontada, a cidade não parou suas ações para manter viva a história da Colônia, vê-se isso em 2008 com a Lei 2737 e sua preocupação em inserir a experiência anarquista como um componente curricular nas escolas municipais da cidade, muito embora não tenha tido aplicação concreta nos anos posteriores, mostrou que o tema é reconhecido de forma pontual como componente relevante da história local.

Essa importância se dá porque a cidade de Palmeira, formada por imigrantes, tem na história da Colônia Cecília a imigração como componente extremamente relevante, o que não isola o tema de outros elementos pertinentes da formação da sociedade palmeirense, sendo, antes, um elo de ligação entre os mesmos.

Essa situação também contribuiu para que o objetivo de fazer um livro paradidático fosse considerado relevante, afinal, não é cabível apenas exigir que tal conteúdo seja contemplado em sala de aula, mas dar meios para o que mesmo seja executado de maneira satisfatória e, se tratando de estudantes do primeiro ciclo do ensino fundamental, fazer isso de forma atrativa é um desafio a ser considerado.

O paradidático aqui apresentado visa ser esse amparo aos docentes na busca por realizar a função prevista em lei, dessa forma, ampliar os trabalhos voltados para esse público, uma vez que a grande parte dos trabalhos realizados sobre a Colônia contemplam o meio acadêmico.

A experiência anarquista ficou resguardada em livros, filmes, peças de teatro, trabalhos acadêmicos e também nas linhas do jornal, sendo esse uma relevante fonte de estudo para sua história, a qual, pela sua disponibilidade facilitada hoje pela internet pode se constituir em outro importante recurso didático para se trabalhar a Colônia Cecília.

O trabalho com a história carrega uma série de desafios que vão sendo superados pouco a pouco no decorrer do processo de escrita da mesma, e o trabalho aqui apresentado tentou percorrer um pouco da dificuldade que é manter presente e atual a história da Colônia Cecília.

Entre os anos pesquisados no Jornal Gazeta de Palmeira, essa história mostra-se presente, ainda que com dificuldades das mais variadas ordens, o esforço e a perseverança para que esse elemento presente na vida e na história do povo de Palmeira, do Paraná, do Brasil e do mundo, vá além de uma mera passagem factual, mas seja entendida enquanto contempladora de um carácter histórico, social, político e ideológico com um legado presente e relevante para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. **Imprensa: Fonte de estudo para construção e reconstrução da história.** X Encontro Estadual de História. Santa Maria, Rio Grande do Sul. 26 a 30 de junho de 2010.
- ALENCASTRO, Luis Felipe de. RENAUX, Maria Luiza. **Caras e modos do migrantes e imigrantes.** In: NOVAIS, Fernando A. (coord); ALENCASTRO, Luis Felipe de. (org). **História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional.** Vol 2, página 291-336. Companhia das letras, 1997. São Paulo.
- ALVIM, Zuleika. **Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo.** In: NOVAIS, Fernando A. (coord); SEVCENKO, Nicolau. (org). **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio.** Vol 3, página 215-288. Companhia das Letras, 1998. São Paulo.
- BACH, Arnoldo Monteiro. **Colônia Cecília.** Estúdio Texto. Ponta Grossa, 2011.
- BACZKO, Bronislaw. "A imaginação social". In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BAETA LEAL, Claudia Feierabend. **Anarquismo e segurança pública: São Paulo, 1894.** História Social, n. 16, p. 45-62. 2009.
- BANDEIRA DE MELO, Patrícia. **Um passeio pela História da Imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço.** Revista Comunicação & informação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, V. 8, n. 1, (jan./ jun. 2005).
- BARBOSA, Elaine Alves. **Anarquistas no Brasil: a colônia Cecília de Giovanni Rossi e o Socialismo Experimental.** Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, ano 2, v. 1, n. 3, p. 7-23. 2014.
- BEZERRILL, Simone da Silva. **Imprensa e Política: Jornais como fonte e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão.** Maranhão: UEMA, p.02, 2011.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política.** Vol.1. 11. ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.
- CALONGA, Maurilio Dantielly. **O jornal e suas representações: Objeto ou fonte da história.** Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. **MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO Maria Ligia. **O bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamaron; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da História** **Ensaios de teoria e metodologia.** - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. **Apontamentos metodológicos acerca da crítica das fontes na historiografia.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.42, p. 296-300, jun 2011.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional.** In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002.

CHARTIER, Roger. **Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais.** In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações.** Col. **Memória e sociedade.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Constituição Estadual do Paraná. Publicado no Diário Oficial no. 3116 de 5 de Outubro de 1989. Disponível em:

<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=iniciarProcesso&tipoAto=10&orgaoUnidade=1100&retiraLista=true&site=1> (acesso em 09/01/2018)

COSTA NUNES, Fabiana Glória. **A evolução da edição gráfica.** SOLETRAS, Ano X, Nº 19, jan./jun. 2010. São Gonçalo: UERJ, 2010 – Suplemento 45.

MELLO NETO, Candido de. **O anarquismo experimental de Giovanni ROSSI. De Poggio al Mare à Colônia Cecilia.** Ponta Grossa, Editora UEPG, 2^a ed., 1998.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto/Edunesp, 1997.

FELICI, Isabelle. **A VERDADEIRA HISTÓRIA DA COLÔNIA CECÍLIA DE GIOVANNI ROSSI.** Tradução: Edilene T. Toledo Revisão: Sergio S. Silva, 1998.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um lugar na história local.** Ensino em Re-Vista. Jan/Dez 1995, pág. 43-51.

FERREIRA LEITE, Carlos Henrique. **História e Imprensa: A importância e a contribuição dos jornais no conhecimento histórico.** XIV Encontro Regional de História. 1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil. Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão, 7 à 10 de outubro de 2014.

FRANCISCA DA SILVA, Giuslane. **HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou.** 2^a ed. São Paulo: Centauro, 2013. Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus.** Companhia das Letras, 2009.

GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **O Bairro.** In: CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinar.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GUARNIERI, Ivanor Luiz; ALVES; LOPES, Fábio. **Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa.** Porto Velho. Labirinto - Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. 2007

GUIMARÃES, Valéria. **Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX.** Revista Brasileira de História, vol.27, no.53, São Paulo Jan./Jun 2007.

Jornal Gazeta de Palmeira. Anos de 1990-1991, 2003, 2015-2016. Edições variadas. Palmeira-Pr.

KASSICK, Clovis Nicanor. **Pedagogia Libertária na história da educação brasileira.** Campinas. 2008)

KONDER, Leandro. **Benjamin e o marxismo.** Alea vol.5 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2003.

LAMB, Roberto Edgar. **Uma jornada civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na província do Paraná – 1867 à 1882.** Curitiba, 1994.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos.** Rio Grande do Sul, 2015, p. 4. 2015.

LEITE, Miriam M. **Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura.** São Paulo: Ática, 1984.

LOLLA, Beatriz Pellizzetti. **Reflexões sobre uma utopia do século XIX.** 1999.

LUCA, Taina Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, Anelise Grünfeld de; SANTOS, Sandra Aparecida dos; DEL PINO, José Claudio; PIZZATO, Michelle Câmara. **Proposições de professores acerca da problematização de temas científicos por meio de livros paradidáticos e/ou de divulgação científica.** XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

MAGALHÃES, Marion Brephol de. **Paraná: política e governo.** Curitiba: SEED, 2001.

MAGALHÃES, Wallace Lucas. **O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczko e Bourdieu.** Albuquerque – revista de história. vol. 8, n. 16. jul.-dez./2016, p. 92-110.

MASSINI, Mario Guillermo. **Subjetividades anarquistas: o caso da Colônia Cecília.** Campinas, SP, 2011.

MELLO, Xênia Karoline. **O protagonismo da mulher e a comunidade anarquista na obra “Um amor anarquista: uma mulher para três homens. Uma terra para todos. Um amor para sempre” de Miguel Sanches Neto.** Curitiba. UTFPR, 2012.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAES, José Damiro de. **Educação Anarquista no Brasil da Primeira República**. Disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_052.html. Acessado em 2017.

MUELLER, Helena Isabel. **Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista**. Editora: Aos quatro ventos. 1999.

MUELLER, Helena Isabel. **Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista: colônia Cecília**. São Paulo, 1989. Tese de doutoramento - departamento de história - Universidade de São Paulo.

PERUZZO, Gabriel. **A FAMÍLIA NUCLEAR SOB AS LENTES LIBERTÁRIAS DE GIOVANNI ROSSI**. Revista: Tempos Acadêmicos. UNESC. n.5, 2007.

PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PRACCHIA, Lygia. **Os libertários e os caminhos da emancipação feminina SP-RJ, 1900/30**. São Paulo: Dissertação de Mestrado PUC-SP, 1992.

RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo: Edunesp, 2001.

RAGO, Margareth. **Novos modos de subjetivar: a experiência da organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola**. Estudos feministas. Florianópolis. 2008.

RODRIGUES, André. **O Primeiro de Maio nos jornais anarquistas A Plebe e A Lanterna (1932-1935)**. Vozes, Pretérito & Devir Ano III, Vol. IV, Nº 1 (2015) Dossiê Temático: Trabalho e movimentos sociais ISSN: 2317-1979.

RODRIGUES, Rosicler Martins. **Paradidático e Educação: uma conversa informal**. Comunicação & Educação, São Paulo, (71): p. 79 a 84, set./dez. 1996.

ROSSI, Giovanni (Cardias): **Colônia Cecília e outras utopias**. Estado do Paraná: Imprensa Oficial. 2000.

ROSSI, Giovanni: **Un Comune Socialista**. 1891.

SAMUEL, Raphael. **Documentação História Local e História Oral**. Tradução Zena Winoma Eisenberg. Revista Brasileira de História. V.9, nº 19, p.219-243. São Paulo, set89/fev90.

SANCHES NETO, Miguel. **Um amor anarquista**. RECORD, 2005.

SANDOVAL SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência.** Psicol. USP v.4 n.1-2 São Paulo, 1993.

SANTIAGO, Ana Maria de Almeida; ARAÚJO, Helena Maria Marques. **USO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA.** XXII Simpósio Nacional de História – João Pessoa, PB – 2003 – Anais eletrônicos

SCHMIDT, Afonso. **Colônia Cecília.** Brasiliense. 1942.

SHANTZ, Jeffrey Arnold. **Anarquia é ordem: movimentos anarquistas como políticas construtivas.** Impulso: Piracicaba, 2004.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. **República: memória, história e perspectivas de pesquisa.** Tempo [online]. 2008, vol.13, n.26, pp.32-55.

SOUZA, Danilo Rodrigues; CABRAL FILHO, Severino. **O periódico como fonte de pesquisa histórica: trabalho e trabalhadores no jornal “Diário da Borborema” – Campina Grande, 1957-1980.** XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, 22-26 de julho 2013.

STADLER DE SOUZA, Newton. **O anarquismo da colônia Cecília.** Rio de Janeiro, 1970.

TEDESCHI, L. A. **História das Mulheres e representações sociais.** São Paulo: Curt Nimuendajú, 2008.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. **História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história.** Antíteses, Ahead of Print do vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010.

VALENTE, Silza Maria Pazello - **A Presença Rebelde na Cidade Sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920.** UNICAMP, 1992.

VASCONCELOS, José Antonio. **Anarquismo e utopia: As ideias políticas de Giovanni Rossi.** UFPR, 1996.

WEBER, Daniela Maria. **METODOLOGIA PARA PESQUISA EM IMPRENSA: EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS D'O PALADINO.** *Signos*, ano 33, n. 1, p. 9-21, 2012.

YACUBIN, Flávia; KROLL, Guilherme; TUDREY, Natália; BRAZ, William. **Publicações independentes anarquistas editadas por jovens.** XXVIII INETRCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UERJ, set 2005.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa – Algumas considerações metodológicas.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 4, 1985.

ZAMBONI, Ernesta. **Representações e linguagens no ensino de história.** Rev. bras. Hist. [online]. 1998, vol.18, no.36 [cited 26 May 2005], p. 89-102. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200005&lng=en&nrm=iso>. (acessado em 19/12/2017)